

O NOVO ROMANCE DA AUTORA DO *BESTSELLER*
JONATHAN STRANGE & O SR. NORRELL

SUSANNA
CLARKE



PIRANESI

UM DOS MELHORES LIVROS
DE 2020 SEGUNDO O *FINANCIAL*
TIMES E A REVISTA *SLATE*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título: Piranesi

Título original: Piranesi

Autor: Susanna Clarke

Editora: Marta Ramires

Tradução: Pedro Branco e Marta Jacinto

Revisão: C. Monteiro

ISBN: 9789896611422

CASA DAS LETRAS

[Uma chancela do Grupo LeYa]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Susanna Clarke, 2020

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.casadasletras.leya.com

www.leya.pt

Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Parte 1: Piranesi](#)

[Parte 2: O Outro](#)

[Parte 3: O Profeta](#)

[Parte 4: 16](#)

[Parte 5: Valentine Ketterley](#)

[Parte 6: Onda](#)

[Parte 7: Matthew Rose Sorensen](#)

SUSANNA CLARKE
PIRANESI
Tradução
Pedro Branco e Marta Jacinto

Para Colin

«Eu sou o grande acadêmico, o mágico, o sábio, que *realiza* a experiência. Claro que preciso de cobaias para a testar.»

O Sobrinho do Mágico, C.S. Lewis

«As pessoas chamam-me filósofo ou cientista, ou antropólogo. Não sou nada disso. Sou um “amnesiólogo”. Estudo o que foi esquecido. Revelo o que foi completamente desmemoriado. Trabalho com as falhas, com os silêncios, com os vazios curiosos entre as coisas. Na verdade, sou mais um mágico do que qualquer outra coisa.»

Laurence Arne-Sayles, entrevista em
The Secret Garden, maio 1976.

PARTE 1
PIRANESI

Quando a Lua nasceu no Terceiro Salão Setentrional, fui ao Nono Vestíbulo

ENTRADA DO PRIMEIRO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Quando a Lua nasceu no Terceiro Salão Setentrional, dirigi-me ao Nono Vestíbulo para observar a junção das três Marés. Isto é algo que acontece apenas uma vez a cada oito anos.

O Nono Vestíbulo é impressionante pelas suas três grandes Escadarias. As suas Paredes estão cobertas de Estátuas de mármore, centenas e centenas delas, Nível sobre Nível, ascendendo a grandes alturas.

Escalei a Parede Ocidental até chegar à Estátua de uma Mulher que carrega uma Colmeia, quinze metros acima do Pavimento. A Mulher é duas ou três vezes mais alta do que eu e a Colmeia está coberta de Abelhas de mármore do tamanho do meu polegar. Uma Abelha – e isto dá-me sempre uma sensação de desconforto – passeia sobre o seu Olho esquerdo. Encolhi-me para Me enfiar no Nicho da Mulher e esperei até ouvir as Marés rugirem nos Salões Inferiores e sentir as Paredes vibrarem com a força do que estava para acontecer.

Primeiro, veio a Maré dos Salões Extremo Orientais. Esta Maré ascendeu pela Escadaria Mais Oriental sem violência. Não tinha uma cor relevante e as suas Águas não alcançavam uma altura superior à do tornozelo. Cobriu o Pavimento com um espelho acinzentado, cuja superfície tinha um efeito marmoreado com veios de Espuma leitosa.

Depois, chegou a Maré dos Salões Ocidentais. Esta Maré ecoou pela Escadaria Mais Ocidental e atingiu a Parede Oriental com um grande Estrondo, fazendo estremecer todas as Estátuas. A sua Espuma tinha o branco de espinhas antigas e as suas profundezas agitadas eram cinzentas como chumbo. Em segundos, as suas Águas atingiram a altura das Cinturas do Primeiro Nível de Estátuas.

Por fim, veio a Maré dos Salões Setentrionais. Galgou a Escadaria intermédia, enchendo o Vestíbulo com uma explosão de Espuma branca e brilhante como neve. Fiquei encharcado e cego. Quando recuperei a visão, as Águas desciam em cascata sobre as Estátuas. Foi então que percebi que cometera um erro ao calcular o volume da Segunda e Terceira Marés. Uma Onda gigantesca elevou-se até onde me tinha agachado. Um enorme Golpe de Água arrancou-me da Parede. Estendi os braços em redor das

Pernas da Mulher que carrega uma Colmeia e rezei à Casa para me proteger. As Águas cobriram-me e, por um instante, fiquei rodeado pelo silêncio estranho que surge quando o Mar nos submerge e abafa os seus próprios sons. Pensei que ia morrer; ou que seria arrastado para Salões Desconhecidos, para longe da agitação e murmúrio de Marés Familiares. Agarrei-me com força.

Então, tão repentinamente como começou, tudo acabou. A Junção das Marés cobriu os Salões circundantes. Ouvei o estrondo e a rebentação à medida que as Marés atingiam as Paredes. As Águas no Nono Vestíbulo baixaram rapidamente até praticamente não cobrirem os Plintos do Primeiro Nível de Estátuas.

Percebi que segurava algo. Abri a mão e encontrei um Dedo de mármore de alguma Estátua Distante que as Marés ali tinham depositado.

A Beleza da Casa é imensurável; a sua Bondade é infinita.

Uma descrição do Mundo

ENTRADA DO SÉTIMO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Estou determinado a explorar o máximo possível do Mundo durante o meu tempo de vida. Para tal, viajei tão longe quanto o Nongentésimo Sexagésimo Salão a Oeste, o Octingentésimo Nonagésimo Salão a Norte e o Septingentésimo Sexagésimo Salão a Sul. Subi até aos Salões Superiores onde as Nuvens se movem numa lenta procissão e as Estátuas surgem repentinamente por entre a Névoa. Explorei os Salões Submersos onde as Águas Negras estão coberta de nenúfares brancos. Vi os Salões Decrépitos a Este, onde Tetos, Pavimentos – por vezes, até as Paredes! – colapsaram e a escuridão é quebrada por nergas de Luz cinzenta.

Em todos estes locais, permaneci nas Entradas e olhei em frente. Nunca observei nenhuma indicação de que o Mundo estivesse a chegar ao Fim, mas apenas uma progressão regular de Salões e Passagens que se entendem à Distância.

Nenhum Salão, nenhum Vestíbulo, nenhuma Escadaria, nenhuma Passagem estão despídos das suas Estátuas. Na maioria dos Salões, estas cobrem todo o espaço disponível, apesar de aqui e ali encontrar um Plinto, um Nicho ou uma Abside Vazios, ou até mesmo um espaço vazio numa Parede, que, caso contrário, estaria coberta com Estátuas. Estas Ausências são tão misteriosas como as próprias Estátuas.

Observei que, ao passo que as Estátuas de um determinado Salão são mais ou menos uniformes em tamanho, existem diferenças consideráveis entre Salões. Em alguns locais, as figuras são duas ou três vezes mais altas do que um Ser Humano; noutros, mais ou menos de tamanho real e, noutros ainda, chegam apenas à altura do meu ombro. Os Salões Submersos contêm Estátuas gigantescas – com quinze a vinte metros de altura –, mas estes são a exceção.

Iniciei um Catálogo em que pretendo registar a Localização, Tamanho e Tema de cada Estátua, e outros pontos de interesse. Até agora, terminei o Primeiro e Segundo Salões Sul-Occidentais e estou embrenhado no Terceiro. A enormidade desta tarefa faz-me, por vezes, sentir um pouco tonto, mas como cientista e explorador, tenho o dever de prestar testemunho dos Esplendores do Mundo.

As Janelas da Casa têm vista para Grandes Pátios; vastos espaços áridos, pavimentados com pedra. Os Pátios são, em geral, quadrangulares, apesar de, pontualmente, se encontrar um com seis, ou oito lados, ou até mesmo apenas três lados – estes são um pouco estranhos e obscuros.

No exterior da Casa existem apenas Objetos Celestiais: Sol, Lua e Estrelas.

A Casa tem três Níveis. Os Salões Inferiores são o Domínio das Marés; as suas Janelas – quando vistas do lado oposto de um Pátio – são de um cinza-esverdeado com as Águas agitadas e brancas com os salpicos de Espuma. Os Salões Inferiores oferecem alimento na forma de peixe, crustáceos e vegetação marinha.

Os Salões Superiores são, tal como disse, o Domínio das Nuvens; as suas Janelas são brancas-acinzentadas e nubladas. Por vezes, pode ver-se uma linha inteira de Janelas repentinamente iluminada por um relâmpago. Os Salões Superiores oferecem Água Fresca, que cai nos Vestíbulos sob a forma de Chuva e que corre em Riachos pelas Paredes e Escadarias.

Entre estes dois Níveis (largamente inabitáveis), encontram-se os Salões Intermédios, que são o Domínio das aves e dos homens. A Maravilhosa Ordenação da Casa é o que nos dá Vida.

Esta manhã, olhei por uma Janela no Décimo Oitavo Salão Sul-Occidental. No outro lado do Pátio, vi o Outro que olhava por uma Janela. A Janela era alta e escura; a cabeça nobre do Outro, com a sua testa alta e barba bem aparada estava enquadrada num Canto. Estava perdido nos seus

pensamentos, como habitualmente. Acenei-lhe. Não me viu. Acenei de forma mais extravagante. Saltei energicamente para cima e para baixo. Mas as Janelas da Casa são muitas e ele não me viu.

Uma lista de todas as pessoas que viveram e o que se sabe sobre elas

ENTRADA DO DÉCIMO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Desde que o Mundo começou, é certo que existiram quinze pessoas. É possível que tenham existido mais; mas eu sou um cientista e devo proceder de acordo com as provas. Das quinze pessoas cuja existência pode ser verificada, apenas Eu e o Outro ainda vivemos.

Vou agora identificar as quinze pessoas e apresentar, quando for relevante, a sua localização.

Primeira Pessoa: Eu

Penso ter entre trinta e trinta e cinco anos. Tenho aproximadamente 1,83 metros de altura e uma constituição elegante.

Segunda Pessoa: O Outro

Estimo que a idade do Outro seja entre cinquenta e sessenta anos. Tem aproximadamente 1,88 metros de altura e, tal como eu, é magro. É forte e atlético para a sua idade. A sua pele tem um tom azeitona pálido, o cabelo curto e o bigode são castanhos-escuros. Tem uma barba a tornar-se grisalha, quase branca; está bem aparada e ligeiramente bicuda. Os ossos da cabeça são particularmente elegantes, com maçãs do rosto que sobressaem, aristocráticas, e uma testa alta e impressionante. A impressão geral que oferece é a de uma pessoa simpática, mas ligeiramente austera, dedicada à vida intelectual.

É um cientista como eu e o único outro ser vivo, pelo que, naturalmente, prezo bastante a sua amizade.

O Outro acredita que existe um Grande Conhecimento Secreto escondido algures no Mundo, que nos trará um enorme poder quando o descobirmos. Não está bem certo do que é exatamente esse Conhecimento, mas por várias ocasiões sugeriu que poderá incluir o seguinte:

1. vencer a Morte e atingir a imortalidade
2. saber o que pensam as outras pessoas através de um processo de telepatia
3. transformarmo-nos em águias e voar pelo Ar

4. transformarmo-nos em peixes e nadar pelas Marés
5. mover objetos apenas através dos nossos pensamentos
6. apagar e reacender o Sol e as Estrelas
7. dominar mentes inferiores e subjugar-las à nossa vontade

Eu e o Outro buscamos afincadamente este Conhecimento. Encontramos duas vezes por semana (às Terças e Sextas) para discutir o nosso trabalho. O Outro organiza o seu tempo meticulosamente e nunca permite que as nossas reuniões durem mais de uma hora.

Se precisar de mim noutras alturas, ele chama «Piranesi!» até eu aparecer.

Piranesi. É como me chama.

O que é estranho porque, tanto quanto me lembro, não é esse o meu nome.

Terceira Pessoa: O Homem da Caixa de Biscoitos

O Homem da Caixa de Biscoitos é um esqueleto que repousa num Nicho Vazio no Terceiro Salão Norte-Occidental. Os ossos foram ordenados de uma maneira particular: os compridos, de tamanho semelhante, foram reunidos e atados com um cordel feito de algas. O crânio foi depositado à direita e à esquerda, encontra-se uma caixa de biscoitos com todos os ossos pequenos – ossos dos dedos das mãos e dos pés, vértebras, etc. A caixa de biscoitos é vermelha. Tem uma imagem de biscoitos e ostenta a legenda *Huntley Palmers e Family Circle*.

Quando descobri o Homem da Caixa de Biscoitos, o cordel de algas secara e tinha-se desfeito, provocando uma grande confusão. Arranjei um novo cordel feito de pele de peixe e ateí de novo o conjunto de ossos. Agora, está novamente em ordem.

Quarta Pessoa: A Pessoa Oculta

Um dia, há três anos, subi a Escadaria do Décimo Terceiro Vestíbulo. Ao perceber que as Nuvens tinham desaparecido daquela Região dos Salões Superiores e que estes se encontravam iluminados pela Luz Solar, decidi explorar um pouco mais. Num dos Salões (no que se encontrava posicionado diretamente por cima do Décimo Oitavo Salão Setentrional), encontrei um esqueleto meio desfeito enfiado num espaço exíguo entre um Plinto e a Parede. Pela disposição dos ossos, penso que estaria originalmente na posição sentada, com os joelhos encostados ao queixo.

Fui incapaz de determinar o sexo. Se retirasse os ossos para os examinar, seria incapaz de os voltar a colocar na posição original.

Da Quinta à Décima Quarta Pessoa: As Pessoas da Alcova

Todas as Pessoas da Alcova são esqueletos. Os seus ossos estão dispostos lado a lado num Plinto Vazio na Alcova Mais a Norte do Décimo Quarto Salão Sul-Occidental.

Consegui, provisoriamente, identificar três esqueletos de mulher e três de homem, e há quatro que não fui capaz de determinar com segurança. Chamei a um deles Homem da Pele de Peixe. O esqueleto do Homem da Pele de Peixe está incompleto e grande parte dos ossos está desgastada pelas Marés. Alguns são pouco mais do que pequenos pedaços de osso. Existem pequenos orifícios perfurados nas extremidades de alguns deles e fragmentos de pele de peixe. Daqui, retirei as seguintes conclusões:

1. O esqueleto do Homem da Pele de Peixe é mais antigo do que os outros
2. O esqueleto do Homem da Pele de Peixe esteve, em tempos, disposto de maneira diferente, com os ossos ligados entre si com fios de pele de peixe, mas, com o tempo, a pele de peixe apodreceu
3. As pessoas que se sucederam ao Homem da Pele de Peixe (presumivelmente, as Pessoas da Alcova) tinham a vida humana em tal apreço que, pacientemente, recolheram os seus ossos e os depositaram junto dos seus próprios mortos

Questão: quando me sentir a morrer, devo ir deitar-me junto das Pessoas da Alcova? Há, calculo eu, espaço para mais quatro adultos. Ainda que seja jovem e que o dia da minha Morte ainda esteja longe (espero eu), tenho pensado seriamente neste assunto.

Outro esqueleto está depositado junto das Pessoas da alcova (ainda que não conte como uma das pessoas que aqui viveram). São os restos de uma criatura com aproximadamente 50 centímetros de comprimento e uma cauda do mesmo tamanho do corpo. Comparei os ossos com as diferentes espécies de Criaturas representadas nas Estátuas e acredito que pertençam a um macaco. Nunca vi um macaco vivo na Casa.

Décima Quinta Pessoa: A Criança Dobrada

A Criança Dobrada é um esqueleto. Penso que seja uma menina com aproximadamente sete anos. Encontra-se depositada num Plinto Vazio no

Sexto Salão Sul-Oriental. Os seus joelhos estão dobrados e alinhados com o seu queixo, os seus braços abraçam os joelhos e a sua cabeça está inclinada para baixo. Tem um colar de contas de coral e espinhas de peixe à volta do pescoço.

Tenho pensado muito na relação desta criança comigo. Neste Mundo (como já expliquei) vivemos apenas Eu e o Outro; e ambos somos homens. Como é que o Mundo terá um Habitante quando morrermos? Acredito que o Mundo (ou, se quiserem, a Casa, já que os dois são, para todos os efeitos, idênticos) precisa de um Habitante para Si, para testemunhar a sua Beleza e receber as suas Dádivas. Presumi que a Casa desejava que a Criança Dobrada fosse a minha Esposa, só que aconteceu algo que o impediu. Logo que tive este pensamento, pareceu-me correto partilhar com ela tudo o que tenho.

Visito os Mortos todos, mas em especial a Criança Dobrada. Levo-lhes comida, água e nenúfares dos Salões Submersos. Falo com eles, contando-lhes o que tenho andado a fazer e descrevo todas as Maravilhas que tenho visto pela Casa. Assim, eles sabem que não estão sozinhos.

Só eu faço isto. O Outro não. Que eu saiba, ele não tem qualquer prática religiosa.

A Décima Sexta Pessoa

E Tu. Quem és Tu? Para quem estou eu a escrever? Serás Tu um viajante que enganou as Marés e atravessou os Pavimentos Caídos e as Escadas Apodrecidas para chegar a estes Salões? Ou, talvez, sejas alguém que habita os meus próprios Salões muito depois de eu ter morrido?

Os meus Diários

ENTRADA DO DÉCIMO SÉTIMO DIA DO QUINTO MÊS NO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Anoto o que vejo nos meus cadernos de apontamentos. E faço-o por duas razões. A primeira é porque a Escrita incute hábitos de precisão e zelo. A segunda é para preservar todo e qualquer conhecimento que possuo para ti, a Décima Sexta Pessoa. Guardo os meus cadernos numa bolsa de tiracolo de couro castanho; a bolsa está, geralmente, guardada num espaço vazio por trás da Estátua de um Anjo preso numa Roseira, no Canto Norte-Oriental do Segundo Salão Setentrional. É aqui que guardo também o meu relógio, de que necessito às Terças e Sextas, quando vou ao

encontro do Outro às 10 horas. (Nos outros dias, evito andar com ele, com medo de que a Água do Mar o molhe e danifique o mecanismo.)

Um dos meus cadernos de apontamentos é a minha Tabela das Marés. Nele aponto as Horas e as Alturas das Marés Cheias e Vazias e calculo as Marés vindouras. Outro dos meus cadernos é o meu Catálogo de Estátuas. Nos outros, vou registando o meu Diário, onde escrevo os meus pensamentos e memórias, de forma a registar os meus dias. Até agora, o meu Diário encheu nove cadernos; este é o décimo. Estão todos numerados e a maioria etiquetada com as datas a que se referem.

O N.º 1 tem a etiqueta *dezembro de 2011 a junho de 2012*

O N.º 2 tem a etiqueta *junho de 2012 a novembro de 2012*

O N.º 3 tinha a etiqueta *novembro de 2012*, mas esta foi riscada a dada altura e renomeado *Trigésimo Dia do Décimo Segundo Mês do Ano do Choro e Lamento, até ao Quarto Dia do Sétimo Mês do Ano em que descobri os Salões de Coral*

Tanto o N.º 2 como o N.º 3 têm hiatos onde páginas foram violentamente arrancadas. Tentei perceber a razão por detrás disto e quem o terá feito, mas, até agora, ainda não cheguei a nenhuma conclusão.

O N.º 4 tem a etiqueta *Décimo Dia do Sétimo Mês do Ano em que descobri os Salões de Coral até ao Nono Dia do Quarto Mês do Ano em que batizei as Constelações*

O N.º 5 tem a etiqueta *Décimo Quinto Dia do Quarto Mês do Ano em que batizei as Constelações até ao Trigésimo Dia do Nono Mês do Ano em que contei e batizei os Mortos*

O N.º 6 tem a etiqueta *Primeiro Dia do Décimo Mês do Ano em que contei e batizei os Mortos até ao Décimo Quarto Dia do Segundo Mês do Ano em que os Tetos do Vigésimo e Vigésimo Primeiro Salões Norte-Orientais ruíram*

O N.º 7 tem a etiqueta *Décimo Sétimo Dia do Segundo Mês do Ano em que os Tetos do Vigésimo e Vigésimo Primeiro Salões Norte-Orientais caíram até ao último Dia do mesmo Ano*

O N.º 8 tem a etiqueta *Primeiro Dia do Ano em que viajei até ao Nongentésimo Sexagésimo Salão Ocidental até ao Décimo Quinto Dia do Décimo Mês do mesmo Ano*

O N.º 9 tem a etiqueta *Décimo Sexto Dia do Décimo Mês do Ano em que viajei até ao Nongentésimo Sexagésimo Salão Ocidental até ao Quarto Dia do Quinto Mês do Ano em que o Albatroz veio aos Salões Sul-Occidentais*

Este Diário (N.º 10) teve início no Quinto Dia do Quinto Mês do Ano em que o Albatroz veio aos Salões Sul-Occidentais.

Um dos problemas de manter um diário é a dificuldade em encontrar entradas importantes e, por isso, é minha prática utilizar um caderno de notas como índice para todos os outros. Neste caderno, atribuí um certo número de páginas a cada letra do alfabeto (mais páginas para letras comuns, tais como A e C; menos para letras que ocorrem com menos frequência, por exemplo Q e X). Por baixo de cada letra, enumero as entradas por assunto e onde se encontram nos meus Diários.

Lendo o que acabei de escrever, apercebi-me de um detalhe. Usei dois sistemas para contar os anos. Como pude não reparar nisto antes?

Sou responsável por esta asneira. Só é preciso um sistema de numeração. O uso de dois induz confusão, incerteza, dúvida e caos. (Além de ser esteticamente desagradável.)

De acordo com o primeiro sistema, denominei dois anos como 2011 e 2012. Isto soa-me muito pouco imaginativo. Além disso, não me consigo lembrar do que aconteceu há dois mil anos, o que me levou a escolher aquele ano como um bom ponto de partida. De acordo com o segundo sistema, denominei os anos como «O Ano em que batizei as Constelações» ou «O Ano em que contei e batizei os Mortos». Gosto muito mais desta opção. Dá a cada ano um carácter muito próprio. É este sistema que vou usar daqui para a frente.

Estátuas

ENTRADA DO DÉCIMO OITAVO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Há algumas Estátuas que aprecio mais que as outras. A da Mulher que carrega uma Colmeia é uma delas.

Outra – talvez a Estátua de que gosto mais de todas – fica numa Porta entre o Quinto e o Quarto Salões Norte-Occidentais. Trata-se da Estátua de um Fauno, uma criatura meio humana meio bode, com a cabeça coberta de caracóis exuberantes. Tem um ligeiro sorriso e pressiona o indicador sobre

os seus lábios. Sempre senti que me queria dizer algo ou talvez avisar-me de alguma coisa:

Silêncio!, parece dizer. *Tem cuidado!* Mas nunca percebi que perigo poderia haver. Uma vez, sonhei com ele; de pé numa floresta cheia de neve e a falar com uma menina.

A Estátua de um Gorila que se ergue no Quinto Salão Setentrional sempre me atraiu. Foi esculpido agachado, sobre os seus Membros Inferiores, inclinando-se para a frente e apoiando-se nos seus Poderosos Braços e Punhos. O seu Focinho fascina-me. As suas Grandes Sobrancelhas ofuscam os seus Olhos e, num humano, esta expressão seria de desconfiança, mas no Gorila parece significar exatamente o oposto. Ele representa muitas coisas, entre elas Paz, Tranquilidade, Força e Resistência.

Há muitas outras de que gosto – o Rapaz a tocar os Pratos, o Elefante que carrega um Castelo, os Dois Reis a jogar Xadrez. A última que vou mencionar não é exatamente uma das favoritas. É antes uma Estátua ou, para ser mais exato, um par de Estátuas que nunca passa despercebida sempre que as vejo. As duas Estátuas ladeiam a Porta Oriental do Primeiro Salão Ocidental. Têm aproximadamente seis metros de altura e duas características invulgares: primeiro, são muito maiores que as outras Estátuas do Primeiro Salão Ocidental; segundo, estão inacabadas. Os seus Troncos emergem da Parede à altura das suas Cinturas; os seus Braços esticam-se para trás para empurrar poderosamente; os seus Músculos incham com o esforço e as suas Caras estão contorcidas. Não são agradáveis à vista. Parecem estar em sofrimento, lutando para nascer; a luta parece estar perdida, mas, no entanto, não desistem. As suas Cabeças apresentam uns extravagantes chifres e daí tê-los baptizado Gigantes Chifrudos. Representam o Esforço e a Luta contra um Destino Cruel.

Será desrespeitoso para com a Casa gostar mais de algumas estátuas do que de outras? Às vezes, coloco-me essa questão. Creio que a Casa ama e abençoa da mesma forma tudo o que criou. Será que devo tentar fazer o mesmo? No entanto, e ao mesmo tempo, percebo que está na natureza do homem gostar mais de uma coisa do que de outra ou considerar alguma coisa mais importante do que outra.

As árvores existem?

ENTRADA PARA O DÉCIMO NONO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Muitas coisas são um mistério. Uma vez – há cerca de seis ou sete meses –, vi uma centelha amarela brilhante boiar sobre uma Maré calma, abaixo do Quarto Salão Ocidental. Sem perceber o que seria, entrei nas Águas e apanhei-a. Era uma folha, muito bonita, com dois lados curvados para um ponto em cada extremidade. Claro que podia ser um pedaço de algum tipo de planta marinha que nunca tivesse visto, mas tenho dúvidas. A textura parecia ser incorreta. A sua superfície repelia a Água, como se fosse algo destinado a viver no Ar.

PARTE 2
O OUTRO

Batter-Sea

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO NONO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, às dez horas, dirigi-me ao Segundo Salão Sul-Occidental para me encontrar com o Outro. Quando entrei no Salão, ele já lá estava, encostado a um Plinto Vazio, entretido com um dos seus aparelhos luminosos. Vestia um fato de lã cinza de bom corte e uma camisa branca que contrastava lindamente com o tom azeitona da sua pele.

Sem levantar os olhos do seu aparelho, disse:

– Preciso de algumas informações.

Ele é muitas vezes assim; tão compenetrado no que está a fazer que se esquece de dizer Olá ou Adeus ou de me perguntar como estou. Não me importo. Admiro a sua dedicação ao seu trabalho científico.

– Que informações? – perguntei. – Posso ajudá-lo?

– Certamente – respondeu. – Aliás, não irei muito longe se não o fizeres. Hoje o tema da minha pesquisa é... – Nessa altura, levantou os olhos do que estava a fazer e sorriu-me. – Tu.

O Outro tem um sorriso encantador quando se lembra de o utilizar.

– A sério? – respondi. – O que está a tentar descobrir? Tem alguma teoria sobre mim?

– Tenho.

– Qual?

– Não te posso revelar isso. Pode influenciar a informação.

– Oh! Sim. É verdade. Desculpe.

– Não faz mal – respondeu. – A curiosidade é natural.

Pousou o seu aparelho luminoso no Plinto Vazio e voltou-se.

– Senta-te – disse-me.

Sentei-me no Pavimento, de pernas cruzadas, e aguardei as suas questões.

– Estás confortável? – perguntou ele. – Ótimo. Agora, diz-me. Do que é que te recordas?

– Do que me recordo? – perguntei, confuso.

– Sim.

– Como questão, falta-lhe especificidade – respondi.

– Ainda assim – disse ele –, tenta responder.

– Bem – respondi. – Suponho que a resposta seja tudo. Lembro-me de tudo.

– A sério? – disse o Outro. – Isso é um pretensão bastante grande. Tens a certeza?

– Acho que sim.

– Dá-me alguns exemplos de coisas de que te lembras.

– Bem – disse eu. – Imagine que me indica um Salão a muitos dias de viagem daqui. Partindo do princípio de que eu já o tivesse visitado, poderia dizer-lhe imediatamente como lá chegar. Poderia nomear-lhe todos os Salões por onde teria de passar. Poderia descrever-lhe todas as Estátuas notáveis que veria nas Paredes e, com um razoável grau de exatidão, poderia indicar-lhe as suas posições; em que Parede se posicionam, seja a Norte, Sul, Este ou Oeste; e a distância a que se encontram ao longo da Parede. Também poderia enumerar todos...

– Então, e *Batter-Sea*? – perguntou o Outro

– Hum... Desculpe?

– *Batter-Sea*. Lembras-te de *Batter-Sea*?

– Não... Eu... *Batter-Sea*?

– Sim.

– Não estou a perceber...

Esperiei pela explicação do Outro, mas ele não adiantou nada. Notei que me observava atentamente e eu tinha a certeza de que esta questão era crucial para a pesquisa que estava a realizar, mas não fazia a menor ideia de como era suposto responder-lhe.

– *Batter-Sea* não é uma palavra – disse eu, por fim. – Não tem referência. Não há nada no Mundo que corresponda a essa combinação de sons.

Ainda assim, o Outro nada disse. Continuou a olhar-me atentamente. Olhei de volta, preocupado.

Então:

– Ah! – exclamei, como se se fizesse luz na minha mente. – Já percebi o que está a fazer! – E comecei a rir.

– O que estou a fazer? – perguntou o Outro, sorrindo.

– Precisa de perceber se estou a dizer a verdade. Acabei de dizer que consigo descrever o caminho para qualquer Salão que eu tenha visitado anteriormente. Mas não tem como verificar a veracidade do que afirmo.

Por exemplo, se lhe descrevesse o Caminho para o Nonagésimo Sexto Salão Setentrional, não saberia se as minhas indicações estavam corretas porque nunca lá foi. Por isso é que me colocou uma questão relativa a uma palavra sem sentido: *Batter-Sea*¹. Muito habilmente, escolheu uma palavra que soa a um lugar. Um lugar que é batido pelo Mar. Se lhe dissesse que me lembrava de tal sítio e lhe descrevesse o caminho para lá, saberia que eu estava a mentir. Saberia que estava simplesmente a exhibir-me. Perguntou-me isto como uma pergunta de controlo.

– É exatamente isso – disse ele. – É precisamente isso que estou a fazer. Rimo-nos ambos.

– Quer perguntar-me algo mais? – questionei.

– Não. Está tudo. – Estava prestes a voltar-se e introduzir a informação no seu aparelho luminoso, quando algo em mim prendeu a sua atenção e me dirigiu um olhar intrigado.

– O que se passa? – perguntei.

– Os teus óculos? Que lhes aconteceu?

– Os meus óculos?

– Sim – respondeu. – Parecem algo... estranhos.

– Como assim?

– As hastes estão enroladas em voltas e voltas de fios de algo – disse ele. – E as pontas estão penduradas dos lados.

– Ah! Estou a ver – respondi. – Sim, as hastes dos meus óculos estão sempre a partir-se. Primeiro, foi a esquerda e, depois, a direita. O Ar impregnado de sal corrói o plástico. Estou a testar diferentes métodos para as consertar. Na haste esquerda, usei fitas de pele de peixe e cola de peixe e, na direita, utilizei algas. Esta última não correu tão bem.

– Pois – disse ele. – Imagino que não.

Nos Salões abaixo de nós, a Maré a encher bateu numa Parede. *Bum*. Recuou, avançou através das Portas e atingiu a Parede da Câmara Seguinte. *Bum. Bum. Bum*. Recuou de novo; avançou de novo. *Bum*. O Segundo Salão Sul-Occidental vibrou como uma corda de um instrumento.

O Outro parecia ansioso.

– Isto soou muito próximo – disse ele. – Não devíamos sair daqui? – Ele não compreende as Marés.

– Não há necessidade – respondi.

– *Okay* – disse ele. Mas não estava muito seguro. Os seus olhos dilataram-se e a sua respiração tornou-se mais profunda e rápida. Não parava de olhar de Porta em Porta, como se esperasse ver Água entrar a qualquer momento.

Não quero ser apanhado – disse ele.

Uma vez, o Outro estava no Oitavo Salão Setentrional. Uma Maré forte vinda dos Salões Setentrionais emergiu no Décimo Vestíbulo, seguida, momentos depois, por uma Maré igualmente forte dos Salões Ocidentais no Décimo Segundo Vestíbulo. Enormes quantidades de Água entraram nos Salões circundantes, incluindo aquele onde se encontrava o Outro. As Águas arrastaram-no e levaram-no através de Portas, atirando-o contra Paredes e Estátuas. Ficou submerso várias vezes e sentiu que se afogava. Por fim, as Marés depositaram-no no Pavimento do Terceiro Salão Ocidental (a uma distância de sete Salões de onde tinha começado). Foi onde o encontrei. Fui buscar-lhe um cobertor e uma sopa quente de algas e mexilhões. Assim que pôde andar, retirou-se sem uma palavra. Não sei para onde foi. (Na verdade, nunca sei). Isto sucedeu no Sexto Mês do Ano em que batizei as Constelações. Desde então, o Outro receia as Marés.

– Não há perigo – disse-lhe eu.

– Tens a certeza? – perguntou.

Bum. Bum.

– Sim – respondi. – Dentro de cinco minutos, a Maré chegará ao Sexto Vestíbulo e subirá a Escadaria. O Segundo Salão Meridional, dois salões a Este daqui, ficará inundado durante uma hora. Mas a Água não subirá mais do que a altura do tornozelo e não nos atingirá.

Ele assentiu, mas os seus níveis de ansiedade permaneceram elevados e foi embora pouco tempo depois.

No início da noite, dirigi-me ao Oitavo Vestíbulo para pescar. Não pensava na minha conversa com o Outro; pensava no meu jantar e na beleza das Estátuas à Luz do Entardecer. Mas, enquanto deitava a minha rede às Águas da Escadaria Inferior, uma imagem ergueu-se diante de mim. Vi um rabisco a preto no Céu cinzento e uma centelha de um vermelho-vivo; palavras flutuaram na minha direção – palavras brancas sobre um fundo negro. Ao mesmo tempo, deu-se uma súbita explosão de barulho e um sabor metálico na minha língua. E todas as imagens – não mais do que fragmentos ou fantasmas de imagens na verdade – pareciam

convergir em torno da estranha palavra «Battersea.» Tentei fixá-las, para as ordenar, mas como um sonho, desvaneceram-se e desapareceram.

A cruz branca

ENTRADA PARA O DÉCIMO TERCEIRO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Se se examinar o meu Diário anterior (Diário n.º 9), perceber-se-á que pouco escrevi no último mês do ano passado e no primeiro mês e meio do atual. (Isto acontece. Por vezes, por uma razão que explicarei a seguir). Durante este período, teve lugar um acontecimento, sobre o qual tenho querido escrever. Vou fazê-lo agora.

Era o pico do Inverno. A neve acumulava-se nos Degraus das Escadas. Todas as Estátuas nos Vestíbulos estavam cobertas por um manto, uma mortalha ou um chapéu de neve. Cada Estátua com um braço estendido (e havia muitas) que seguravam um pingente de gelo como uma espada pendurada, ou uma linha de pingentes de gelo pendurada no Braço como penas a nascer.

Há uma coisa que sei, mas que esqueço sempre: o Inverno é duro. O frio dura e dura e só com grande dificuldade e esforço alguém consegue manter-se quente. Todos os anos, com o Inverno a chegar, congratulo-Me por ter uma reserva abundante de algas secas para usar como combustível, mas, à medida que os dias, semanas e meses se prologam, começo a duvidar de ter uma quantidade suficiente. Uso tantas das minhas roupas quantas as que consigo enfiar no meu corpo. Todas as Sextas, faço um balanço do meu combustível e calculo quanto posso permitir-Me usar por dia para o fazer durar até à Primavera.

No Décimo Segundo Mês do ano passado, o Outro suspendeu o seu trabalho sobre o Grande Conhecimento Secreto e cancelou os nossos encontros, dizendo que estava frio demais para ficarmos a conversar. Os meus dedos estavam entorpecidos pelo frio – o que fez com que a minha caligrafia se degradasse. Acabei por deixar de escrever no meu Diário por completo.

Em meados do Primeiro Mês, surgiu um Vento vindo do Sul. Soprou durante dias sem descanso e ainda que muito me esforçasse para não me queixar, foi realmente difícil. Soprava Neve cortante pelos Salões. Soprava à noite, na minha cama, no Terceiro Salão Setentrional. Uivava

nos Vestíbulos, levantando pedaços de neve solta e transformando-os em pequenos fantasmas.

Nem tudo era mau no Vento. Às vezes, soprava por entre os pequenos espaços e fendas das Estátuas e fazia-as cantar e assobiar de forma surpreendente. Nunca imaginara que as Estátuas tivessem voz e isso fez-me rir de puro deleite.

Um dia, levantei-me cedo e fui ao Quadragésimo Terceiro Vestíbulo. Os Salões por onde passava eram cinzentos e escuros, apenas com uma réstia de Luz nas Janelas – uma ideia de Luz, mais que propriamente Luz.

Pretendia recolher algas, tanto para comer como para combustível. Normalmente, teria de esperar pela Primavera, Verão e Outono para secá-las. O Inverno é muito frio e húmido. Mas ocorreu-me que talvez pudesse pendurar as algas (talvez num Umbral) e que, depois, o Vento as secaria rapidamente. A única dificuldade seria prender as algas para que o Vento não as levasse. Pensei em três formas de o fazer e estava ansioso por experimentá-las todas e verificar qual a mais eficiente.

Assim que atravesssei o Décimo Primeiro Salão Oriental, o Vento atirou-me de uma Pedra do Pavimento para outra como se fosse uma peça de xadrez num tabuleiro. (Fiz algumas jogadas muito originais!)

Desci a Escadaria no Quadragésimo Terceiro Vestíbulo e entrei no Salão Inferior, o que fica mesmo por baixo do Trigésimo Sétimo Salão Sul-Occidental. Um dos efeitos do vento era tornar as Marés Altas muito mais pronunciadas e violentas que o habitual; as Marés Vazias eram inversamente inferiores. Na altura, estava Maré Baixa e o Mar tinha recuado tanto que não havia Água alguma no Salão (o que raramente acontece). Estava cheio de despojos da Maré: algas a ondular em Vento como pequenas bandeiras, seixos, estrelas-do-mar e conchas que chocalhavam pelo Pavimento de Pedra, empurradas pelo Vento.

Era cedo, poucos momentos depois da Alvorada. Podia ver o Céu de um dourado pálido refletido nalgumas das Janelas do Pátio. À minha frente, as Águas cinzentas e inquietas estavam emolduradas no Umbral que conduzia ao Salão seguinte. A agitação das Águas contrastava com a severidade das linhas da Porta.

Baixei-me e comecei a juntar as algas frias e molhadas. Até mesmo esta simples tarefa era dificultada pelo Vento, já que tinha de despender muita da minha energia para me manter no mesmo sítio. O Vento levantava

também os fios de algas que me açoitavam as mãos, gelando-as e ferindo-as.

Pouco depois, endireitei-me para aliviar as costas. Uma vez mais, dirigi o olhar para o Umbral que conduzia ao Salão seguinte.

Tive uma visão! No meio do Ar nublado, acima das Ondas cinzentas, vi uma cruz branca e brilhante. A sua brancura era uma brancura impressionante; superava de longe a Parede de Estátuas por trás dela. Era linda, mas eu não a compreendia. O instante seguinte trouxe uma certa luz: não era um cruz, mas algo enorme e branco, que deslizou rapidamente no Vento na minha direção.

O que poderia ser? Devia ser uma ave, mas se a conseguia ver a tão grande distância, teria de ser uma ave muito maior do que os pássaros a que estava habituado. Continuou, vindo diretamente na minha direção. Abri os braços em resposta às suas asas abertas, como se fosse abraçá-la. Gritei. *Bem-vinda! Bem-vinda! Bem-vinda!* era o que pensava que pretendia dizer, mas o Vento sugou-me o fôlego e tudo o que consegui dizer foi:

– Anda! Anda! Anda!

A ave voou através das Ondas agitadas, sem nunca ter batido as asas. Com grande perícia e facilidade, inclinou-se ligeiramente para o lado, para passar pelo Umbral que nos separava. A envergadura das suas asas ultrapassava a largura da Porta. Soube o que era! Um albatroz!

A ave continuou, exatamente na minha direção, e veio-me o mais estranho pensamento: talvez o albatroz e eu estivéssemos destinados a fundir-nos e os dois daríamos origem a outro ser totalmente diferente: um Anjo! Esta ideia excitou-me e assustou-me ao mesmo tempo, mas ainda assim deixei-me ficar com os braços abertos, a imitar o voo do albatroz. (Pensei no quão surpreso o Outro ficaria quando eu voasse pelo Segundo Salão Sul-Occidental, com as minhas Asas de Anjo, levando-lhe novas de Paz e Alegria!) O meu coração batia rapidamente.

No momento em que chegou ao pé de mim – o momento em que pensei que colidiríamos como Planetas e nos tornaríamos um só! –, emiti uma espécie de grito abafado – *Aahhhh!* No mesmo instante, senti uma espécie de tensão reprimida libertar-se de mim, uma tensão que não sabia possuir até esse momento. Umas asas enormes e brancas passaram por cima de mim. Senti e cheirei o Ar por elas arrastado, o travo intenso, salgado e

selvagem das Marés Longínquas e dos Ventos que percorreram grandes distâncias, através de Salões que eu nunca veria.

No último instante, o albatroz sobrevoou o meu ombro esquerdo. Cai no Pavimento. A ave bateu as asas de uma forma frenética, como em pânico, esticou as suas longas pernas cor-de-rosa e caiu do Ar, numa espécie de alto com o Pavimento. No Ar, era um ser miraculoso – um Ser Celestial –, mas nas Lajes do Pavimento era tão mortal e sujeito aos mesmos embaraços e desastrado como os outros mortais.

Levantámo-nos. Agora que estava no Pavimento seco, o albatroz parecia maior do que nunca: a sua cabeça quase que me chegava ao peito.

– Estou muito feliz por te encontrar – disse eu. – Bem-vindo. Sou o Habitante destes Salões. Um dos Habitantes. Há outro, mas não gosta de aves, por isso, provavelmente, não o verás.

O albatroz abriu as asas e estendeu a goela em direção ao Teto. Fez uma espécie de arrulho, um grasnar com a goela, que eu assumi ser a sua maneira de me cumprimentar. As faces superiores das suas asas eram escuras, quase pretas, com uma forma branca, como uma estrela, em cada uma delas.

Retomei a minha tarefa de recolha de algas. O albatroz deambulou pelo Salão. As suas patas rosa-cinza chapinhavam sonoramente no Pavimento. De vez em quando, aproximava-se e olhava para o que eu estava a fazer, como se lhe interessasse.

No dia seguinte, voltei. O albatroz tinha subido a Escadaria e examinava o Quadragésimo Terceiro Vestíbulo. Mas mais do que isso: imaginem a minha alegria quando descobri que o Vestíbulo abrigava agora dois albatrozes! A sua esposa juntara-se a ele! (Ou talvez o albatroz original fosse a fêmea e este fosse o seu marido. Não tinha informação suficiente para ter a certeza deste facto). O novo albatroz tinha um padrão diferente na face superior das suas (dela ou dele) asas: um padrão de manchas brancas, como chuva de prata. Os dois albatrozes abriram as asas; dançaram à volta um do outro; apontaram os bicos para o Teto e produziram um som alegre e gritante; bateram os seus longos bicos cor-de-rosa um no outro para expressar a sua felicidade.

Alguns dias mais tarde, voltei a visitá-los. Desta vez, pareciam mais calmos e havia uma atmosfera de prostração e de desânimo no Vestíbulo. O albatroz que eu imaginava ser o macho (o que tinha estrelas nas asas)

tinha recolhido algumas algas do Salão Inferior. Pegava em pedaços com o seu bico e juntava-os num monte. Poucos minutos depois, ficava insatisfeito com o resultado e voltava a recolher os molhos de algas e depositava-os num sítio diferente. Repetiu o processo talvez uma dúzia de vezes.

– Acho que entendi o teu problema – disse-lhe. – Vieram aqui construir um ninho. Mas não encontras os materiais necessários. Só há algas frias e molhadas e precisas de algo mais seco para fazer um ninho confortável para o teu ovo. Não te preocupes. Vou ajudar-te. Tenho uma reserva de algas secas. Falando como não-ave, tenho a certeza de que é um material de construção bastante adequado. Vou já buscá-lo.

O albatroz espantado abriu as asas e esticou o pescoço; apontou o bico para o Teto e emitiu um grasnar rouco. Pensei que seria uma expressão do seu entusiasmo.

Regressei ao Terceiro Salão Setentrional. Forrei uma rede com plástico grosso e, dentro dela, coloquei o que considere ser a quantidade adequada de material para o ninho de duas aves tão grandes. Equivalia a, aproximadamente, três dias de combustível. Não era uma quantidade insignificante e sabia que poderia ter frio pelo facto de a oferecer. Mas o que eram alguns dias de frio comparados com um novo albatroz no Mundo? Juntei mais duas coisas ao monte de algas: algumas penas limpas e brancas que tinha encontrado e guardado pela simples razão de gostar delas, e uma velha camisola de lã tão esburacada que dificilmente poderia servir para vestir, mas que seria certamente ideal para acomodar um ovo precioso.

Arrastei a rede de pesca para o Quadragésimo Terceiro Vestíbulo. Fui imediatamente premiado pelo interesse que o albatroz masculino mostrou no seu conteúdo; encheu o bico de algas secas e começou a experimentá-las em diferentes locais.

Pouco tempo depois, os albatrozes tinham construído um grande ninho, com aproximadamente um metro de diâmetro na sua base e nele foi depositado um ovo. São pais excelentes; eram dedicados ao seu ovo e são, agora, igualmente diligentes no cuidado da sua cria. A cria cresce lentamente e não mostrou sinais de estar pronta para voar.

Batizei este ano como o Ano em que o Albatroz veio aos Salões Sul-Occidentais.

As aves permanecem em silêncio no Sexto Salão Ocidental

ENTRADA PARA O TRIGÉSIMO PRIMEIRO DIA DO QUINTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Desde que os Tetos do Vigésimo e do Vigésimo Primeiro Salões Norte-Orientais caíram, há dois anos, que o Clima nesta Região da Casa mudou. As nuvens desceram através dos Tetos Caídos para os Salões Intermédios, onde normalmente não chegariam. Tornaram o Mundo mais frio e cinzento.

Esta manhã acordei com frio e a tremer. Uma Nuvem tinha penetrado no Terceiro Salão Setentrional, onde durmo. As Estátuas pareciam delicadas imagens brancas pintadas na Bruma branca.

Levantei-me rapidamente e ocupei-me das minhas tarefas diárias. Recolhi algas no Nono Vestíbulo e preparei para o pequeno-almoço uma sopa nutritiva e reconfortante; depois, parti para o Terceiro Salão Sul-Occidental para continuar o meu trabalho no Catálogo de Estátuas.

A Casa estava particularmente silenciosa. Não se viam pássaros a voar; não se ouviam pássaros a cantar. Para onde teriam ido? Parecia que achavam o Mundo assombrado pelas Nuvens tão opressivo quanto eu. Encontrei-os, por fim, no Sexto Salão Ocidental. Estavam aqui reunidos, empoleirados nos Ombros e nas Cabeças de cada Estátua, nos Plintos e nas Colunas, pousados em silêncio, à espera.

Os Salões Submersos

ENTRADA PARA O OITAVO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

A zona a leste do Primeiro Vestíbulo da Casa está Devoluta. A Alvenaria e as Estátuas dos Salões Superiores colapsaram, através dos Pisos Caídos, para os Salões Intermédios e Inferiores, bloqueando os Umbrais. Existe uma Área que cobre talvez quarenta ou cinquenta Salões onde as Marés não conseguem chegar. Ao longo do tempo, a Água do Mar foi escorrendo e estes Salões encheram-se de Chuva, criando Lagos escuros e calmos, de água doce. As suas Janelas estão semi-submersas pela Água ou bloqueadas por Alvenaria, tornando-os obscuros e sombrios. Separados das Marés, são estranhamente silenciosos.

São os Salões Submersos.

Na Orla desta Região, as Águas são rasas, tranquilas e cobertas por nenúfares, mas no centro são profundas e traiçoeiras, cheias de Alvenaria

partida e Estátuas submersas. A maioria dos Salões Submersos está inacessível, mas alguns podem ser acedidos a partir do Nível Superior.

Contêm Estátuas gigantes de Homens com cabelo encaracolado nas Cabeças e Barbas que se esforçam e lutam para sair do confinamento das Paredes, projetando o Torso acima das Águas Negras. Há uma em particular que se inclina tanto que o seu Dorso largo e musculado forma uma plataforma quase horizontal, cerca de meio metro acima do nível da água, tornando-a um excelente local para pescar.

A melhor altura para pescar é à noite, quando os peixes são atraídos para brincar em locais onde o Luar é refletido na água e são fáceis de ver.

As Nuvens que cobrem o Décimo Nono Salão Oriental

ENTRADA PARA O DÉCIMO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Antigamente, não arriscava viver muito perto das Marés. Quando ouvia o seu Clamor, fugia e escondia-me. Na minha ignorância, temia ser apanhado pelas suas Águas e afogar-me.

Tanto quanto possível, mantinha-me nos Salões Secos onde as Estátuas não se encontravam revestidas de pedaços de algas ou blindadas com carapaças de moluscos, onde o Ar não era perfumado pelas Marés: Salões, por outras palavras, que não tinham sido inundados em Tempos recentes. A Água não era um problema: a maioria dos Salões possui Quedas-d'Água Doce (por vezes, pode ver-se uma Estátua quase partida ao meio pela Água que sobre ela caiu durante séculos). A comida era um assunto diferente; para isso, tive de enfrentar as Marés. Dirigia-me aos Vestíbulos e descia as Escadarias para os Salões Inferiores, para a Orla do Oceano. Mas a Força das Ondas assustava-me.

Já nessa altura, eu sabia que as Marés não eram aleatórias. Percebi que se conseguisse registá-las e documentá-las, talvez pudesse prever o seu aparecimento. Foi assim que nasceu a minha Tabela. Contudo, embora tenha compreendido alguma coisa sobre os movimentos das Marés, não tinha conhecimento da sua Natureza. Pensava que uma Maré era basicamente igual a todas as outras. Espantava-me quando ia ao encontro de uma Maré, esperando apanhar muito peixe e vegetação marinha, apenas para a encontrar límpida e vazia.

Passei fome muitas vezes.

O medo e a fome forçaram-me a explorar a Casa e descobri que o peixe era abundante nos Salões Submersos. As suas Águas eram calmas e não tinha tanto receio. O grande senão dos Salões Submersos era estarem rodeados de Decrepitude por todos os lados. Para lá chegar, era necessário subir aos Salões Superiores e, depois, descer pelos Escombros, através dos grandes Buracos e Fendas no Pavimento.

Uma vez, numa altura em que não comia há dois dias, decidi ir aos Salões Submersos para encontrar alguma comida. Subi aos Salões Superiores. Só isto já não era fácil, tendo em conta o meu estado enfraquecido. As Escadarias, ainda que variem em tamanho, são quase todas construídas na mesma escala nobre do resto da Casa e cada Degrau tem quase o dobro da altura confortável para mim. (É como se Deus tivesse originalmente construído a Casa com a intenção de a povoar com Gigantes, antes de, inexplicavelmente, ter mudado de Ideias).

Dirigi-me a um dos Salões Superiores, o que fica diretamente por cima do Décimo Nono Salão do Oriente. Dali pretendia descer aos Salões Submersos, mas, para meu desalento, descobri que o Salão estava cheio de Nuvens: um manto cinzento, frio e molhado.

Tinha o meu Diário comigo. Consultando-o, percebi que já tinha estado na Vizinhança uma vez e que tinha até tomado notas pormenorizadas sobre o Salão depois deste; o Salão por cima do Vigésimo Salão Oriental. Tinha tomado notas sobre o tipo e conservação das Estátuas e tinha mesmo feito um esboço de uma delas. Mas sobre este Salão – o Salão em cujo Limiar eu estava agora, o Salão que estava cheio de Nuvens –, sobre este Salão, não tinha qualquer registo.

Hoje consideraria uma loucura passar através de um Salão que não consigo ver bem e do qual não tenho nenhum registo, mas hoje também não me permito ficar com tanta fome como tinha na altura.

Os Salões Adjacentes geralmente partilham algumas características. O Salão imediatamente atrás de mim tinha aproximadamente 200 metros de comprimento e 120 metros de largura e, portanto, havia boas hipóteses do Salão à minha frente ser igual. Não me parecia uma distância impossível; estava mais preocupado com as Estátuas. Pelo que conseguia ver, estas retratavam figuras Humanas ou Semi-Humanas; todas tinham duas ou três vezes a minha estatura e todas retratavam atos violentos: Homens a lutar, Mulheres e Homens a serem levados por Centauros ou Sátiros, Polvos a

rasgar pessoas. Na maioria das Regiões da Casa, as expressões das Estátuas são alegres ou tranquilas ou aparentam uma calma distante; mas aqui os Rostos estavam distorcidos por gritos de raiva e angústia.

Decidi prosseguir com cuidado. Estatelar-me num pedaço de mármore partido é doloroso.

Entrei na Nuvem e, lentamente, prossegui pelo Lado Norte do Salão. As Estátuas apareciam, uma a uma, saídas da Nuvem pálida. Cobriam as Paredes de uma forma tão intensa e estavam desfiguradas em expressões tão tortuosas que era como caminhar sob os ramos gotejantes de uma grande floresta de Braços e Corpos.

Uma Estátua tinha caído da Parede e estava estilhaçada no chão. Isto devia ter servido de aviso para mim.

Cheguei a um local onde uma Estátua se estendia muito para fora da Parede. Representava um Homem, com o seu imenso Corpo inclinado para trás, esticado sobre o Pavimento, com os Braços a proteger a Cabeça enquanto um Centauro o espezinhava. As Palmas das suas grandes Mãos viradas para cima e os seus Dedos encolhiam-se em agonia. Afastei-me do Muro para o contornar e o meu pé encontrou-se com...

...o vazio.

Não havia Chão! Nada de Pavimento de Pedra por baixo de mim! Estava a cair! Caía aterrorizado na direção da Parede. Imediatamente, fui apanhado! Fiquei suspenso sobre o Ar Vazio, demasiado apavorado para me mover, a mente paralisada pelo medo e pelo choque. Por algum milagre, tinha caído nas Mãos do Homem Espezinhado. As Mãos escorriam humidade e eram horrivelmente escorregadias; qualquer movimento meu ameaçava fazer-me perder o seu apoio e mandar-me de volta ao Vazio. Choramingando de medo e agarrando-me ao Homem Espezinhado com todas as minhas forças, subi pelos seus Braços para a sua Cabeça; da Cabeça para o Peito e, a seguir, para o seu Colo, onde me refugiei. O Corpo do Centauro Atacante formava uma espécie de Teto, dois ou três centímetros acima da minha cabeça. A Nuvem era tão densa que não conseguia ver onde começava de novo o Pavimento.

Fiquei ali todo dia e toda a noite, faminto e quase morto de frio, mas profundamente agradecido ao Homem Espezinhado por me ter salvo. De manhã, o Vento chegou e empurrou a Nuvem para ocidente. Espreitei pela

grande Fenda no Pavimento e vi a queda vertiginosa – 30 metros ou mais – para as Águas paradas do Salão Submerso por baixo.

Uma conversa

ENTRADA PARA O DÉCIMO PRIMEIRO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Além das minhas reuniões regulares com o Outro e da calma presença consoladora dos Mortos, há também os pássaros. Os pássaros não são difíceis de compreender. O seu comportamento diz-me em que estão a pensar. Geralmente, vai no sentido de: *Isto é comida? É? E isto? Isto pode ser comida. Tenho quase a certeza de que isto é.* Ou, ocasionalmente: *Está a chover. Não gosto nada.*

Embora pareça suficiente para uma breve troca de palavras entre vizinhos, tais observações não sugerem grande inteligência. No entanto, já me ocorreu que pode haver mais sabedoria nas aves do que parece à primeira vista, uma sabedoria que só se revela obliquamente e de forma intermitente.

Uma vez – numa noite no Outono –, vim ao Umbral do Décimo Segundo Salão Sul-Oriental, pretendendo passar através do Décimo Sétimo Vestíbulo. Apercebi-me de que não era capaz de entrar; o Vestíbulo estava cheio de aves e estas estavam todas a voar. Voavam em espirais, numa dança rodopiante. Enchiam o Vestíbulo como uma coluna de fumo, que se tornava mais escura e mais densa nalguns lugares e, no momento seguinte, mais clara e mais arejada. Tenho testemunhado esta dança em várias ocasiões, sempre à noite e durante os últimos meses do ano.

Noutra ocasião, entrei no Nono Vestíbulo e encontrei-o repleto de pequenos pássaros. Eram de vários espécies, mas principalmente pardais. Mal tinha dado meia dúzia de passos no interior do Vestíbulo, quando um grupo enorme se pôs em movimento no Ar. Voaram juntos num grande impulso até à Parede Oriental, depois noutra impulso até à Parede Sul e, depois, voltaram e voaram à minha volta numa espiral descontráida.

– Bom dia – disse eu. – Espero que estejam bem.

A maioria dos pássaros estava poisada em diferentes poleiros, mas um punhado – talvez uns dez – voou para a Estátua de um Jardineiro, no Canto Noroeste. Permaneceram aí durante, talvez, trinta segundos e depois, ainda juntos, ascenderam a uma Estátua mais alta na Parede Ocidental: a Mulher que carrega uma Colmeia. Os pássaros pousaram na

Estátua da Mulher que carrega uma Colmeia durante cerca de um minuto e, depois, voaram para longe.

Questionei-me por que razão, das cerca de mil estátuas no Vestíbulo, os passarinhos tinham escolhido estas duas para se empoleirarem. Ocorreu-me – não foi mais do que um pensamento inofensivo – que podia dizer-se que estas duas estátuas representam a Diligência. O Jardineiro é velho e curvado, e, no entanto, cava religiosamente o seu jardim. A Mulher exerce a sua profissão de apicultora e a Colmeia que transporta está cheia de abelhas que também desempenham pacientemente as suas tarefas. Estariam as aves a dizer-me que eu também deveria ser diligente? Pareceu-me improvável. Afinal, eu já era diligente! Estava naquele preciso momento a caminho do Oitavo Vestíbulo para pescar. Transportava redes de pesca ao ombro e uma armadilha para lagostas feita a partir de um balde velho.

O aviso das aves – se realmente o era – pareceu-me um disparate, mas decidi, no entanto, seguir esta invulgar linha de raciocínio e ver onde me levava. Nesse dia, pesquei sete peixes e quatro lagostas. Não devolvi nenhum deles à água.

Nessa noite, um Vento soprou do Ocidente, trazendo uma tempestade inesperada. As Marés tornaram-se turbulentas e os peixes foram afastados dos Salões do costume para o Mar alto. Durante os dois dias que se seguiram, não houve peixe e se eu não tivesse decidido seguir o aviso dos pássaros, dificilmente teria algo para comer.

Esta experiência levou-me a formular uma hipótese: talvez a sabedoria das aves resida, não no indivíduo, mas no bando, na congregação. Tentei pensar numa experiência que testasse esta teoria. O problema, a meu ver, é que é impossível saber antecipadamente quando tais acontecimentos irão ocorrer; e, por isso, o único curso de ação viável são meses – mais provavelmente, anos – de observação cuidadosa e manutenção de registos meticulosos. Infelizmente, isto não é possível de imediato, uma vez que muito do meu tempo é ocupado pelo meu trabalho com o Outro (refiro-me naturalmente à nossa busca pelo Grande Conhecimento Secreto).

No entanto, é com esta hipótese em mente que registo algo que aconteceu esta manhã.

Entrei no Segundo Salão Norte-Oriental e, tal como tinha acontecido no Nono Vestíbulo, encontrei-o cheio de pequenos pássaros de diferentes

espécies. Gritei-lhes um alegre bom dia!

De imediato, cerca de vinte voaram apressadamente para a Parede Norte e pousaram nas Estátuas Altas. Depois, num ápice, voaram até à Parede Ocidental.

Recordei que, anteriormente, este comportamento tinha sido o prenúncio de uma mensagem.

– Estou a prestar atenção! – gritei-lhes. – O que querem dizer-me?

Observei atentamente o que fizeram a seguir.

Os pássaros separaram-se em dois grupos. Um grupo voou para a Estátua do Anjo a tocar uma Trombeta; o outro grupo voou para a Estátua do Barco que navega sobre Ondas pequenas.

– Um anjo com uma trombeta e um barco – disse eu. – Muito bem.

O primeiro grupo voou para a Estátua de um Homem a ler um enorme Livro; o segundo grupo voou para a Estátua de uma Mulher com um Prato grande ou um Escudo; no Escudo via-se uma representação das Nuvens.

– Um livro e nuvens – disse eu. – Sim.

Finalmente, o primeiro grupo voou para a Estátua de uma Criança a curvar a sua Cabeça para contemplar uma Flor, que segura nas suas Mãos; a Cabeça da Criança está coberta com uns Caracóis tão exuberantes que parecem eles próprios pétalas de flor; o segundo grupo de pássaros voou para a Estátua de uma Saca de Cereais a ser devorada por uma Horda de Ratos.

– Uma criança e ratos – disse eu. – Muito bem. Entendo.

Os pássaros dispersaram para vários locais no Salão.

– Obrigado! – gritei-lhes. – Obrigado!

Supondo que a minha hipótese estava correta, esta era certamente a mais elaborada comunicação que os pássaros me haviam oferecido. Qual é o significado?

Um anjo com uma trombeta e um barco. Um anjo com uma trombeta sugere uma mensagem. Uma mensagem feliz? Talvez. Mas um anjo pode trazer também uma mensagem séria ou solene. Portanto, o conteúdo da mensagem, bom ou mau, mantém-se incerto. O barco sugere uma viagem de longa distância. *Uma mensagem vinda de longe.*

Um livro e nuvens. Um livro contém Escritos. As Nuvens escondem o que lá está. *Escritos de alguma maneira obscuros.*

Uma criança e ratos. A criança representa a qualidade da Inocência. Os ratos a devorar o cereal. Pouco a pouco, a quantidade vai diminuindo. *A Inocência que se vai desgastando ou corrompendo.* Portanto, tanto quanto posso dizer, foi isto que os pássaros me disseram. *Uma mensagem vinda de longe. Escritos obscuros. Inocência corrompida.*

Interessante.

Vou deixar passar algum tempo – digamos, alguns meses – e, então, examinarei novamente esta comunicação para ver se os acontecimentos pelo meio podem lançar alguma luz sobre ela (e vice-versa).

Addy Domarus

ENTRADA PARA O DÉCIMO QUINTO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, no Segundo Salão Sul-Occidental, o Outro disse:

– Hoje vou trabalhar no ritual, por isso talvez não queiras ficar por aqui.

O Ritual é um rito de magia cerimonial através do qual o Outro pretende libertar o Grande Conhecimento Secreto do que o mantém cativo no Mundo e transferi-lo para nós. Até agora, já o executámos quatro vezes, sempre numa versão ligeiramente diferente da anterior.

– Fiz algumas alterações – continuou ele – e quero ouvir como soam, *in situ*, por assim dizer.

– Eu ajudo-o – disse eu, entusiasmado.

– Muito bem – disse ele. – Desde que não sejas demasiado tagarela. Preciso de concentração. Clareza.

– De modo nenhum – respondi.

Hoje, o Outro vestia um fato cinzento-claro com uma camisa branca e sapatos pretos. Pousou o seu aparelho luminoso no Plinto Vazio.

– Isto é uma invocação e, nas invocações, o vidente deve virar-se para este – disse ele. – Para que lado é este?

Aponte.

– Certo – respondeu.

– Onde fico?

– Onde quiseres. Não importa.

Fiquei dois metros a Sul do lugar onde ele estava e decidi que me viraria para Norte – ou seja, na direção dele. Não tenho nenhuma percepção ou conhecimento real sobre rituais, mas pareceu-me ser a posição

apropriada para um acólito, subserviente, mas, ainda assim ligado ao Intérprete dos Mistérios.

– O que devo fazer? – perguntei eu.

– Nada. Mantém-te quieto, como te disse.

– Vou concentrar-me em transmitir-lhe a força do meu Espírito – disse eu.

– Muito bem. Ótimo. Faz isso. – Voltou a consultar brevemente o seu aparelho luminoso.

– *Okay* – disse ele. – Esta primeira parte do ritual foi onde fiz mais alterações. Até agora, tenho simplesmente invocado o conhecimento e pedido que venha e se conceda a mim. Isso parece não me ter levado a lado nenhum, pelo que, em vez disso, vou invocar o espírito de Addy Domarus.

– Quem ou o que é Addy Domarus? – perguntei.

– Um rei. Morto há muito tempo. Alguém que possuiu o conhecimento. Ou pelo menos, parte dele. Já consegui invocá-lo com sucesso para me ajudar noutros rituais, nomeadamente para... – calou-se abruptamente e, por uns momentos, pareceu confuso. – Já tive sucesso em chamá-lo no passado – concluiu.

O Outro assumiu a postura nobre de um Intérprete de Mistérios. Endireitou as costas, puxou os ombros para trás e levantou a cabeça. Lembrou-me a Estátua de um Hierofante no Décimo Nono Salão Meridional.

De repente, a importância do que ele tinha dito atingiu-me.

– Ei! – exclamei. – Nunca me tinha dito antes que sabia um dos nomes dos Mortos! Sabe qual deles é? Por favor, diga-me se souber! Gostava muito de o tratar pelo nome, quando lhe levo oferendas de comida e bebida!

O Outro parou o que estava a fazer e franziu o sobrolho:

– O quê? – perguntou.

– Os Mortos – continuei, entusiasmado. – Se conhece realmente um dos seus nomes, então, por favor, diga-me a qual deles o nome pertence.

– Desculpa? Perdi-me. Qual dos quais foi o quê?

– Disse-me que, em tempos idos, um ou mais dos Mortos possuiu o Conhecimento. Depois, perderam-no. Quero saber qual deles foi. O

Homem da Caixa de Biscoitos? A Pessoa Oculta? Ou foi alguma das Pessoas da Alcova?

O Outro fitou-me com um olhar vazio.

– Caixa de Biscoitos... De que estás a falar? Ah, espera. Tem algo a ver com aqueles ossos que encontraste? Não. Não-não-não-não-não. Esses não são... Não é... Oh, valha-me Deus! Não te disse que precisava de me concentrar? Não acabei de to dizer? Podemos não ter essa conversa agora? Estou a tentar terminar o ritual.

Senti-me imediatamente envergonhado. Estava a atrapalhar o trabalho importante do Outro.

– Sim, claro – disse eu.

– Não tenho tempo para responder a questões irrelevantes – atirou ele, apressadamente.

– Desculpe.

– Se puderes estar calado, isso seria maravilhoso.

– Assim farei – respondi. – Prometo.

– Muito bem. Ótimo. *Okay*. Onde é que eu estava? – disse o Outro.

Respirou fundo e e voltou a endireitar-se, inclinando para trás a cabeça. Levantou os braços e, em voz alta, invocou Addy Domarus várias vezes e de várias maneiras diferentes. *Vem! Vem!*

No silêncio que se seguiu, deixou cair os braços lentamente e relaxou.

– *Okay* – disse ele. – Quando for a sério, talvez tenha de acender um braseiro. Queimar algum incenso. Veremos. Depois da invocação, vem a enumeração. Nomeio os poderes que procuro: derrotar a Morte, a penetração em mentes menores, a invisibilidade, etc., etc. É importante visualizar cada poder e assim, ao nomeá-los, imaginar-me a viver para sempre, a ler os pensamentos de outra pessoa, a tornar-me invisível e por aí adiante.

Levantei a mão educadamente. (Não queria ser acusado novamente de colocar questões irrelevantes).

– Sim? – perguntou ele bruscamente.

– Devo fazer o mesmo também?

– Sim. Se quiseres.

No mesmo tom de voz, o Outro recitou a lista de poderes conferidos pelo Conhecimento, e quando ele entoou «*Invoco o poder de voar!*», imaginei-me transformado numa águia-pesqueira, a voar com outras

águias-pesqueiras sobre as Marés Vivas. (De todos os poderes de que o Outro fala, este é o meu favorito. Para ser franco, tudo o resto me é basicamente indiferente. De que me serve a invisibilidade? Na maior parte dos dias, não há ninguém para ver além dos pássaros. Nem tenho qualquer desejo de viver para sempre. A Casa estabelece um determinado espaço para as aves e outro para os homens. E estou satisfeito com isto.)

O Outro chegou ao fim da sua lista. Notei que estava a pensar nas partes do ritual que tinha acabado de realizar e não estava satisfeito com elas. O seu rosto estava carregado e olhava para longe.

– Sinto que devia dirigir tudo isto para alguma forma – algum tipo de energia, algo vital e vivo. É o poder que procuro e, portanto, deveria dirigir estas palavras a algo que já é poderoso. Isto faz algum sentido?

– Sim – respondi.

– Mas não há nada poderoso. Nem há nada vivo. Apenas infinitas salas monótonas, cheias de figuras decadentes, cobertas de merda de pássaro. – E caiu num silêncio infeliz.

Há muitos anos que sei que o Outro não reverencia a Casa da mesma forma que eu, mas ainda me choca quando ele fala desta forma. Como pode um homem tão inteligente como ele dizer que nada está vivo na Casa? Os Salões Inferiores estão cheios de criaturas marinhas e vegetação, muitas delas muito bonitas e muito estranhas. As próprias Marés estão cheias de movimento e poder e, embora possam não estar exatamente vivas, também podem estar. Nos Salões Intermédios, há aves e homens. Os excrementos (de que ele se queixa) são sinais de Vida! Também não é correto dizer que os Salões são todos iguais. Eles variam muito no estilo das suas Colunas, Pilastras, Nichos, Absides, Frontões, etc., bem como no número das suas Portas e Janelas. Cada Salão tem as suas Estátuas e todas as Estátuas são únicas ou, se houver repetições, estas devem ocorrer muito espaçadamente, já que ainda não encontrei nenhuma.

Apesar de tudo, não fazia sentido dizer-lhe alguma coisa. Sabia que o ia irritar ainda mais.

– E que tal uma Estrela? – perguntei. – Se realizarmos o Ritual à noite, poder dirigir a Invocação a uma Estrela. Uma Estrela é uma fonte de poder e energia.

Houve um momento de silêncio, depois:

– É verdade – respondeu ele. Parecia surpreendido. – Uma estrela. Não é nada má ideia.

E continuou com o raciocínio:

– Uma estrela fixa seria melhor que uma errante. E teria de ser brilhante; consideravelmente mais brilhante do que as outras à sua volta. O melhor seria encontrar um sítio algures no labirinto, algum ponto ou local único, e realizar aí o ritual, voltado para a estrela mais brilhante!

Por um momento, pareceu muito entusiasmado. Depois, suspirou e toda a energia pareceu esvair-se dele de novo.

– Mas isso não é muito provável, pois não?

E voltou a dizer que todos os Salões eram exatamente iguais uns aos outros, com a exceção de que lhes chamava «salas» e usou um epíteto propositadamente para os denegrir.

Senti uma explosão de raiva e, por um momento, pensei em não lhe dizer o que sabia. Mas, depois, pensei que seria indelicado castigá-lo por algo que ele não podia evitar. Não era culpa dele que não visse as coisas como eu.

– Na verdade – disse eu –, há um Salão diferente dos outros.

– Hã? – respondeu ele. – Nunca falaste nisso. Em que aspeto reside a diferença?

– Tem apenas um Umbral e não tem Janelas. Só o vi uma vez. Tem uma atmosfera estranha difícil de descrever com precisão. É majestoso, misterioso e, ao mesmo tempo, cheio de Presença.

– Queres dizer, como se fosse um templo? – perguntou o Outro.

– Sim. Como um templo.

– Porque não me falaste nisso antes? – perguntou ele, ao mesmo tempo que a sua fúria e irritação ressurgiam.

– Bem, é algo distante daqui. Pensei que era pouco provável que...

Mas ele não estava interessado na minha explicação.

– Tenho de ver esse sítio. Podes levar-me lá? A que distância fica?

– É o Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental e fica a vinte quilómetros do Primeiro Vestíbulo – respondi. – Demora quatro horas e dezasseis minutos a chegar lá, não contando com os períodos de descanso.

– Ah – disse ele.

Eu sabia que dificilmente lhe poderia ter dito algo mais desanimador (embora não fosse essa a minha intenção). Ele não tem qualquer desejo de

explorar o Mundo. Não acredito que alguma vez tenha viajado mais além do que quatro ou cinco Salões a partir do Primeiro Vestíbulo.

Disse-me:

– O que preciso de saber é que estrelas podem ser vistas da porta dessa sala. Tens alguma ideia?

Pus-me a pensar. Estaria o Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental orientado num eixo Este/Oeste? Ou seria com um eixo Sudeste/Nordeste? Abanei a cabeça.

– Não sei. Não me consigo lembrar.

– Então, não podes voltar lá e descobrir? – perguntou ele.

– Ir ao Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental?

– Sim.

Hesitei.

– Qual é o problema? – perguntou ele.

– O Caminho para o Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental faz-se através do Septuagésimo Oitavo Vestíbulo, uma Região sujeita a inundações frequentes. Agora mesmo estará seca, mas as Marés trazem Detritos dos Salões Inferiores e espalham-nos pelos Salões circundantes. Alguns Detritos têm arestas cortantes que podem ferir os pés de uma pessoa. Não é bom ter os pés a sangrar. Há o perigo de infeção. Deve escolher-se o caminho cuidadosamente através do Mármore Partido. É possível, mas laborioso. Leva tempo.

– *Okay* – disse o Outro. – Então, há detritos. Mas ainda não percebi bem qual é o problema. Deves ter passado por esse sítio com detritos antes e não tiveste nenhum problema na altura. O que mudou?

Senti o meu rosto corar. Fixei o olhar no Pavimento. O Outro estava tão asseado, tão elegante com o seu fato e com os seus sapatos brilhantes. Eu, ao contrário, não estava asseado. A minha roupa estava esfarrapada e desbotada, apodrecida pela Água do Mar em que pescava. Odiava chamar a sua atenção para este contraste entre nós, mas ele tinha-me perguntado e por isso teria de responder. Disse:

– O que mudou é que eu costumava ter sapatos. Agora, não tenho nenhuns.

O Outro olhou atónito para os meus pés castanhos nus.

– Quando é que isso aconteceu?

– Há cerca de um ano. Os meus sapatos desfizeram-se.

Ele desatou a rir.

– Porque não disseste nada?

– Não o quis incomodar. Pensei que poderia fazer uns sapatos de pele de peixe. Mas não tive tempo para tal. Sou o único culpado.

– Sinceramente, Piranesi – disse o Outro. – És mesmo um idiota! Se é só isso que te impede de ir... ao... seja o que for que chamas a essa sala...

– O Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental – completei eu.

– Sim. Seja. Se é só isso, amanhã dou-te uns sapatos.

– Oh! Isso seria... – comecei eu, mas o Outro levantou a mão.

– Não tens de me agradecer. Só tens de me arranjar a informação de que preciso. É tudo o que peço.

– Oh, claro! – Prometi – Assim que tiver sapatos, não haverá problema. Chego ao Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental em três horas e meia. Quatro, no máximo.

Sapatos

ENTRADA PARA O DÉCIMO SEXTO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, a caminho do Terceiro Salão Sul-Ocidental, passei pelo Segundo Salão Sul-Ocidental. Em cima do Plinto Vazio onde o Outro se apoia, estava uma pequena caixa de cartão. Era cinzenta-escura. Na tampa tinha uma imagem de um polvo num cinzento mais pálido e algo escrito a laranja. A inscrição dizia: AQUARIUM.

Abri-a. À primeira vista, parecia não ter mais do que papel branco fino, mas quando levantei o papel, encontrei um par de sapatos. Eram feitos de lona azul-esverdeada, que me lembrou as Marés dos Salões Meridionais. As solas de borracha eram grossas e brancas e tinham cordões brancos. Tirei-os da caixa e calcei-os. Serviam perfeitamente. Experimentei andar com eles. Os meus pés sentiam-se maravilhosamente almofadados e elásticos.

Andei todo o dia a correr e a dançar pelo puro prazer de sentir os meus pés nos seus novos sapatos.

– Olhem! – disse aos corvos no Primeiro Salão Setentrional, quando desceram a voar das Estátuas Altas para ver o que eu andava a fazer. – Tenho sapatos novos!

Mas os corvos limitaram-se a grasnar e voaram de volta para os seus poleiros.

Uma lista das coisas que Outro me deu

ENTRADA PARA O DÉCIMO SÉTIMO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Fiz uma lista de todas as coisas que o Outro me deu para que me lembre de ficar grato e agradecer à Casa por me ter enviado um amigo tão extraordinário!

No Ano em que Batizei as Constelações, o Outro deu-me

- um saco-cama
- uma almofada
- 2 cobertores
- 2 redes de pesca de polímero sintético
- 4 folhas grandes de plástico grosso
- uma lanterna. Nunca a usei e não sei onde a pus.
- 6 caixas de fósforos
- 2 frascos de multivitamínicos

No Ano em que contei e batizei os Mortos, deu-me:

- uma sanduíche de queijo e fiambre

No Ano em que os Tetos do Vigésimo e do Vigésimo Primeiro Salões Norte-Orientais colapsaram, deu-me:

- 6 tigelas de plástico. Uso-as para recolher Água Fresca que escorre pelas Fendas nos Tetos e pelos Rostos das Estátuas abaixo. Uma das tigelas é azul, duas são vermelhas e três são da cor das nuvens. As da cor das nuvens são problemáticas. São praticamente do mesmo branco-acinzentado das Estátuas. Sempre que as coloco algures para recolher Água, imediatamente se confundem com o ambiente envolvente e perco-as de vista. Uma desapareceu no ano passado e ainda tenho de a encontrar.
- 4 pares de meias. Durante dois Invernos, tive os pés quentes e confortáveis, mas agora as meias estão todas esburacadas. Infelizmente, ainda não me lembrei de pedir ao Outro para me dar meias novas.
- uma cana de pesca e fio
- uma laranja
- uma fatia de bolo de Natal
- 8 frascos de multivitamínicos
- 4 caixas de fósforos

No Ano em que fui até ao Nongentésimo Sexagésimo Salão Ocidental, deu-me:

- uma pilha nova para o meu relógio
- 10 cadernos de apontamentos novos
- vários artigos de papelaria, incluindo 12 grandes folhas de papel para fazer Mapas Estelares, envelopes, lápis, uma régua e algumas borrachas
- 47 canetas
- mais multivitamínicos e fósforos

Este ano (o Ano em que o Albatroz veio aos Salões Sul-Occidentais), deu-me até agora:

- mais 3 tigelas de plástico. Estas são as melhores, com cores vivas e, portanto, fáceis de ver. Uma é laranja e as outras duas são de diferentes tons de verde.
- 4 caixas de fósforos
- 3 frascos de vitaminas
- um par de sapatos novos!

Devo mesmo muito à generosidade do Outro. Sem ele, não dormiria confortável e quente no meu saco-cama – no Inverno. Não teria cadernos de apontamentos para registar os meus pensamentos.

Dito isto, ocorre-me perguntar porque é que a Casa dá mais variedade de objetos ao Outro que a mim, fornecendo-lhe sacos-cama, sapatos, tigelas de plástico, sanduíches de queijo, cadernos, fatias de bolo de Natal, etc., etc., enquanto a mim me dá quase exclusivamente peixe. Penso que talvez seja porque o Outro não é tão hábil a cuidar de si próprio como eu sou. Ele não sabe pescar. Ele nunca (tanto quanto sei) recolhe algas, nem as seca e armazena para fazer fogueiras ou um saboroso lanche; ele não seca peles de peixe e não faz couro delas (que é útil para muitas coisas). Se a Casa não lhe fornecesse todas estas coisas, é bem possível que morresse. Ou então (o que é mais provável), eu teria de dedicar uma grande parte do meu tempo a cuidar dele.

Nenhum dos mortos se chama Addy Domarus

ENTRADA PARA O DÉCIMO OITAVO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Já passaram algumas semanas desde a minha última visita aos Mortos e, portanto, hoje voltei a fazê-lo. Não é fácil a tarefa de os visitar a todos no

espaço de um dia, uma vez que repousam a vários quilómetros uns dos outros. Levei a cada um deles uma oferenda de água e comida, e nenúfares que colhi nos Salões Submersos.

Em cada um dos Nichos e Plintos, sussurrei o nome *Addy Domarus*. Esperava que um deles – aquele a quem o nome pertence – pudesse, de alguma forma, comunicar a sua aceitação do mesmo. Nada disso aconteceu. Em vez disso, cada vez que me ajoelhava em cada Nicho ou Plinto, tinha uma sensação ligeira de repúdio, como se o nome estivesse a ser rejeitado.

Uma expedição

ENTRADA PARA O DÉCIMO NONO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIOS AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Ocupei-me hoje com as minhas tarefas rotineiras: pescar, recolher algas e trabalhar no meu Catálogo de Estátuas. No final da tarde, reuni alguns mantimentos e iniciei a caminhada para o Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental.

Pelo caminho, a Casa mostrou-me muitas maravilhas.

No Quadragésimo Quinto Vestíbulo, vi uma Escadaria que se tinha transformado num vasto leito de mexilhões. Uma das Estátuas que ornamentava a Parede da Escadaria tinha sido praticamente coberta por uma carapaça de mexilhões azul-escura, com apenas meio Rosto visível e um braço branco, fora do alcance, livre. Fiz um esboço da Estátua no meu Diário.

No Quinquagésimo Segundo Salão Ocidental, deparei-me com uma Parede resplandecente, com tanta Luz dourada que as Estátuas pareciam estar a dissolver-se nela. Dali, passei a uma pequena Antecâmara com poucas Janelas, fresca e sombria. Vi a Estátua de uma Mulher a segurar um Prato grande e raso, de forma a que uma Cria de Urso pudesse beber dele.

Ao aproximar-me do Septuagésimo Oitavo Vestíbulo, os Pavimentos estavam cobertos de Destroços. De início, vi apenas algumas aqui e ali, mas quando me aproximei do Vestíbulo, já caminhava sobre um Piso irregular e traiçoeiro de Pedras Partidas. No Vestíbulo, uma fina camada de água ainda corria sob os Destroços. Estátuas Partidas acumulavam-se pelos Cantos.

Continuei. No Octogésimo Oitavo Salão Ocidental, o Pavimento estava limpo de Detritos, mas deparei-me com outro problema. Uma colónia de gaivotas tinha construído os seus ninhos neste Salão e a minha intrusão foi recebida com fúria. Grasnaram indignadas e voaram contra mim, batendo as asas e tentando atingir-me com os seus bicos. Agitei os braços e gritei para as afastar.

Cheguei ao Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental. Parei na Porta Única e espreitei lá para dentro. Os Salões circundantes estavam inundados por um Crepúsculo azulado suave, mas este Salão em particular – que, como já disse, não tem janelas – era escuro e as suas Estátuas invisíveis. Uma leve corrente de ar – como um sopro frio – emanava dele.

Não estou habituado à Escuridão Total. Há muito poucos Lugares Sombrios na Casa; talvez aqui e ali se encontre um Canto Obscuro de uma Antecâmara ou um Ângulo dos Salões Decrépitos onde a Luz é bloqueada por Detritos; mas, em geral, a Casa não é escura. Mesmo à noite, a Luz das Estrelas brilha nas Janelas.

Imaginava que tudo o que teria de fazer para responder à questão do Outro – Que Estrelas podem ser vistas da porta do Salão? – seria discernir a orientação exata do Salão e, depois, consultar os meus Mapas Estelares. Mas agora que estava mesmo à Porta, percebi que este plano era demasiado otimista. A Porta tinha aproximadamente quatro metros de largura e onze de altura, o que é enorme para uma Porta, mas quase nada comparado com a vastidão do Céu. Não conseguiria dizer que Estrelas podiam ser avistadas do Umbral a menos que passasse a noite no Salão e visse por Mim mesmo.

Não achei esta possibilidade apelativa.

Lembrei-me de ter subido a Escadaria para o Salão Superior por cima do Décimo Nono Salão Oriental e ter descoberto que estava cheio por uma Nuvem. Lembrei-me que o Salão estava cheio de Figuras gigantescas em plena ação violenta, como cada Rosto estava distorcido por gritos de raiva ou angústia.

Imagine-se (pensei) que acontece de novo? Suponhamos que entro na Escuridão do Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental e adormeço, apenas para acordar e encontrar-Me rodeado de horrores?

Fiquei zangado Comigo mesmo, enojado com a minha própria timidez. Isto não era maneira de pensar! Teria eu caminhado durante quatro horas

para chegar a este Salão apenas para ter demasiado medo de entrar? Que ridículo! Disse a Mim mesmo que o medo que tinha sentido naquele Salão Superior era altamente improvável que se repetisse em qualquer outro lugar. Afinal, já tinha entrado no Centésimo Nonagésimo Segundo Salão antes. Se as Estátuas fossem particularmente violentas ou assustadoras, certamente lembrar-me-ia. Para além disso, tinha uma obrigação para com o Outro. Ele precisava de saber que Estrelas eram visíveis da Porta.

Ainda assim, a Escuridão enervava-me. Adiei a entrada por um bocado. Sentei-me no exterior, comi, bebi e escrevi esta entrada no meu Diário.

O Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Tendo terminado a entrada anterior no meu Diário, entrei no Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental. O Escuro e o Frio envolveram-me. Pouco depois de ter entrado (estimo cerca de vinte metros), virei-me de frente para a Porta Única, perfeitamente alinhada com uma Janela no Corredor no exterior. Sentei-me e embrulhei-me no meu cobertor.

Ao início, estava perfeitamente consciente da Escuridão nas minhas costas e dos olhares das Estátuas Desconhecidas. Estava tudo muito silencioso. O Salão onde costumo dormir – o Terceiro Salão Setentrional – está cheio de pássaros e, à noite, ouço pequenos sons, enquanto eles se deslocam ou se agitam nos seus poleiros; mas tanto quanto pude perceber, não havia pássaros no Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental. Aparentemente, achavam-no tão inquietante quanto eu.

Obriguei-me a focar na única coisa que me era familiar: o som do Mar nos Salões Inferiores, a Água a bater nas Paredes em milhares e milhares de Câmaras. É um som que me acompanha todos os dias. Adormeço com ele todas as noites, tal como uma criança adormeceria, segura, no colo da sua mãe, sentindo o bater do seu coração. E, na verdade, é o que me deve ter acontecido, porque a próxima coisa de que me lembro foi de ter acordado abruptamente do meu sono.

A Lua Cheia erguia-se no centro do Umbral Único, inundando o Salão com Luz. As Estátuas nas Paredes estavam todas colocadas como se tivessem acabado de se virar para o Umbral, os seus Olhos de mármore fixos na Lua. Eram diferentes das Estátuas de outros Salões; não eram indivíduos isolados, mas a representação de uma Multidão. Aqui estavam

dois com os Braços um sobre o outro; ali um tinha a Mão no Ombro do outro à frente, tentando avançar para ver a Lua; aqui uma Criança segurava a Mão do seu Pai. Havia até um Cão que – não tendo qualquer interesse na Lua – se apoiava nas Patas Traseiras, com as Patas Dianteiras no Peito do seu Dono, pedindo atenção. A Parede Traseira era uma massa de Estátuas – não tão bem ordenadas em Níveis, mas uma Multidão confusa e caótica. Em destaque entre elas, estava um Jovem, banhado pelo Luar, cheio de euforia no Rosto, com uma Bandeira na Mão.

Quase me esqueci de respirar. Por um momento, imaginei como seria se, em vez de duas pessoas no Mundo, houvesse milhares.

O Octogésimo Oitavo Salão Ocidental

SEGUNDA ENTRADA PARA O VIGÉSIMO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

A Lua Cheia desceu para oeste, a Luz no Salão diminuiu e as Constelações tornaram-se mais brilhantes na Janela em frente ao Umbral. Tomei nota das Constelações e Estrelas que vi. Ao Amanhecer, dormi durante algumas horas e, depois, iniciei a viagem de regresso a casa.

Enquanto caminhava, pensava no Grande Conhecimento Secreto que o Outro dizia que nos daria novos poderes. E percebi algo. Percebi que já não acreditava nele. Ou talvez não fosse bem assim. Achava que era possível que o Conhecimento existisse. Da mesma forma, pensei que era possível que não fosse. De qualquer modo, já não me importava. Não pretendia perder mais tempo a procurá-lo.

Esta constatação – a constatação da Insignificância do Conhecimento – surgiu-me como uma Revelação. O que quero dizer com isto é que eu sabia que era real antes de compreender porquê ou que passos me tinham levado até lá. Quando tentei refazer esses passos, a minha mente regressava à imagem do Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental ao Luar, à sua Beleza, à sua Calma profunda, aos olhares reverentes nos Rostos das Estátuas enquanto se viravam (ou pareciam virar-se) para a Lua. Percebi que a busca pelo Conhecimento nos incentivou a pensar na Casa como se fosse uma espécie de enigma a ser desvendado, um texto a ser interpretado, e, que se alguma vez viermos a descobrir o Conhecimento, então será como se conquistássemos o Valor da Casa e tudo o que restará será um mero cenário.

A visão do Centésimo Nonagésimo Segundo Salão ao Luar fez-me perceber como isso é ridículo. A Casa é preciosa porque é a Casa. É suficiente em, e por Si mesma. Não é um meio para atingir um fim.

Este pensamento levou a outro. Percebi que a descrição feita pelo Outro dos poderes concedidos pelo Conhecimento sempre me deixou desconfortável. Por exemplo: ele diz que teremos o poder de controlar mentes inferiores. Bem, para começar, não há mentes inferiores; há apenas a dele e a minha, e ambos temos intelectos perspicazes e aguçados. Mas, supondo, por um momento, que uma mente inferior existia, porque quereria eu controlá-la?

O abandono da busca pelo Conhecimento iria libertar-nos para perseguirmos um novo tipo de ciência. Poderíamos seguir qualquer caminho que os dados nos indicassem. A ideia de tudo isto deixou-me entusiasmado e feliz. Estava ansioso por regressar para junto do Outro e explicar-lho.

Caminhava pelos Salões, a pensar em tudo isto, quando ouvi os gritos violentos de aves e lembrei-me que o Octogésimo Oitavo Salão Ocidental estava cheio de gaivotas. Perguntei-me se devia tomar ou não um Caminho diferente, mas, estimando que qualquer desvio acrescentaria sete ou oito Salões (1,7 quilómetros) à minha jornada, decidi continuar.

Tinha atravessado metade do Salão quando reparei nalgumas formas brancas dispersas pelo Pavimento. Apanhei-as. Eram pedaços de papel rasgado com algo escrito. Estavam amarrotados e, por isso, alisei-os e tentei juntá-los. Dois – não, três – dos pedaços encaixaram perfeitamente, formando uma parte de uma pequena folha de papel com um lado rasgado. Parecia ser uma página arrancada de um caderno de apontamentos.

Pude ver que, mesmo depois de juntar os pedaços, a página seria difícil de decifrar. A escrita era horrível – como um emaranhado de algas. Depois de alguns minutos a olhar para ela, pensei que conseguia distinguir a palavra «minotauro». Uma ou duas linhas acima, pensei ter visto a palavra «escravo» e, uma ou duas linhas abaixo, a expressão «matá-lo». O resto era completamente indecifrável. Mas a referência ao «minotauro» intrigou-me. O Primeiro Vestíbulo contém oito Estátuas enormes de Minotauros, cada uma diferente das outras. Talvez a pessoa que escreveu isto tenha visitado os meus próprios Salões?

Perguntava-me de quem poderiam ser os escritos. Não eram do Outro. Para além do facto de eu ter a certeza de que ele nunca se tinha aventurado até ao Octogésimo Oitavo Salão Ocidental, sabia que a sua escrita era clara e precisa. Um dos Mortos, então. O Homem da Pele de Peixe? O Homem da Caixa de Biscoitos? A Pessoa Oculta? Potencialmente, esta foi uma descoberta de grande importância histórica.

Agora que sabia o que procurava, podia ver mais formas brancas espalhadas pelo Pavimento. Comecei a recolhê-las. Começando no Canto Sudoeste, inspecionei sistematicamente o Pavimento de todo o Salão, cobrindo todas as suas partes. De início, as gaivotas fizeram uma objeção ruidosa às minhas ações, mas quando viram que eu não me chegava perto dos seus ovos ou das crias, perderam o interesse. Encontrei quarenta e sete pedaços de papel, mas quando me ajoelhei e os tentei encaixar todos, ficou claro que ainda faltavam muitos mais.

Olhei à minha volta. Os ninhos das gaivotas estavam empoleirados no Ombros de Estátuas e amontoados nos Plintos; havia um enfiado entre as Pernas da Estátua de um Elefante e outro equilibrado na Coroa de um Rei Idoso. A espreitar no ninho na Coroa, pude ver dois fragmentos brancos. Cautelosamente, aproximei-me e subi a uma Estátua vizinha para o examinar. De imediato, duas gaivotas atacaram-me, gritando a sua indignação e atirando-se a mim num ataque de asas e bicos. Mas eu estava igualmente determinado. Com um braço, subi pela Estátua e, com o outro, defendi-me das aves.

O ninho era uma coisa desconjuntada e desarrumada, construído com algas secas e espinhas de peixe; enfiados na sua estrutura estavam cinco ou seis pedaços de papel com escrita. Desci e retirei-me para o centro do Salão, longe das Paredes, dos ninhos e das gaivotas atacantes.

Pensei no que devia fazer. Não havia hipótese de recuperar agora as peças em falta. As gaivotas nunca me permitiriam destruir os seus ninhos – nem eu queria fazê-lo. Não, tenho de esperar até ao final do Verão – ou, melhor ainda, pelo início do Outono –, quando as gaivotas abandonarem os ninhos e as crias estiverem crescidas. Nessa altura, poderia voltar e recolher todos os pedaços em falta.

Coloquei cuidadosamente os quarenta e sete pedaços na minha mochila e continuei a minha viagem de regresso a casa.

O Outro explica que tinha dito tudo isto anteriormente

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO SEGUNDO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, levei os meus Mapas Estelares ao Segundo Salão Sul-Occidental.

Encontrei o Outro encostado ao Plinto Vazio, com os tornozelos cruzados e os cotovelos apoiados no Plinto. Parecia tranquilo. Vestia um fato imaculado azul-escuro e uma camisa branca resplandecente. Dirigiu-me um sorriso amigável.

– Que tal os sapatos? – perguntou.

– Excelentes! – disse eu. – Magníficos! Obrigado! Mas o que prezo ainda mais do que os próprios sapatos, é a prova que eles dão da nossa amizade! Considero que um amigo assim é uma das maiores alegrias da minha Vida!

– Faço o melhor que posso – disse o Outro. – Então, conta-me. Como é que tens passado? Agora que já tens os sapatos.

– Já fui ao Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Occidental!

– *Okay*. E viste quais as estrelas se viam de lá? Tomaste notas?

– Tomei notas – respondi –, mas não as trouxe comigo, já que me lembro de tudo o que tenho para lhe dizer.

A seguir, contei-lhe o que tinha visto no Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Occidental.

– As Estátuas são a sua característica mais notável. Quer dizer, para além da Porta Única e das Janelas Inexistentes. O Luar incidia numa estátua em particular – a imagem de um Jovem. Parecia-me representar as Virtudes de...

– Não te preocupes com isso. Já sabes que não estou interessado nas Estátuas. Fala-me nas estrelas – disse o outro. – O que conseguiste ver?

– Vou mostrar-lhe. – E abri um dos meus Mapas Estelares sobre o Plinto Vazio. Ele aproximou-se e ficou ao meu lado. – Vi a Rosa, a Boa Mãe e o Candeeiro. A estas seguiram-se, quase de manhã, o Sapateiro e a Cobra de Ferro. (Estes eram alguns nomes que tinha dado às Constelações.)

O Outro examinou o Mapa atentamente. Depois, pegou no seu aparelho luminoso e tomou algumas notas.

– Algumas destas Estrelas é particularmente brilhante? – perguntou.

– Sim. Esta Estrela aqui. Faz parte da Boa Mãe. É a ponta do seu braço estendido, por assim dizer. É uma das Estrelas mais brilhantes do Céu.

– Perfeito – disse o Outro. – A estrela mais brilhante para simbolizar o maior conhecimento. Bem, enquanto andavas a fazer tudo isto, tomei uma decisão. Decidi ir a essa sala e fazer lá o ritual. Obviamente, é muito mais para dentro do labirinto do que alguma vez fui e, portanto, há riscos... – Fez uma pausa por um momento e pareceu-me muito determinado, como se se protegesse de algo. – Mas ponderando os riscos face às recompensas; bem, as recompensas são potencialmente enormes. A informação que me trouxeste é inestimável e o que preciso que faças agora é que voltes lá e percebas que constelações podem ser vistas nas diferentes alturas do ano.

Agora chegara o momento de explicar a minha Revelação sobre o Grande Conhecimento Secreto.

– Quanto a isso – disse –, tenho algo a dizer. Algo me foi revelado e devo agora partilhar consigo, algo que tem implicações profundas em toda a nossa investigação futura. Temos de cessar a nossa procura do Conhecimento! Quando começámos, acreditámos que era um esforço digno, merecedor de toda a nossa atenção, mas acontece que não é. Devemos abandoná-la de imediato e, no seu lugar, estabelecer um novo programa de investigação científica!

O Outro não estava a prestar atenção. Estava a tomar notas no seu aparelho luminoso.

– Humm? O quê? – perguntou.

– Estou a referir-me à nossa busca pelo Conhecimento – disse eu – e de como a Casa me revelou que a deveríamos abandonar.

O Outro parou de teclar. Levou um momento para processar o que eu tinha acabado de dizer. Depois, pousou o aparelho no Plinto Vazio, levou as mãos à cara, deu uma espécie de gemido e esfregou os olhos.

– Oh, Deus! Isto outra vez não – disse ele.

Destapou os olhos. Virou-se e olhou ao longe.

– Não digas nada – disse (ainda que eu nada tivesse dito). – Preciso de pensar.

Seguiu-se um longo silêncio, no fim do qual ele pareceu chegar a uma decisão.

– Senta-te – disse ele.

Sentámo-nos os dois no Pavimento do Salão. Eu sentei-me com as pernas cruzadas e ele sentou-se sobre os seus joelhos dobrados, encostando as costas ao Plinto Vazio.

Havia uma espécie de escuridão crescente no seu rosto. Parecia não conseguir olhar para mim. Por estes sinais, eu sabia que ele estava zangado, mas lutava para não o mostrar.

O outro tossiu.

– *Okay* – disse numa voz controlada. – Há três razões, três, pelas quais não deves parar de procurar o conhecimento. Vou revê-las todas contigo agora e, no fim, penso que vais ver que tenho razão. Só preciso que me ouças. Consegues fazer isso, não consegues?

– Claro – respondi. – Diga-me as três razões.

– *Okay*, a primeira razão é esta. Pode parecer-te que o que faço é algo egoísta; tentar obter o conhecimento só para mim. Mas a realidade é bem diferente. Esta busca em que ambos estamos empenhados, é um projeto realmente grandioso. Memorável. Um dos mais importantes da história da humanidade. O conhecimento que buscamos não é algo de novo. É antigo. Muito antigo. Outrora, alguém o possuía e usava-o para fazer maravilhas, coisas fantásticas. Deviam tê-lo conservado. Deviam tê-lo respeitado. Mas não o fizeram. Abandonaram-no em nome de algo a que chamaram de progresso. E cabe-nos a nós recuperá-lo. Não o fazemos por nós; estamos a fazê-lo pela humanidade. Para recuperar algo que a humanidade perdeu insensatamente.

– Entendo – disse eu. (Isto punha, de facto, as coisas numa perspetiva ligeiramente diferente).

– E pessoalmente – continuou o Outro –, penso que esta busca é tão importante, tão absolutamente vital, que tenho de continuar. Não importa o que aconteça. Não tenho escolha. Se a tua decisão é parar com a busca... bem, nesse caso, suponho que já não seríamos parceiros. Os nossos encontros às Terças e Sextas... não os teríamos mais. Porque, nesse caso, qual seria o objetivo? Eu prosseguiria as minhas pesquisas e tu estarias ausente – gesticulou de forma vaga –, a fazer o que quer que seja que fazes. Claro que não é isto que pretendo, que fique bem claro, mas é assim que as coisas teriam de ser. Portanto, esta é a segunda razão.

– Oh! – disse eu. – Nunca me tinha ocorrido que deixaríamos de ser parceiros. – Mas trabalhar consigo é um dos maiores prazeres da minha

vida!

– Eu sei – disse o Outro. – E, claro, eu sinto o mesmo. – Fez uma pausa. – Agora preciso de te contar a terceira razão. Mas, antes disso, preciso que ouças outra coisa. – Observou o meu rosto atentamente e com um olhar penetrante. – Isto é a coisa mais importante que tenho para dizer. Piranesi, esta não é a primeira vez que me dizes que queres parar com a busca pelo conhecimento. Esta não é a primeira vez que te explico porque é que não é a decisão mais acertada. Tudo o que acabámos de dizer? *Já o dissemos anteriormente.*

– Eu... O quê? – disse eu. Pestanejei, surpreso. – O quê?... Não. Não. Isso não é verdade.

– Sim, infelizmente, é. Repara, o labirinto prega partidas à mente. Faz as pessoas esquecerem as coisas. Se não tiveres cuidado, pode destruir toda a tua personalidade.

Fiquei estupefacto.

– Quantas vezes já o dissemos? – perguntei por fim.

Ele pensou por um momento.

– Esta é a terceira vez. Há aqui um padrão. A ideia de parar com a busca pelo conhecimento parece ocorrer-te, aproximadamente, uma vez a cada dezoito meses. – Olhou para mim. – Eu sei, eu sei – disse ele com simpatia. – É difícil de aceitar.

– Mas não compreendo – protestei. – Tenho uma memória excelente. Lembro-me de todos os Salões que visitei. Há sete mil, seiscentos e setenta e oito.

– Nunca te esqueces de nada sobre o labirinto. É por isso que a tua contribuição para o meu trabalho é tão importante. Mas esqueces-te de outras coisas. E, claro, perdes tempo.

– O quê? – disse eu, chocado.

– Tempo. Estás sempre a perder tempo.

– O que quer dizer?

– Tu sabes. Enganas-te nos dias e datas.

– Não é verdade – respondi, indignado.

– É verdade, sim. E é um bocado chato, para ser honesto. A minha agenda está sempre tão preenchida. Venho encontrar-me contigo e não estás em lado nenhum porque voltaste a saltar um dia. Já tive de te corrigir inúmeras vezes quando a tua perceção do tempo ficou dessincronizada.

– Dessincronizada com quê?

– Comigo. Com toda a gente.

Eu estava perplexo. Não acreditava nele. Mas também não deixei de acreditar. Não sabia o que pensar. Mas, no meio de toda a incerteza, uma coisa era clara, algo se mantinha com a qual eu podia absolutamente contar: o Outro era honesto, nobre e diligente. Ele não mentiria.

– Mas porque não se esquece? – perguntei eu.

O Outro hesitou por um momento.

– Tomo precauções – afirmou ele, cautelosamente.

– Eu não a posso tomar também?

– Não. Não. Isso não resultaria. Desculpa. Não posso explicar como e porquê. É complicado. Um dia, explico-te.

A resposta não foi muito satisfatória, mas, na altura, não tinha nem energia nem capacidade mental para insistir. Estava demasiado ocupado a pensar no que poderia ter esquecido.

– Na minha perspetiva, esta é uma situação muito preocupante – disse eu. – Imagine que me esqueço de algo importante, como as Horas e Padrões das Marés? Posso afogar-me.

– Não, não, não – disse o Outro, tranquilamente. – Não precisas de te preocupar com isso. Nunca te esqueces de algo desse género. Não te deixaria andar por aí a vaguear se soubesse que corrias o mínimo perigo. Conhecemo-nos há anos e, durante esse tempo, o teu conhecimento do labirinto cresceu exponencialmente. É extraordinário, na verdade. Quanto ao resto, algo importante de que te esqueças, posso recordar-te. Mas o facto de te esqueceres enquanto eu me lembro... é por isso que é tão vital que eu estabeleça os nossos objetivos. Eu. E não tu. Esta é a terceira razão pela qual devemos prosseguir com a nossa busca do conhecimento. Percebes?

– Sim. Sim. Pelo menos... – Calei-me por um momento. – Preciso de tempo para pensar – disse eu.

– Claro. Claro – concordou o Outro, dando-me palmadinhas consoladoras no ombro. – Voltaremos a falar no assunto na Terça.

Levantou-se, dirigiu-se ao Plinto Vazio e examinou o pequeno aparelho luminoso ali pousado.

– De qualquer forma – disse –, tenho de ir andando. Já aqui estou quase há cinquenta e cinco minutos.

Sem dizer mais nada, voltou-se e partiu na direção do Primeiro Vestíbulo.

O Mundo não corrobora a afirmação do Outro de que há lacunas na minha memória

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO TERCEIRO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

O Mundo (tanto quanto posso dizer) não confirma a afirmação do Outro de que existem lacunas na minha memória.

Enquanto ele explicava – e durante algum tempo depois –, eu não sabia o que pensar. Em várias alturas, vivenciei uma sensação semelhante à de pânico. Poderia ser realmente verdade eu ter-me esquecido de conversas inteiras?

Mas à medida que o dia avançava, não consegui encontrar provas de perda de memória que suportassem a afirmação do Outro. Ocupei-Me com as minhas tarefas normais e quotidianas. Consertei uma das minhas redes de pesca e trabalhei no meu Catálogo de Estátuas. No início da noite, fui ao Oitavo Vestíbulo para pescar nas Águas da Escadaria Inferior. Os Raios do Sol Poente brilhavam através do Janelas dos Salões Inferiores, atingindo a Superfície das Ondas e criando ondulações de Luz dourada através do Teto da Escadaria e sobre as Faces das Estátuas. Quando caiu a noite, ouvi as Canções que a Lua e as Estrelas cantavam e cantei com elas.

O Mundo parece Completo e Uno, e eu, seu Filho, encaixo-me perfeitamente nele. Não há qualquer discrepância entre o que devo lembrar-me mas não consigo, ou entre o que devo compreender mas não o faço. A única parte da minha existência em que sinto algum tipo de fragmentação é aquela última estranha conversa com o Outro. E, por isso, tenho de Me perguntar: quem tem problemas de memória? Eu ou ele? Estará ele a recordar-se de conversas que nunca aconteceram?

Duas memórias. Duas mentes brilhantes que se recordam de eventos passados de forma diferente. É uma situação embaraçosa. Não existe uma terceira pessoa para dizer qual de nós está correto. (Se ao menos a Décima Sexta Pessoa aqui estivesse!)

Quanto à afirmação do Outro de que perco tempo e confundo os dias, não vejo como é que isso pode ser verdade. Inventei o calendário que utilizo, por isso, como poderia ficar «dessincronizado», como ele afirmou? Não há forma de ficar dessincronizado com ele.

Pergunto-me agora se foi por isso que me colocou aquela estranha pergunta há três semanas e meia? Refiro-me à pergunta que envolvia uma palavra estranha. Voltando atrás nas páginas do meu Diário, vejo que a estranha palavra era «Batter-Sea».

E depois, instantaneamente, a solução apresenta-se por ela própria! Tudo o que tenho de fazer é ler os meus Diários e descobrir se existem discrepâncias ou quaisquer eventos registados de que já não me lembre. Sim! Isto irá certamente clarificar a questão. De facto, a única desvantagem desta ideia é que vai levar um considerável período de tempo – os meus escritos são extensos – que não posso agora dispensar de outros projetos.

Estou decidido a ler os meus Diários algures nos próximos meses e, entretanto, partirei do princípio de que é a memória do Outro, e não a minha, que está incorreta.

Escrevo uma carta

ENTRADA PARA O DÉCIMO QUARTO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Segue-se uma transcrição da carta que escrevi a giz no Pavimento do Segundo Salão do Sul-Occidental.

CARO OUTRO

EMBORA JÁ NÃO POSSA CONSIDERAR A BUSCA DO GRANDE CONHECIMENTO SECRETO UM ESFORÇO CIENTÍFICO LEGÍTIMO, DETERMINEI QUE O PROCEDIMENTO MAIS CORRETO É CONTINUAR A AJUDÁ-LO E RECOLHER QUAISQUER DADOS DE QUE NECESSITE. NÃO É CORRETO QUE O SEU TRABALHO CIENTÍFICO SEJA PREJUDICADO SIMPLEMENTE PORQUE PERDI A CONFIANÇA NA HIPÓTESE. ESPERO QUE ISTO SEJA ACEITÁVEL PARA SI.

DO SEU AMIGO

O Outro previne-me acerca do 16

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO SEXTO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, fui ao Segundo Salão Sul-Occidental para me encontrar com o Outro. Confesso que estava um pouco ansioso sobre como decorreria a reunião. Às vezes, quando estou ansioso, falo muito e, assim, lancei-me de imediato num longo discurso, explicando desnecessariamente a carta que tinha escrito a giz no Pavimento.

Não interessava. A meio, percebi que o Outro não estava a ouvir. A sua mente estava embrenhada em pensamentos e ele mexia, distraidamente, em alguns pequenos objetos metálicos no bolso do seu casaco. Hoje vestia um fato cinzento-escuro e uma camisa preta.

– Não viste mais ninguém no labirinto, pois não? – perguntou subitamente.

– Mais alguém? – repliquei.

– Sim.

– Alguém novo? – perguntei.

– Sim – respondeu.

– Não – disse eu.

Ele analisou atentamente o meu rosto como se, por alguma razão, duvidasse da veracidade do que eu acabara de dizer. Depois, tranquilizou-se e disse:

– Não. Não. Como seria possível? Só cá estamos nós.

Houve um breve silêncio.

– A menos que – acrescentei – haja mais pessoas noutras partes da Casa. Em Lugares Tão Distantes que nós dois ainda não tenhamos visto. Tenho-me interrogado frequentemente sobre isso. Enquanto hipótese, é impossível prová-la de alguma forma... a não ser que um dia me depare com sinais de atividade humana que, sinais não possam razoavelmente ser atribuídos aos nossos próprios Mortos.

– Mmmmm – murmurou ele. E voltou a embrenhar-se nos seus pensamentos.

Mais silêncio.

Ocorreu-me que talvez já me tivesse deparado com tais sinais. Os pedaços de papel escritos que tinha encontrado no Octogésimo Oitavo Salão Occidental! Podiam pertencer aos nossos Mortos ou a Alguém ainda por nós desconhecido. Estava prestes a contar tudo sobre o assunto ao Outro quando ele voltou a falar.

– Ouve – disse ele –, quero que me prometas uma coisa.

– Claro – respondi eu.

– Se alguma vez encontrares alguém no labirinto, alguém que não conheças... quero que me prometas que não tentas falar-lhe. Em vez disso, tens de te esconder. Afasta-te do caminho deles. Não deixes que te vejam.

– Oh, mas pense na oportunidade que se perderá se eu fizer isso! – disse eu. – A Décima Sexta Pessoa terá certamente conhecimentos que nós não temos. Poderá descrever-nos as Regiões Distantes do Mundo!

O Outro olhou-me espantado.

– O quê? A que te referes? A décima sexta pessoa?

Contei-lhe sobre os Treze Mortos e os Dois Vivos e como alguém novo seria a Décima Sexta Pessoa. (Tinha-lhe explicado isto já muitas vezes. O Outro parecia não conseguir reter esta importante informação na sua mente.)

– Concordo que «Décima Sexta Pessoa» seja uma designação complexa – disse eu. – Podemos, se preferir, chamar-lhe «16» para simplificar. O que quero dizer é que o 16 tem informações sobre o Mundo que nós não possuímos e portanto...

– Não-não-não-não-não – respondeu o Outro. – Não percebeste. É mesmo muito importante que nos mantenhamos tão afastados dessa pessoa quanto possível.

Fez uma pausa e continuou:

– É que, sabes, Piranesi, eu conheci essa pessoa. Essa pessoa a quem chamas «16».

– O quê? Não! – Exclamei. – Então, há realmente uma Décima Sexta Pessoa no Mundo? Porque não me disse antes? Isso é maravilhoso! Isso é motivo de comemoração!

– Não – E abanou a cabeça tristemente. – Não, Piranesi. Sei que que isto é muito importante para ti e lamento ter de te dizer. Mas isto não é motivo para celebrar. É completamente o oposto. Essa pessoa... 16... quer-me mal. O 16 é meu inimigo. E assim, por arrasto, teu também.

– Oh! – Exclamei e calei-me.

Que péssimas notícias. Claro que percebo o conceito de inimizade: há muitas Estátuas que representam uma Figura a lutar com Outra. Mas nunca o tinha vivido em pessoa. Uma ideia inesperada veio-me à cabeça –

a frase *mata-o* num dos pedaços de papel do Octogésimo Oitavo Salão Ocidental. A pessoa que o tinha escrito tinha um inimigo.

– Há alguma possibilidade de estar enganado? – perguntei. – Talvez seja tudo um mal-entendido. Quando o 16 aparecer, posso falar com ele e explicar-lhe que é uma Boa Pessoa, com muitas Qualidades Admiráveis. Posso demonstrar-lhe que a atitude hostil dele para consigo não faz sentido.

O Outro sorriu.

– É mesmo teu, Piranesi, tentar encontrar o que há de bom na situação. Infelizmente, neste caso, não é possível. É por isso que não queria falar-te do 16. Tu imaginas que o 16 pode ser chamado à razão. Mas, infelizmente, não é o caso. O 16 é o oposto de tudo o que somos e de tudo o que achamos valioso e prezamos. E isso inclui a razão. A razão é uma das coisas que o 16 quer destruir.

– Que horror! – disse eu.

– Sim.

Voltámos a cair em silêncio. Parecia não haver mais nada a dizer. Eu estava chocado pela descrição da malvadeza do 16. Opor-se à própria Razão!

Pouco depois, o Outro continuou:

– Mas, provavelmente, estou a preocupar-nos sem razão. Há muito poucas hipóteses de o 16 aqui vir.

– Porque é que a probabilidade é assim tão pequena? – perguntei.

– O 16 não conhece o caminho – respondeu o Outro. Sorriu-me. – Não deixes que isso te preocupe.

– Vou tentar, – disse eu. Um novo pensamento atingiu-me. – Quando é que conheceu o 16?

– Mmm? Oh, anteontem.

– Visitou os Lugares Longínquos onde mora o 16? Nunca me tinha dito. Fala-me sobre eles!

– Como assim?

– Disse que encontrou o 16. Mas também disse que o 16 não conhece o caminho para aqui. O que significa que o deve ter encontrado nos seus próprios Salões ou, no máximo, nalguma Região Remota. Isto surpreende-me porque pensava que não tinha empreendido nenhuma longa viagem desde que o conheço.

Sorri para o Outro à espera da sua resposta, que esperava que fosse muito interessante.

Ele parecia espantado. Espantado e ligeiramente apavorado.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Na verdade... – começou ele, e depois pareceu mudar de ideias sobre o que ia a dizer. – Na realidade, não importa onde nos conhecemos. E não tenho tempo para falar nisso agora. Sou preciso... Quer dizer, não posso ficar hoje. Só queria avisar-te. Sabes, sobre o 16. – Depois, acenou-me com a cabeça rapidamente, pegou nos seus aparelhos luminosos e saiu na direção do Primeiro Vestíbulo.

– Adeus! – gritei-lhe enquanto se afastava. – Adeus!

Atualizo a minha informação sobre o 16

ENTRADA APARA O VIGÉSIMO SÉTIMO DIA DO SEXTO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Estou muito interessado no facto de o Outro ter encontrado o 16 e é uma grande pena que ele esteja tão pouco inclinado a contar alguma coisa sobre o assunto. Gostava de saber muito mais acerca das circunstâncias e da localização. Mas suponho que o Outro não queira visitar um encontro com uma pessoa malvada.

A entrada que fiz no meu Diário há seis semanas (*Ver Uma lista de todas as pessoas que viveram e o que se sabe sobre elas*) está agora desatualizada e, por isso, esta manhã, acrescentei ali uma nota a encaminhar o leitor para esta página.

A Décima Sexta Pessoa

A Décima Sexta Pessoa mora numa Região Longínqua da Casa, possivelmente a Norte ou a Sul. Nunca o vi, mas o Outro conta que é uma pessoa malévola, avessa à Razão, à Ciência e à Felicidade. O Outro pensa que o 16 pode tentar vir aqui, a fim de perturbar a nossa Existência Pacífica e avisou-me que, se alguma vez visse o 16 nestes Salões, deveria esconder-Me.

O Primeiro Vestíbulo

ENTRADA PARA O PRIMEIRO DIA DO SÉTIMO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Hoje decidi visitar o Primeiro Vestíbulo. É, por estranho que pareça, um lugar onde quase nunca vou. Digo «estranhamente» porque quando defini o meu Sistema de Numeração dos Salões há vários anos, escolhi este

Vestíbulo como ponto de partida, o local a partir do qual tudo o resto é contabilizado. Conhecendo-Me como conheço, não penso que o teria escolhido se não tivesse sentido algum tipo de forte ligação com ele; porém, já não me lembro que ligação era essa. (Estará o Outro certo? Estou a esquecer-me das coisas? É um pensamento desagradável e afastado).

O Primeiro Vestíbulo é um lugar impressionante, maior do que a maioria dos Vestíbulos e mais sombrio. É dominada por oito Estátuas enormes de Minotauros, cada uma com aproximadamente nove metros de altura. Pairam sobre o Pavimento; escurecendo o Vestíbulo com o seu Volume, os seus Chifres Enormes apontando para o Ar Vazio, as suas Expressões Animalescas solenes e impenetráveis.

A temperatura do Primeiro Vestíbulo é diferente da dos Salões circundantes. Está vários graus mais baixa e há uma corrente de ar que sopra de algum lugar, trazendo consigo um cheiro de chuva, metal e gasolina. Já tinha notado isto muitas vezes, mas de alguma forma pareço sempre esquecer-lo imediatamente depois. Hoje concentrei a minha atenção no cheiro. Não era agradável nem desagradável, mas extremamente interessante. Segui o percurso do cheiro. Caminhei ao longo da Parede Meridional do Vestíbulo até chegar aos dois Minotauros que flanqueiam o Canto Sul-Oriental. Aqui, reparei numa coisa. As Sombras entre as duas Estátuas produziam uma espécie de ilusão ótica. Quase podia imaginar que se estendiam muito para trás e que estava, de facto, a olhar para um corredor que conduzia a um lugar distante, onde havia uma mancha de luz enevoadada. Esta mancha de luz continha outras luzes que pareciam cintilar e mover-se. Era daí que pareciam emanar a corrente de ar e o cheiro. Conseguia ouvir uns sons ténues – uma espécie de vibração e um ruído agradável, como as Ondas, mas menos regular.

De repente, ouvi passos, seguidos por uma voz, alta e indignada:

– ... não foi para isso que fui contratado e disse-lhe: «Deves estar a brincar. Só podes estar a brincar, amigo.»

Outra voz mais triste respondeu:

– As pessoas não têm vergonha. Quero dizer, o que lhes passa pela cabeça quando...

As passadas deixaram de se ouvir.

Saltei do canto Sul-Oriental como se tivesse sido picado.

O que é que tinha acabado de acontecer? Cautelosamente, aproximei-me novamente das Estátuas e espreitei entre elas. As Sombras pareciam-me agora banais. Conseguia ver como podiam sugerir a forma de um corredor, mas era só isso. A corrente de ar frio passava pelos meus tornozelos e ainda podia sentir o cheiro da chuva, metal e gasolina, mas as luzes e os ruídos tinham desaparecido.

Enquanto pensava nestas coisas, quatro velhos pacotes de batatas fritas voaram pelo Pavimento, um após o outro. Soltei um som exasperado; este era um problema que eu pensava já ter resolvido. A dada altura, encontrava constantemente pacotes de batatas fritas espalhados pelo Primeiro Vestíbulo. Também encontrei pacotes velhos de douradinhos de peixe e, invólucros de rolos de salsicha. Juntei-os e queimei tudo de modo a não prejudicassem a Beleza da Casa. (Não sei quem foi que comeu as batatas fritas, os douradinhos e os rolos de salsicha, mas não posso deixar de desejar que ele ou ela tivesse sido mais asseado!) Também encontrei um saco-cama no Vão por baixo da Escadaria de Mármore. Estava muito sujo e mal cheiroso, mas lavei-o cuidadosamente e serviu-me bem.

Corri atrás dos quatro pacotes de batatas fritas e apanhei-os. O quarto pacote de batatas fritas não era um pacote de batatas fritas. Era um pedaço de papel amarrotado. Alisei-o. Nele estava escrito o seguinte:

Tudo o que te peço é que me dês as direções para a estátua de que me falaste – aquela da velha raposa a ensinar jovens esquilos e outras criaturas. Gostava de a ver pessoalmente. Não é uma tarefa difícil e deve estar bem dentro das tuas capacidades. Escreve as direções no espaço abaixo. Deixei-te uma esferográfica ao lado do teu almoço.

Come, enquanto está quente – o almoço, não a esferográfica.

Laurence

P.S. Por favor, tenta lembrar-te de tomar os teus multivitamínicos.

Por baixo da mensagem, havia um grande espaço em branco para o destinatário responder mais ainda estava vazio; deduzi que ele ou ela não tinha dado ao autor a informação pedida.

Gostava de ter guardado o papel. Era um registo de duas das Pessoas que tinham vivido: em primeiro lugar, de uma pessoa chamada Laurence

e, em segundo, de outra pessoa a quem Laurence tinha escrito e a quem tinha dado almoço e multivitamínicos. Mas quem eram eles? Analisei e imediatamente descartei a possibilidade de um deles ser o 16. O Outro disse que o 16 não sabia o caminho para aqui e, claramente, tanto Laurence como o seu amigo estiveram a determinada altura, familiarizados com estes Salões. Podiam muito bem fazer parte dos meus Mortos. Mas havia outra possibilidade: que eram habitantes dos Salões Distantes. Se Laurence ainda estivesse vivo e à espera da informação acerca da Estátua, seria errado levar o papel.

Tirei a minha própria caneta e escrevi o seguinte no espaço em branco.

Caro Laurence

A Estátua da Raposa a ensinar dois Esquilos e dois Sátiros está no Quarto Salão Ocidental. Daqui, siga pela Porta Ocidental. No Salão seguinte, atravesse a Terceira Porta à direita. Chegará ao Primeiro Salão Norte-Ocidental. Siga ao longo da Parede Meridional (à sua esquerda) e saia de novo pela Terceira Porta que lhe aparece. Chegará a um Corredor no fim do qual ficará o Quarto Salão Ocidental. A Estátua encontra-se no Canto Norte-Ocidental. Também é uma das minhas favoritas!

1. Se estiver vivo, tenho esperança que encontre esta carta e que a informação que lhe deixo seja útil para si. Talvez um dia nos encontremos. Pode encontrar-me em qualquer um dos Salões a Norte, Oeste e Sul daqui. Os Salões a Este estão decrépitos.

2. Se for um dos meus Mortos (e o seu espírito passar por este Vestíbulo e ler este papel), então espero que já saiba que visito o seu Nicho ou Plinto regularmente para conversar consigo e levar-lhe oferendas de comida e bebida.

3. Se estiver morto – mas não for um dos meus Mortos –, então, por favor, saiba que faço longas viagens pelo Mundo. Se alguma vez encontrar os seus despojos, levar-lhe-ei oferendas de comida e bebida. Se me parecer que nenhum dos vivos está a zelar por si, reunirei os seus ossos e trá-los-ei para os meus Salões. Ordená-los-

ei e deixá-lo-ei repousar com os meus Mortos. Deixará de ficar sozinho.

Que a Casa na sua Beleza nos proteja a ambos.

Do Seu Amigo

Coloquei o papel aos pés de um dos Minotauros – o que fica mais perto do Canto Sul-Oriental do Vestíbulo – e prendi-o com uma pequena pedra.

1 Battersea é uma zona de Londres, localizada na margem sul do Tamisa. Em português, a expressão pode traduzir-se por um lugar batido pelo mar. (*N. dos T.*)

PARTE 3
O PROFETA

O Profeta

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO DIA DO SÉTIMO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Pelas Janelas do Primeiro Salão Norte-Oriental entravam grandes faixas de luz. Numa delas, estava um homem de costas voltadas para mim. Estava perfeitamente imóvel. Estava a olhar para a Parede das Estátuas.

Não era o Outro. Era mais magro, e não era tão alto.

16?!

Tinha-me deparado com ele tão inesperadamente. Entrei por uma das Portas Ocidentais e lá estava ele.

Ele voltou-se para olhar para mim. Não se mexeu. Não disse nada.

Eu não fugi. Em vez disso, aproximei-me dele. (Talvez estivesse errado em fazer isto, mas já era demasiado tarde para me esconder, demasiado tarde para cumprir a minha promessa que fizera ao Outro).

Caminhei lentamente à sua volta, analisando-o. Era um homem idoso. A sua pele era seca e fina, com veias grossas e salientes nas suas mãos. Os seus olhos eram grandes, escuros e líquidos, com pálpebras magnificamente definidas e sobrelhas arqueadas. A sua boca era longa e móvel, vermelha e estranhamente húmida. Usava um fato de xadrez inglês. Devia ser magro há muito tempo porque, embora fosse um fato antigo, assentava-lhe perfeitamente – ou seja, estava enrugado e caído porque o tecido era velho e usado, não porque o corte fosse mau.

Senti-me estranhamente desapontado; tinha imaginado que o 16 seria jovem como eu.

– Olá – disse eu. Tinha curiosidade em ouvir como soava a sua voz.

– Boa tarde – respondeu. – Se realmente for de tarde onde estamos. Nunca sei. – Tinha uma maneira altiva, um pouco arrastada e antiquada de falar.

– É o 16 – disse eu. – É a Décima Sexta Pessoa.

– Não o estou a compreender, meu jovem, – disse ele.

– Existem no Mundo dois Vivos, treze Mortos e, agora, o senhor – expliquei.

– Treze mortos? Que extraordinário! Nunca ninguém me disse que havia restos mortais humanos aqui. Quem são eles, pergunto-me?

Descrevi o Homem da Caixa de Biscoitos, O Homem da Pele de Peixe, a Pessoa Oculta, as Pessoas da Alcova e a Criança Dobrada.

– Sabes, é extraordinário – disse ele –, mas lembro-me dessa caixa de biscoitos. Costumava estar numa pequena mesa a seguir às canecas, no canto do meu escritório, na universidade. Pergunto-me como terá chegado aqui. Bem, posso dizer-te isto. Um dos teus treze mortos é quase de certeza aquele jovem italiano tímido de que o Stan Ovenden tanto gostava. Qual era o seu nome? – O homem desviou o olhar, pensou por um momento e encolheu os ombros. – Não, varreu-se-me. E imagino que outro seja o próprio Ovenden. Ele vinha aqui frequentemente para ver o italiano. Eu disse-lhe que estava a arranjar problemas, mas ele não me quis ouvir. Sabes como é, sentimento de culpa e por aí adiante. E não ficaria surpreendido se um dos outros fosse a Sylvia D’Agostino. Nunca mais soube nada dela desde o início dos anos noventa. Quanto a quem eu sou, meu jovem, entendo como podes concluir que sou o «16». Mas não sou. Ainda que aqui seja muito agradável... – e olhou à volta – ... Não pretendo ficar. Estou apenas de passagem. Alguém me disse que estarias aqui. Não – corrigiu-se –, não é bem assim. Alguém me disse o que achava que te podia ter acontecido e *Eu* concluí que estavas aqui. Essa pessoa mostrou-me uma fotografia tua e como eras claramente interessante, pensei em vir dar uma vista de olhos. Ainda bem que o fiz. Deve ter valido bem a pena olhar para ti anteriormente, sabes... antes de tudo ter acontecido. Ah, pronto! Cheguei à velhice. E também te aconteceu. E agora cá estamos! Mas para voltar ao assunto em questão. Mencionaste duas pessoas vivas. Suponho que a outra é o Ketterley?

– Ketterley?

– Val Ketterley. Mais alto do que tu. Cabelo e olhos escuros. Barba. Tez escura. A mãe dele era espanhola, sabes?

– Refere-se ao Outro? – respondi eu.

– O outro quê?

– O Outro. O Não-Eu.

– Ah! Sim! Entendo o que queres dizer. Que nome excelente para ele! O outro. Seja qual for a situação em que se encontra, é sempre «o outro». Há sempre alguém que lhe passa à frente. Ele é sempre o segundo violino. E ele sabe disso. Isso corrói-o. Ele foi um dos meus alunos, sabes. Ah, sim. Um grande charlatão, claro. Para além do porte intelectual e do olhar obscuro e penetrante, não tem um único pensamento próprio na cabeça. Todas as suas ideias são em segunda mão. – Fez uma ligeira pausa e

acrescentou: – Na verdade, todas as ideias dele são minhas. Eu fui o maior acadêmico da minha geração. Talvez de qualquer geração. Teorizei que isto... – abriu as mãos num gesto destinado a abranger o Salão, a Casa, Tudo – ...existia. E existe. Idealizei que havia uma maneira de aqui chegar. E há. E vim aqui e enviei outros para cá. Mantive tudo secreto. E fiz os outros jurarem segredo também. Nunca me interessei muito por aquilo a que poderás chamar moralidade, mas tracei a linha que provocou o colapso da civilização. Talvez fosse errado. Não sei. Tenho uma veia bastante sentimental.

Fixou um olho brilhante, vítreo e malévolos em mim.

– No final, todos pagámos um preço terrível. O meu foi a prisão. Ah, sim. Isso choca-te, imagino. Gostaria de poder dizer que tudo se deveu a um mal-entendido, mas fiz todas as coisas que eles disseram que eu fiz. Para ser realmente honesto, fiz muito mais do que eles alguma vez souberam. Ainda que, acreditas?, até tenha gostado da prisão. Conhecemos gente tão fascinante. – Fez uma breve pausa – O Ketterley contou-te como foi criado este mundo? – perguntou-me.

– Não, senhor.

– Gostavas de saber?

– Mesmo muito, senhor – disse eu.

Pareceu agradado com o meu interesse.

– Então, vou contar-te. Tudo começou quando eu era novo, sabes. Eu era sempre muito mais brilhante que os meus pares. A minha primeira grande visão aconteceu quando me apercebi do quanto a humanidade tinha perdido. Antes, os homens e as mulheres eram capazes de se transformar em águias e voar distâncias imensas. Conviviam com rios, montanhas e deles recebiam sabedoria. Eles sentiram o desvio das estrelas dentro das próprias mentes. Os meus contemporâneos não perceberam isto. Ficaram todos fascinados com a ideia do progresso e acreditaram que o novo progresso deve ser superior ao que era antigo. Como se o mérito fosse uma função da cronologia! Mas pareceu-me que a sabedoria dos antigos não podia simplesmente ter desaparecido. Nada desaparece simplesmente. Não é possível. Imaginei-o como uma forma de energia a fluir do mundo e pensei que essa energia devia estar a ir para algum lado. Foi, então, que percebi que devia haver outros lugares, outros mundos. E assim me propus a encontrá-los.

– E encontrou algum, senhor? – perguntei.

– Sim. Encontrei este. Isto é o que eu chamo um Mundo Filial; foi criado por ideias que fluem de outro mundo. Este mundo não podia existir se esse outro mundo não tivesse existido primeiro. Não sei se este mundo ainda está dependente da existência contínua do primeiro. Está tudo no livro que escrevi. Suponho que, por acaso, não o tenhas lido?

– Não, senhor

– Que pena. É incrivelmente bom. Havias de gostar.

Durante todo tempo que o velho esteve a falar, ouvi-o com muita atenção e tentei perceber quem ele era. Ele disse que não era o 16, mas eu não tão ingénuo para acreditar nele sem mais provas. O Outro disse que o 16 era malvado e, portanto, era possível que o 16 mentisse sobre quem era. Mas, à medida que o velho ia falando, fiquei cada vez mais convicto de que estava a dizer a verdade. Ele não era o 16. O meu raciocínio foi o seguinte: o Outro descreveu o 16 como avesso à Razão e à Descoberta Científica. Esta descrição não se ajustava ao velho. O velhote era tão apaixonado pela ciência como nós éramos. Ele sabia como o Mundo tinha sido criado e ansiava por me transmitir esse conhecimento.

– Diz-me – disse ele –, o Ketterley ainda pensa que a sabedoria dos antigos está aqui?

– Refere-se ao Grande Conhecimento Secreto, senhor?

– Exatamente.

– Sim.

– E ele ainda o procura?

– Sim.

– Que engraçado – disse ele. – Ele nunca o vai encontrar. Não está aqui. Não existe.

– Começava a questionar-me se não seria esse o caso – disse eu.

– Então, és muito mais inteligente do que ele. A ideia de que está escondido aqui... receio que ele também a tenha obtido de mim. Antes de ter visto este mundo, pensava que o conhecimento que o criou ainda estaria de alguma forma aqui, a pairar, pronto a ser recolhido e reclamado. Claro que, assim que aqui cheguei, percebi o quão ridículo isso era. Imagina a água a correr por debaixo da terra. Flui através das mesmas fissuras ano após ano e vai desgastando a pedra. Milénios mais tarde, tens um sistema de grutas. Mas o que não se tem é a água que o criou

originalmente. Essa já desapareceu há muito. Engolida pela terra. Aqui acontece o mesmo. Mas o Ketterley é um egotista. Pensa sempre em termos de utilidade. Não consegue imaginar por que razão algo existe se dele não pode fazer uso.

– É por isso que existem Estátuas? – perguntei.

– É por isso que existem Estátuas?

– Será que as Estátuas existem porque personificam as Ideias e o Conhecimento que fluiu do outro Mundo para este?

– Oh! Nunca tinha pensado nisso! – disse ele, agradado. – Que observação tão inteligente. Sim, sim! Acho que é muito provável! Talvez, e mesmo enquanto falamos, estejam a aparecer estátuas de computadores obsoletos, nalguma zona do labirinto! – Fez uma pausa. – Não devo ficar por aqui muito mais tempo. Sei muito bem as consequências de permanecer tempo demais neste lugar: amnésia, colapso mental total, *etcetera, etcetera*. Ainda que deva admitir que *tu* és surpreendentemente coerente. Pobre James Ritter que mal conseguia elaborar uma frase completa e não esteve aqui metade do tempo que tu estiveste. Não, o que realmente vim aqui dizer-te é o seguinte.

Com a sua mão fria, ossuda e seca pegou na minha mão; depois, puxou-me bruscamente para junto de si. Cheirava a papel e tinta, a um perfume perfeitamente equilibrado de violeta e anis, e, sob estes aromas, um traço ténue mas inconfundível de algo impuro, quase fecal.

– Anda alguém à tua procura – disse ele.

– O 16? – perguntei.

– Relembra-me o que queres dizer com isso.

– A Décima Sexta Pessoa.

Inclinou a cabeça para o lado para pensar.

– Si-i-m ... Sim. Porque não? Digamos que é, efetivamente, o «16».

– Mas eu pensava que o 16 andava à procura do Outro – disse eu. – O 16 é o inimigo do Outro. Foi o que ele disse.

– O outro... ? Ah, sim, o Ketterley! Não, não! O 16 não anda à procura do Ketterley. Vês porque é que digo que ele é um egotista? Pensa que tudo gira à volta dele. Não, é a ti que o 16 procura. O 16 perguntou-me como te encontrar. Agora, ainda não tenha nenhum desejo particular de agradar o 16... aliás, não tenho nenhum desejo particular de agradar a ninguém... sou completamente a favor de pregar uma partida ao Ketterley. Odeio-o.

Passou os últimos vinte e cinco anos a difamar-me para quem o quisesse ouvir. Por isso, darei ao 16 todas as indicações para chegar aqui. Instruções minuciosas.

– Senhor, por favor não faça isso – disse eu. – O Outro diz que o 16 é uma pessoa malvada.

– Malvada? Não diria isso. Não mais do que a maioria das pessoas. Não, lamento, mas tenho mesmo de indicar o caminho ao 16. Quero agitar as águas e não há melhor maneira para tal do que enviar o 16 para aqui. Claro, há sempre a possibilidade, e bastante forte na verdade, de o 16 nunca cá chegar. Muito poucas pessoas aqui podem vir, a não ser que lhes indiquem o caminho. Na verdade, a única pessoa que conheço que o conseguiu, além de mim próprio, foi a Sylvia D’Agostino. Parecia ter um talento natural para se deslocar entre os dois mundos, se é que me entendes. O Ketterley era absolutamente terrível, mesmo depois de lhe ter mostrado inúmeras vezes. Nunca cá conseguiu chegar sem qualquer equipamento; velas e castiçais para representar uma porta e um ritual e todo o tipo de disparates. Bem, já viste tudo isso quando ele te trouxe para aqui, suponho. A Sylvia, por outro lado, podia deslocar-se entre mundos a qualquer momento. Agora estás a vê-la. Agora, não. Alguns animais têm essa facilidade. Os gatos. Pássaros. E eu tive um macaco-capuchinho, no início dos anos oitenta, que conseguia encontrar o caminho em qualquer altura. Vou indicar ao 16 o caminho e, depois disso, tudo dependerá do talento dele. O que é preciso teres em mente é que Ketterley tem medo do 16. Quanto mais perto o 16 se aproximar, mais perigoso o Ketterley se tornará. De facto, não me surpreenderia de todo se ele recorresse a algum tipo de violência. Talvez queiras antecipar-te ao perigo, matando-o ou algo parecido. – (A sua voz tinha algo de sibilante.) Sorriu-me. – Vou-me embora agora. Não voltaremos a encontrar-nos.

– Então, senhor, que os seus Caminhos sejam seguros – disse eu –, os seus Pavimentos intactos e que a Casa lhe encha os olhos de Beleza.

Calou-se por um momento. Parecia contemplar a minha face e, enquanto o fazia, ocorreu-lhe um último pensamento:

– Sabes, não me arrependo de ter recusado encontrar-me contigo quando me pediste anteriormente. Aquela carta que me escreveste. Pensei que eras um arrogantezinho de merda. E provavelmente, eras. Mas agora... Encantador. Verdadeiramente encantador.

Pegou na gabardina que estava pousada num alto no Pavimento. Depois, caminhou sem pressa até ao Umbral que conduzia ao Segundo Salão Oriental.

Penso nas palavras do Profeta

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA DO SÉTIMO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Naturalmente, fiquei muito entusiasmado com este encontro imprevisto. Fui imediatamente buscar o Diário e anotei tudo. Intitulei a entrada *O Profeta*, porque é o que ele devia ser. Ele explicou a Criação do Mundo e contou-me outras coisas que só um Profeta poderia saber.

Analisei cuidadosamente as suas palavras. Havia muita coisa que não compreendia, embora isto seja normal, imagino, com os profetas, já que as suas mentes são grandiosas e os seus pensamentos seguem linhas incomuns.

Não pretendo ficar. Só estou de passagem.

Daqui, retirei que ele habitava nos Salões Distantes e pretendia regressar imediatamente.

Entendo como podes concluir que sou o «16». Mas não sou.

Já tinha determinado que esta afirmação era verdadeira. Talvez (e coloquei a hipótese livremente) o Profeta acreditasse que as quinze pessoas que habitavam os meus Salões deviam ser contadas como um conjunto de Pessoas, enquanto nos Salões Distantes vivia outro conjunto e ele devia ser contado como um deles. Talvez entre o seu próprio Povo, ele fosse a Terceira Pessoa ou a Décima. Talvez até tenha sido um número vertiginosamente elevado como a Septuagésima Quinta Pessoa!

Mas divago no que é certamente fantasia.

E vim aqui e enviei outros para cá.

Terá o Profeta enviado alguns dos meus Mortos para estes Salões? O Homem da Pele de Peixe ou a Criança Dobrada? Era pura especulação. Tal como muitas outras afirmações do Profeta, ficaria, para já, indecifrável.

No final, todos pagámos um preço terrível. O meu foi a prisão.

Não conseguia perceber nada desta frase.

... – *aquele jovem italiano tímido... Stan Ovenden... Sylvia D'Agostino... pobre James Ritter...*

O Profeta mencionou quatro nomes. Ou, para ser mais preciso, três nomes e uma designação («aquele jovem italiano tímido»). Isto foi uma grande contribuição para o meu conhecimento do Mundo. Se o Profeta não tivesse dito nada mais do que isto, ainda assim as suas palavras teriam sido inestimáveis. O Profeta indicou que três dos nomes pertenciam aos Mortos (Stan Ovenden, Sylvia D'Agostino e «aquele jovem italiano tímido»). O estado do «pobre James Ritter» não era claro para mim. Será que o Profeta queria dizer que ele também devia ser contado entre os Mortos? Ou era ele um membro do povo do Profeta dos Salões Distantes? Não o podia dizer.

Tantas questões! Tantas coisas que desejei ter-lhe perguntado. Mas não Me censurei. A sua aparição fora tão súbita. Não estava de todo preparado para ela. Só agora, em paz e sossego, posso processar a informação que me forneceu.

...o Ketterley ainda pensa que a sabedoria dos antigos está aqui? ... Ele nunca o vai encontrar. Não está aqui. Não existe.

Fiquei encantado por ter a confirmação de que estava certo. Talvez tenha sido um pouco presunçoso da minha parte, mas não pude evitá-lo. Ainda tenho de decidir as consequências no meu trabalho futuro e colaboração com o Outro.

De muito do que o Profeta disse, era evidente que ele e o Outro se conheciam outrora. O Profeta chamou ao Outro «Ketterley» e disse que ele era seu pupilo. Contudo, o Outro nunca falara do Profeta. Falei com ele em variadas ocasiões sobre as quinze pessoas existentes no Mundo, mas ele nunca me disse: «Quinze é um número incorreto! Sei que existe mais uma!» O que é estranho (sobretudo se considerarmos o quanto ele gosta de me contradizer sempre que surge uma oportunidade). Mas o Outro nunca esteve interessado em descobrir o número de pessoas que tinham vivido. É uma das áreas em que o nosso interessa científico diverge.

Quanto mais perto o 16 se aproximar, mais perigoso o Ketterley se tornará.

Nunca me apercebi de que o Outro tinha a mínima predisposição para a violência.

Talvez queiras antecipar-te ao perigo, matando-o ou algo parecido.

O Profeta, por seu turno, era claramente uma pessoa violenta.

Sabes, não me arrependo de ter recusado encontrar-me contigo quando anteriormente me pediste. Aquela carta que me escreveste. Pensei que eras um arrogantezinho de merda. E provavelmente, eras.

Esta foi a mais desconcertante de todas as afirmações do Profeta. Nunca lhe escrevi carta nenhuma. Como poderia, se só descobri ontem que ele existia? Talvez algum dos Mortos lhe tenha escrito uma carta – Stan Ovenden ou o pobre James Ritter – e o Profeta me esteja a confundir com essa pessoa. Ou talvez os profetas tenham uma perceção do Tempo diferente das outras pessoas. Talvez lhe escreva uma carta no futuro.

O Outro descreve as circunstâncias em que será correto matar-me

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO QUARTO DIA DO SÉTIMO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Naturalmente, estava ansioso por contar ao Outro o meu encontro com o Profeta. Era vital que ele soubesse da intenção do Profeta em indicar ao 16 o caminho para os nossos Salões. Entre Sexta (dia em que encontrei o Profeta) e hoje (dia em que devia encontrar-me com o Outro), procurei por toda a parte pelo Outro, mas não o encontrei.

Esta manhã, entrei no Segundo Salão Sul-Occidental. O Outro já lá estava e percebi de imediato que estava algo agitado. Com as mãos enfiadas nos bolsos, andava para cima e para baixo e o seu rosto estava carregado de raiva reprimida.

– Tenho algo importante para lhe contar – disse eu.

Ele fez um gesto com a mão para afastar a minha intenção.

– Vai ter de esperar – disse ele. – Preciso de falar contigo. Há algo que não te contei sobre o 22.

– Quem? – perguntei.

– O meu inimigo – respondeu o Outro. – Aquele que aí vem.

– Está a falar no 16?

Silêncio.

– Oh, sim. Claro. O 16. Não consigo reter todos os nomes bizarros que dás às coisas. Bem, há uma coisa que não te contei sobre o 16. É em ti que o 16 está realmente interessado.

– Sim! – exclamei. – Por muito estranho que pareça, já sei. É que, sabe...

Mas o Outro interrompeu-me:

– Se o 16 aqui chegar – disse ele –, e começo a acreditar agora que é uma possibilidade real, então será a ti que o 16 vai procurar.

– Sim, eu sei. Mas...

O Outro abanou a cabeça:

– Piranesi! Ouve-me! O 16 vai querer dizer-te coisas, coisas que não vais compreender, mas, se deixares que isso aconteça, se permitires que o 16 fale contigo, então essas palavras terão um efeito terrível. Se ouvires o que disser o 16, as consequências serão horríveis. Loucura. Terror. Já vi isso acontecer. O 16 pode desvendar os teus pensamentos só por falar contigo. O 16 pode fazer-te duvidar de tudo o que vês. O 16 pode fazer-te duvidar de *mim*.

Fiquei horrorizado. Isto era um nível de maldade que eu nunca tinha imaginado. Era assustador.

– Como poderei proteger-Me? – perguntei.

– Fazendo o que já te disse. Escondendo-te. Não deixando que o 16 te veja. Acima de tudo, não ouvindo as palavras do 16. Nunca é demais sublinhar como isso é absolutamente vital. Tens de perceber que és particularmente vulnerável a este... este poder que o 16 tem, porque tu já és mentalmente instável.

– Mentalmente instável? – disse eu. – O que quer dizer?

Uma centelha de aborrecimento percorreu o rosto do Outro.

– Já te disse – respondeu. – Esqueces-te das coisas. Repetes-te. Falámos disso há uma semana. Não me digas que já te esqueceste.

– Não, não – disse. – Não me esqueci. Perguntei-me se lhe devia contar a minha teoria de que era ele, e não eu, cuja memória estava a falhar, mas, entre uma coisa e outra, não me pareceu ser o momento.

– Bem, então – continuou o Outro. Suspirou. – Há mais. Há algo mais que tenho de te dizer e quero que percebas que é tão incómodo para mim como para ti. Se descobro que ouviste o 16 e que ele te infetou com a sua loucura, isso põe-me em risco. Percebes isso, não percebes? Há o perigo de me atacares. Na verdade, é muito provável que o faças. O 16 certamente tentará manipular-te para que me magoes.

– Magoá-lo?

– Sim.

– Que horror.

– Mesmo. E depois há toda a questão da tua dignidade como ser humano. Ficarias num estado degradado e louco. Seria muito humilhante para ti. Não consigo imaginar que quisesses continuar assim, pois não?

– Não – respondi. – Não, acho que não quereria.

– Bem – disse ele, respirando fundo –, nesse caso, se achar que estás louco, acho que será melhor matar-te. Para bem dos dois.

– Oh! – disse eu. Isto era bastante inesperado.

Houve um breve silêncio.

– Mas talvez, com tempo e ajuda, possa recuperar? – sugeri.

– É pouco provável – respondeu o Outro. – E de qualquer maneira, eu não poderia arriscar.

– Oh – disse eu.

Houve um silêncio mais prolongado.

– Como é que me vai matar? – perguntei.

– Não vais querer saber – disse ele.

– Não. Creio que não.

– Não penses nisso, Piranesi. Faz o que disse. Evita o 16 a todo custo e não teremos problemas.

– Porque é que não enlouqueceu? – perguntei.

– O quê?

– Já falou com o 16. Porque é que não enlouqueceu?

– Já te disse. Tenho alguns meios para me proteger. Além disso – disse ele, com um aperto pesaroso na voz –, não é que seja completamente imune. Deus sabe que me sinto meio louco com tudo neste momento.

Voltámos a cair no silêncio. Estávamos ambos em choque, acho. Então, o Outro sorriu, com esforço, e tentou parecer mais normal. Foi assaltado por um pensamento:

– Como sabias? – perguntou ele.

– O quê?

– Pensei que tinhas dito... Parecia que me ias a dizer que já sabias que o 16 andava à tua procura. De ti em particular. Mas como é possível? Como poderias saber isso?

Pude ver pela sua expressão que estava a tentar descortinar.

Agora era a altura para lhe falar do Profeta. Estava mesmo na ponta da minha língua. Mas hesitei. Disse:

– Foi-me revelado. Pela Casa. Sabe que tenho estas revelações?

– Oh. Sim. Isso. E era isso que me querias dizer? Disseste que tinhas algo importante para me contar.

Mais uma curta pausa.

– Vi um polvo nadar nos Salões Inferiores, onde se chega pelo Décimo Oitavo Vestíbulo – disse eu.

– Oh – respondeu o Outro. – Viste? Que agradável.

– Foi agradável – concordei.

O Outro respirou fundo.

– Bem! Afasta-te do 16! E não enlouqueças! – Sorriu-me.

Pode ficar descansado que vou manter-me afastado do 16 – disse eu. – E não vou enlouquecer.

O Outro deu-me uma palmadinha no ombro.

– Excelente – disse ele.

A minha reação à declaração do Outro de que, em determinadas circunstâncias, podia matar-me

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO QUINTO DIA DO SÉTIMO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Safei-me de boa! Quase contava ao Outro sobre o Profeta! E depois ele (o Outro) diria:

– Porque falaste com uma Pessoa Desconhecida quando me prometeste não o fazer? Não imaginaste que podia ser o 16?

E o que lhe poderia ter respondido? Porque eu realmente *pensava* que era o 16 quando falei com ela. Quebrei realmente a minha promessa ao Outro. Não há desculpa para tal. Graças à Casa não lhe disse! Na melhor das hipóteses, seria visto como uma pessoa que não é digna de confiança. Na pior, tê-lo-ia inclinado ainda mais a matar-me.

Ainda assim, não consigo evitar pensar que, se a situação fosse ao contrário, e se fosse a sanidade do Outro que estivesse ameaçada pelo 16, não decidiria matá-lo tão rapidamente. Sinceramente, acho que nunca o queria matar – só a ideia é abominável para mim. Certamente, tentaria outras coisas antes, como encontrar uma cura para a sua loucura. Mas o Outro tem um carácter bastante inflexível. Eu não diria que é um defeito, mas é uma tendência assumida.

Mudei a minha aparência antecipando a vinda do 16

ENTRADA PARA O PRIMEIRO DIA DO OITAVO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Neste momento, estou a praticar esconder-me do 16.

Imagina, (digo a Mim mesmo) que viste alguém – o 16! – no Vigésimo Terceiro Salão Sul-Oriental. Agora esconde-te!

Então, corro rápido e silenciosamente para uma Parede e enfio-me no Espaço entre duas Estátuas. Aperto-me aí, permanecendo imóvel e silencioso. Ontem, um falcão voou para o Salão onde me escondia, à procura de aves mais pequenas para comer. Voou em círculos pelo Salão e empoleirou-se na Estátua de um Homem e um Rapaz a Mapear Estrelas. Ali permaneceu por meia hora e não me detetou.

As minhas roupas são perfeitas para camuflagem. Quando era mais novo, as minhas camisas e calças eram de diferentes cores: azuis, pretas, brancas, cinzentas, castanho-azeitona. Uma camisa tinha uma cor vermelho-cereja muito bonita. Mas todas elas se transformaram em meros fantasmas de cores. Agora, todas são de um cinzento indistinto e indistinguível, que combina com os cinzentos e brancos das Estátuas de mármore.

No entanto, o meu cabelo é uma questão diferente. Ao longo dos anos, à medida que foi crescendo, entrelacei-o com coisas bonitas que encontrei ou fiz eu mesmo: conchas, contas de coral, pérolas, pequenas pedras e espinhas de peixe interessantes. Muitos destes pequenos ornamentos são claros, brilhantes e têm cores apelativas. Todos eles chocalham quando ando ou corro. Assim, na semana passada, passei uma tarde a retirá-los todos. Não foi fácil e, por vezes, foi doloroso. Coloquei os meus ornamentos na bonita caixa com o polvo estampado, que anteriormente tinha os meus sapatos. Quando o 16 regressar aos seus próprios Salões, voltarei a colocá-los – sinto-me estranhamente nu sem eles.

O Índice

ENTRADA PARA O OITAVO DIA DO OITAVO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Costumo indexar as entradas no meu Diário mais ou menos semana sim, semana não. Considero que é mais eficaz indexá-las assim do que fazê-lo de imediato. Deixando passar algum tempo, é mais fácil separar o importante do efémero.

Esta manhã, sentei-me de pernas cruzadas no Pavimento do Segundo Salão Setentrional com o meu Diário e com o Índice. Muito aconteceu desde a última vez que executei esta tarefa.

Fiz uma entrada no Índice:

Profeta, aparição do: Diário n.º 10, páginas 148-152

Fiz outra entrada:

Profecias relativas à vinda do 16: Diário n.º 10, páginas 151-152

Depois, li o que o Profeta tinha dito relativamente às identidades dos Mortos e fiz uma entrada:

Mortos, os, alguns nomes provisórios para: Diário n.º 10, páginas 149, 152

Comecei a fazer entradas para os nomes individuais. Na letra «I», escrevi:

Italiano, tímido, jovem: Diário n.º 10, página 149

Estava a meio de escrever o nome do Stan Ovenden (na letra O) quando a minha atenção foi desviada por uma entrada mais acima.

Ovenden, Stanley, pupilo de Laurence Arne-Sayles: Diário n.º 21, página 154. Ver também O desaparecimento do Maurizio Giussani, Diário n.º 21, páginas 186-187

Fiquei abismado. Aqui estava ele. Stanley Ovenden. Já estava no Índice. No entanto, o seu nome, quando o Profeta o disse, não me soou nada familiar.

Reli a entrada do índice.

Fiz uma pequena pausa. Soube, quando olhei para ele, que havia aqui algo de muito estranho. Mas o estranho era *tão* estranho, tão inteiramente incompreensível que achei difícil formar pensamentos coerentes sobre o assunto. Podia ver a estranheza com os meus olhos, mas não conseguia processá-la com a minha mente.

Diário n.º 21

Tinha escrito Diário n.º 21. Por que Raio tinha feito isso? Não fazia qualquer sentido. O Diário em que escrevo agora é (como já expliquei) o Diário n.º 10. Não há Diário n.º 21. Nunca poderia haver um Diário n.º 21. O que significava isso?

Passei os olhos sobre o resto da página. A maioria das entradas da letra O era sobre o Outro. Havia um grande número delas, o que era de esperar, visto que ele é o único outro ser humano além de Mim próprio – e, claro, o Profeta e o 16 mas, sobre eles, sei muito pouco. Vi que havia entradas anteriores para outros assuntos. Eram tão estranhas como a entrada para Stanley Ovenden. Ao concentrar-me nelas, senti a mesma dificuldade em

processar o que os meus olhos viam. No entanto, forcei os meus olhos a vê-las; forcei a minha mente a pensar.

Órcades, planeamento para o verão 2002: Diário n.º 3, páginas 11-15, 20-28

Órcades, escavação arqueológica: Diário n.º 3, páginas 30-39, 47-51

Órcades, Ness de Brodgar: Diário n.º 3, páginas 40-47

Observacional, Erro: Diário n.º 5, páginas 134-35

O'Keeffe, Georgia, exposição: Diário n.º 11, páginas 91-95

Outsider, Psiquiatria, ver R.D. Laing

Outsider, Filosofia: Diário n.º 17, páginas 19-32; ver também J.W. Dunne (Serialismo), Owen Barfield, Rudolf Steiner

Outsider, ideias, como os diferentes sistemas de conhecimento e crenças as tratam: Diário n.º 18, páginas 42-57

Outsider, Literatura, ver Fan fiction

Outsider, The, Colin Wilson: Diário n.º 20, páginas 46-51

Outsider, Matemática: Diário n.º 21, páginas 40-44; ver também Srinivasa Ramanujan

Outsider, Arte: Diário n.º 21, páginas 79-86

Temos aqui referências a mais Diários que não existem! Os Diários 11, 17, 18 e 20. Os Diários 3 e 5 existiam, claro, por isso essas entradas eram corretas. Exceto... Exceto... Quanto mais olhava para elas, mais suspeitava que essas entradas não se referiam aos *meus* Diários 3 e 5, mas sim a outros. As entradas estavam escritas com uma caneta que eu não reconheci. A tinta era mais fina e mais fluída e o bico da caneta era mais largo do que qualquer caneta que eu possuía. A acrescentar a isto, tínhamos a escrita em si. Era a minha caligrafia – sem qualquer dúvida –, mas era ligeiramente diferente daquela que uso atualmente. Era ligeiramente mais arredondada e grossa – numa só palavra, mais juvenil.

Dirigi-me ao Canto Norte-Oriental e trepei à Estátua do Anjo preso numa Roseira. Peguei na bolsa de tiracolo. Tirei os meus Diários lá de dentro. Havia nove Diários. Apenas nove. Não encontrei outros vinte que tivesse inexplicavelmente ignorado até este momento.

Examinei cuidadosamente os Diários, prestando especial atenção às capas e aos números nelas escritos. Os meus Diários são pretos e eu numero cada um deles com uma caneta de gel branca, na parte inferior da lombada. Para meu espanto, descobri que os três primeiros Diários haviam

sido numerados originalmente de forma diferente. Tinham sido numerados 21, 22 e 23, mas alguém tinha riscado o numeral inicial «2», transformando-os em 1, 2 e 3. A raspagem não tinha sido feita na perfeição (a tinta de gel é difícil de remover) e ainda consigo distinguir a forma sumida do «2».

Sentei-me por um bocado, tentando compreender isto, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão.

Se o Diário n.º 1 (o meu Diário n.º 1) tivesse sido originalmente o Diário n.º 21, então devia conter as duas entradas relativas a Stanley Ovenden. Peguei nele, abri-o e folheei até à página 154. Ali estava ela. A entrada estava datada 22 de Janeiro de 2012. Intitulava-se: *Biografia de Stanley Ovenden*.

Stanley Ovenden. Nascido em 1958, em Nottingham, Inglaterra. Seu pai, Edward Francis Ovenden, era dono de uma loja de doces. Nome e profissão da mãe desconhecidos. Estudou Matemática na Universidade de Birmingham. Iniciou a sua investigação para a pós-graduação em 1981. No mesmo ano, assistiu a uma das famosas palestras de Laurence Arne-Sayles: O Esquecido, o Liminar, o Transgressivo e o Divino. Pouco depois, Ovenden deixou a Matemática e iniciou um Doutoramento em Antropologia, na Universidade de Manchester, sob a orientação de Arne-Sayles.

A primeira entrada terminava aqui e, por isso, avancei para a página 186, para a entrada intitulada: *O desaparecimento de Maurizio Giussani*.

No verão de 1897, Laurence Arne-Sayles alugou uma casa de campo, chamada Casale de Pino, a vinte quilómetros de Perugia. Os seus alunos preferidos (o círculo íntimo) foram com ele: Ovenden, Bannerman, Hughes, Ketterley e D'Agostino.

Começaram a surgir tensões dentro do grupo. Arne-Sayles tinha-se tornado altamente sensível a qualquer observação ou pergunta que mostrasse que o orador não estava suficientemente empenhado na sua «grande experiência». Qualquer pessoa que ousasse interrogá-lo era sujeita a uma enumeração minuciosa de todas as

suas falhas, pessoais e acadêmicas. Conseqüentemente, a maioria do grupo manteve um silêncio diplomático, mas Stanley Ovenden, que tinha uma espécie de «dureza de ouvido» no que toca às personalidades de outras pessoas, continuou a expressar dúvidas sobre o que estavam a fazer. Quando Tali Hughes defendeu Ovenden perante Arnes-Sayles, pretendia também, ao mesmo tempo, aproximar-se dele. A atmosfera em Casale del Pino tornou-se significativamente mais tensa e, conseqüentemente, Ovenden e Hughes começaram a passar cada vez mais tempo longe dos outros. Fizeram amizade com um jovem, Maurizio Giussani, estudante de Filosofia na Universidade de Perugia. Esta nova amizade pareceu ter afetado seriamente Arnes-Sayles.

Na noite de 26 de Julho, Arne-Sayles convidou Giussani e a sua noiva, Elena Marietti, para jantar em Casale del Pino. Durante o jantar, Arne-Sayles falou sobre o outro mundo (um lugar onde a arquitetura e os oceanos se confundiam) e como era possível lá chegar. Elena Marietti pensou que Arnes-Sayles estava a falar em sentido metafórico ou, então, a descrever algum tipo de experiência psicadélica huxleyana.

Marietti tinha de trabalhar no dia seguinte. (Tal como Giussani, era uma estudante de pós-graduação, mas durante o verão trabalhava como ajudante no escritório de advocacia do pai, em Perugia). Por volta das 11 horas, despediu-se, entrou no carro e foi para casa para se deitar. Os outros continuaram a conversar. A comitiva inglesa tinha prometido que um deles levaria Giussani a casa.

Maurizio Giussani nunca mais foi visto. Arnes-Sayles alegou ter ido para a cama pouco depois da saída de Marietti e que não sabia nada sobre o sucedido. Os outros (Ovenden, Bannerman, Hughes, Ketterley, D'Agostino) disseram que Giussani tinha recusado a

boleia e que ido a pé para casa, pouco depois da meia-noite. (A noite estava quente e havia lua cheia; Giussani vivia a cerca de três quilômetros de distância).

Dez anos mais tarde, quando Arnes-Sayles foi condenado pelo rapto de outro jovem, a polícia italiana reabriu o caso do desaparecimento de Giussani; porém...

Interrompi a leitura e levantei-me, com a respiração acelerada. Tive um forte desejo de atirar o Diário para longe de mim. As palavras na página – (com a minha própria caligrafia!) – pareciam ser palavras mas, ao mesmo tempo, sabia que elas não faziam sentido. Eram disparates, tolices! Que significado poderiam ter palavras como «Birmingham» e «Perugia»? Nenhum. Não há nada no Mundo que lhes corresponda.

Afinal, o Outro tinha razão. Tinha-me esquecido de muitas coisas! Pior ainda, na mesma altura em que o Outro declarou que me matará se eu enlouquecer, descobri que já estou louco! Ou, se não estou louco agora, estive certamente no passado. Estava louco quando redigi estas entradas!

Não deitei fora o Diário. Larguei-o no Pavimento e fui-me embora. Queria manter alguma distância física entre Mim e estas provas da minha loucura. As palavras sem sentido – Perugia, Nottingham, universidade – ecoavam na minha mente. Sentia uma grande pressão como se toda uma série de ideias semiconscientes estivesse prestes a rebentar na minha consciência, trazendo consigo mais loucura ou então um maior entendimento.

Caminhei rapidamente através de vários Salões, sem querer saber ou reparando no caminho que levava. Subitamente, vi à minha frente a Estátua do Fauno, a minha Estátua favorita entre todas. Lá estava o seu rosto calmo e ligeiramente sorridente; lá estava o seu dedo indicador suavemente a pressionar os lábios. Anteriormente, sempre pensei que pretendia avisar-me de algo com aquele gesto: *Tem cuidado!* Mas hoje parecia significar algo bem diferente: *Shhh! Tem calma!* Subi ao Plinto dele e pendurei-me nos seus Braços, lancei o meu braço à volta do seu Pescoço, entrelaçando os meus dedos nos seus Dedos. Sentindo-me seguro no seu abraço, chorei pela minha Sanidade perdida. Grandes soluços descontrolados levantaram-se, quase dolorosamente, do meu peito.

«Shhh!», disse-me ele. «Tem calma!»

Decidi cuidar melhor de Mim mesmo

ENTRADA PARA O NONO DIA DO OITAVO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ
VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Abandonei o Consolo do Fauno e vagueei miseravelmente pela Casa. Achava que estava louco – ou que tinha estado –, ou então que estava agora a ficar. De qualquer das formas, a perspectiva era aterradora.

Passado algum tempo, decidi que esta forma de proceder não servia de nada.

Forcei-Me a regressar ao Terceiro Salão Setentrional onde comi um pequeno peixe e bebi um pouco de água. A seguir, revisei todas as minhas Estátuas Favoritas: o Gorila, o Rapaz a tocar Pratos, a Mulher que carrega uma Colmeia, o Elefante que carrega um Castelo, o Fauno, os Dois Reis a jogar Xadrez. A sua Beleza acalmou-me e libertou-me de Mim mesmo; as suas expressões nobres lembraram-me todas as coisas boas que existem no Mundo.

Esta manhã, consigo pensar melhor no que aconteceu.

Aceito que tenha estado muito doente no passado. Devia estar doente quando escrevi aquelas entradas no meu Diário, de outra forma não as teria preenchido com palavras estranhas, como «Birmingham» ou «Perugia». (Mesmo agora, enquanto as escrevo, começo a sentir-me ansioso de novo. Um monte de imagens fluem pela minha mente – estranhas, atemorizantes, mas, ao mesmo tempo, estranhamente familiares. A palavra «Birmingham», por exemplo, traz consigo uma explosão de ruído, um clarão de movimento e cor e a imagem fugaz de torres e pináculos apontados a um céu pesado e cinzento. Tento reter estas impressões, para as examinar mais profundamente, mas elas desvanecem-se instantaneamente).

Apesar de tudo isto, acredito que me precipitei a classificar estas duas entradas como parvoíces. Algumas das palavras – «universidade», por exemplo – parecem ter algum tipo de significado. Acredito que, se me decidisse a fazê-lo, poderia escrever uma definição clara de «universidade». Pensei um pouco sobre qual poderia ser a explicação para isto. Entendo «estudiosos» porque espalhados por toda a Casa estão Estátuas de Estudiosos com livros e papéis nas suas mãos. Talvez tenha daqui extrapolado a ideia da «universidade» (um lugar onde os estudiosos

se reúnem)? Esta não parece ser uma hipótese muito satisfatória, mas é o melhor que posso fazer por agora.

As entradas incluem também os nomes de pessoas cuja existência é confirmada por outras provas. O Profeta falou de Stanley Ovenden, por isso claramente tratava-se de uma pessoa real. O Profeta também tentou lembrar-se do nome do jovem italiano tímido, mas não o conseguiu fazer. Talvez fosse Maurizio Giussani. Por fim, ambas as entradas mencionaram alguém chamado «Laurence Arne-Sayles» e encontrei uma carta de «Laurence» no Primeiro Vestíbulo.

Por outras palavras, misturada com o absurdo destas entradas, parece haver informação real. Na minha demanda por aprender tudo o que posso sobre as pessoas que viveram, estaria errado em descurar esta importante fonte.

Tornou-se claro que me esqueci de muitas coisas e – é melhor enfrentá-las diretamente – tenho agora provas de períodos de grave desarranjo mental. A minha primeira e mais importante tarefa é esconder estas lacunas do Outro. (Embora pense que ele não chegaria ao ponto de me matar por causa disto, certamente que me olharia com ainda mais desconfiança do que já o faz). Quase tão importante é a necessidade de me proteger contra o regresso da doença. Para tal, resolvi cuidar melhor de Mim mesmo. Não me devo deixar absorver tanto pelo meu trabalho científico, ao ponto de me esquecer de pescar e acabar sem nada para comer (A Casa fornece muita comida a todas as pessoas ativas e empreendedoras. Não há desculpa para passar fome!) Devo dedicar um pouco mais das minhas energias a remendar as minhas roupas e a fazer meias para os meus pés, que estão frequentemente frios. (Pergunta: é possível tricotar meias de algas? É duvidoso).

Ponderei a renumeração dos meus Diários e concluí que devo tê-la feito Eu próprio. O que quer dizer que estão a faltar vinte Diários (vinte!) – uma conclusão altamente preocupante! Ainda assim, e ao mesmo tempo, faz sentido que estejam a faltar Diários. Tenho (como referi anteriormente) aproximadamente trinta e cinco anos de idade. Os dez Diários que possuo cobrem um período de cinco anos. Onde estão os Diários do resto da minha vida? E que fiz eu nesses anos?

Ontem pensei em nunca mais ler ou verificar entradas nos meus Diários. Imaginei-Me a atirar todos os dez Diários a uma Maré enfurecida

e no quão aliviado ficaria por me ver livre deles. Mas hoje estou mais calmo. Estou menos à mercê do medo e do pânico. Hoje consigo ver que há razões válidas para examinar os meus Diários cuidadosamente, mesmo as partes loucas – talvez especialmente estas. Primeiro, sempre desejei saber mais sobre as pessoas que aqui viveram e, incompreensivelmente, os Diários parecem conter informação real sobre elas, ainda que de uma forma algo bizarra. Segundo, preciso de descobrir o máximo que puder sobre a minha própria loucura, especificamente a sua origem e como me proteger dela no futuro.

Talvez consiga, estudando o passado nas páginas do meu Diário, aprender mais sobre estes elementos. Entretanto, é importante reconhecer que a leitura do Diário é, em si, uma atividade catalisadora, dando origem a muitas emoções dolorosas e pensamentos aterrorizantes. Tenho de ser cauteloso e ler pequenos trechos de cada vez.

Tanto o Outro como o Profeta mencionaram que a Casa em si é uma fonte de loucura e esquecimento. Ambos são cientistas e homens de intelecto. Quando duas sumidades como eles estão de acordo, então acho que devo aceitar as suas conclusões. A Casa é a origem do meu esquecimento.

Confias na Casa?, pergunto-Me.

Sim, respondo a Mim próprio.

E se a Casa te fez esquecer, então fê-lo por uma boa razão.

Mas eu não entendo a razão.

Não importa que não entendas a razão. Tu és o Filho Pródigo da Casa. Tem calma.

E estou calmo.

Sylvia D'agostino

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO DIA DO OITAVO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Estou muito curioso sobre as outras pessoas mencionadas pelo Profeta e decidi, então, começar a minha pesquisa com a Sylvia D'Agostino e o pobre James Ritter, mas não os procurei de imediato. De acordo com o meu plano de cuidar de Mim, deixei passar uma semana e meia antes de voltar de novo à leitura do Diário. Ocupei esse tempo envolvido em atividades rotineiras e tranquilas. Pesquei; fiz sopa, lavei a roupa e compus música numa flauta que fiz do osso de um cisne. Até que, esta

manhã, trouxe os meus Diários e o Índice para o Quinto Salão Setentrional. Este Salão contém a Estátua do Gorila e achei que a sua visão me daria Força.

Sentei-me de pernas cruzadas no Pavimento em frente ao Gorila. Folheei até à letra D no meu Índice. Lá estava ela.

D'Agostino, Sylvia, aluna de Arne-Sayles: Diário n.º 22, páginas 6-9

Folheei até à página 6 do Diário n.º 22 (que era o meu Diário n.º 2).

Biografia de Sylvia D'Agostino

Nascida em 1958, em Leith, Escócia, filha de Eduardo D'Agostino, o poeta.

As fotografias mostram uma mulher de aparência ligeiramente andrógina, atraente, bonita até, com sobrancelhas escuras e espessas, olhos escuros, nariz aguçado e queixo pronunciado. Tinha uma massa de cabelo escuro normalmente amarrado. Segundo Angharad Scott, D'Agostino não fazia concessões às ideias convencionais de feminilidade e só intermitentemente se importava com o que vestia.

Enquanto adolescente, D'Agostino contou a um amigo que pretendia ingressar na universidade para estudar a Morte, as Estrelas e Matemática. Inexplicavelmente, a Universidade de Manchester não oferecia tal curso e, portanto, contentou-se com Matemática. Na universidade, rapidamente se cruzou com Laurence Arne-Sayles e as suas palestras; esse encontro moldou o resto da sua vida.

As ideias de Arne-Sayles de comungar com mentes antigas, os vislumbres de outros mundos respondiam a todos os seus anseios cósmicos – ao seu lado «Morte e Estrelas». Assim que concluiu o seu curso de Matemática, mudou para Antropologia, tendo Arne-Sayles como seu orientador.

D'Agostino foi, de longe, a mais devota de todos os alunos e acólitos de Arne-Sayles. Ele cedeu-lhe um quarto na sua casa em

Whalley Range, onde se tornou sua governanta e secretária não remunerada. Ela tinha carro (Arne-Sayles não guiava) e parte das suas tarefas consistia em levá-lo onde quer que ele quisesse, incluindo a Canal Street, nas noites de Sábado, para engatar jovens rapazes.

Em 1984, terminou o seu doutoramento. Não procurou trabalho académico ou de ensino, mantendo-se ao lado de Arne-Sayles, e aceitando uma série de trabalhos domésticos para se sustentar.

Era filha única e sempre foi muito próxima dos seus pais, particularmente do seu pai. Algures em meados dos 80, Arne-Sayles ordenou-lhe que discutisse com os seus pais. De acordo com Angharad Scott, foi um teste de lealdade. D'Agostino cortou relações com os pais e estes nunca mais a viram.

Scott descreve-a como uma poetisa, uma artista e cineasta e enumera as revistas que publicaram os seus poemas: Arcturus, Torn Asunder e Grasshoper. (Até à data, não fui capaz de localizar nenhum exemplar destas revistas.) O editor da Grasshoper – um homem chamado Tom Titchwell – também era amigo de Eduardo D'Agostino. Titchwell manteve-se em contacto com Sylvia e dava notícias dela aos seus pais.

Restam dois dos seus filmes: Lua/Madeira e O Castelo. Lua/Madeira é uma peça cinematográfica única e atmosférica, admirada por críticos e fãs fora do círculo habitual de teóricos da conspiração de Arne-Sayles. Tem 25 minutos de duração e foi filmado em pântanos e bosques à volta de Manchester. Foi filmado em Super 8 a cores, mas a sensação é quase totalmente monocromática – madeiras negras, neve branca, céu cinzento, etc. –, com salpicos ocasionais de vermelho-sangue. No filme, um hierofante de tempos ancestrais escraviza uma pequena comunidade. Repartia crueldade entre os homens e abusava das

mulheres. Uma mulher fez-lhe frente. O hierofante, para demonstrar o seu poder e para a castigar, lança-lhe um feitiço. A mulher atravessa um riacho. Ao dar um passo, o seu pé pisa o reflexo da Lua. Fica presa no riacho; não consegue fugir do reflexo da Lua. O hierofante aparece e espanca-a onde ela se encontra, indefesa. Mesmo depois, ela não se consegue mover. Abandonada, pede a um bosque de bétulas para a ajudar. Quando o hierofante atravessa o bosque, fica preso no emaranhado das bétulas; prendem-no e trespassam-no. Ele não consegue mover-se e acaba por morrer. A mulher é libertada do reflexo da Lua. Lua/Madeira tem poucos diálogos e os que existem são incompreensíveis. A mulher e o hierofante falam a sua própria língua que nada tem a ver com a nossa. A verdadeira linguagem de Madeira/Lua é o imaginário direto e brutal: Lua, escuridão, água, árvores.

O outro filme sobrevivente de D'Agostino é ainda mais estranho. Não tem título, mas é geralmente referido como O Castelo. Foi filmado em Betamax e a qualidade da imagem é muito pobre. A câmara vagueia por várias divisões enormes, presumivelmente em diferentes castelos ou palácios (não podemos estar a ver um único edifício; é simplesmente demasiado vasto). As paredes são forradas com estátuas e poças de água cobrem o chão. De acordo com as pessoas que acreditam nessas coisas, este é um registo de um dos outros mundos de Arne-Sayles, possivelmente o descrito no seu livro de 2000, O Labirinto. Outras pessoas tentaram identificar os locais para provar que não se trata de um filme de outro mundo, mas, até à data, nenhum deles foi identificado de forma conclusiva. Algumas notas com a caligrafia de D'Agostino foram encontradas juntamente com O Castelo, mas encontravam-se no mesmo código peculiar do seu último diário e permanecem impenetráveis.

D'Agostino parece ter mantido um diário durante a maior parte da sua vida adulta. Os volumes iniciais (1973-1980) estavam guardados na casa dos seus pais, em Leith; estes estão escritos em inglês. Outro diário, atual à altura do seu desaparecimento, foi encontrado no consultório médico onde trabalhava. Este diário emprega uma estranha mistura de hieróglifos e descrições de imagens (possivelmente, imagens de sonhos) em inglês. Angharad Scott fez várias tentativas para o decifrar, mas não chegou a lado nenhum.

No início de 1990, D'Agostino trabalhava como rececionista num consultório médico, em Whalley Range. Fez amizade com um dos médicos da zona, um homem mais ou menos da sua idade, chamado Robert Allstead. Nesta altura, parecia estar nitidamente menos apaixonada por Laurence Arne-Sayles do que antes. Ela contou a Allstead que a sua vida era de trabalho duro, mas que ficaria para sempre grata a Arne-Sayles porque lhe tinha aberto o caminho para um mundo mais belo e ela era lá feliz. Allstead não sabia o que pensar disto. Mais tarde, disse à polícia estar certo de que ela não estava sob o efeito de drogas. Se assim fosse, nunca a teria deixado trabalhar no consultório.

Quando Arne-Sayles descobriu a sua amizade com Allstead, teve um dos seus peculiares ataques de ciúmes e exigiu que ela deixasse o trabalho. Desta vez, D'Agostino recusou.

Na primeira semana de Abril, D'Agostino não apareceu para trabalhar. Depois de ter estado desaparecida durante dois dias, o Dr. Allstead chamou a polícia. Nunca mais foi vista.

Pobre James Ritter

SEGUNDA ENTRADA PARA O VIGÉSIMO DIA DO OITAVO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Havia duas entradas para James Ritter, ambas no Diário n.º 21: página 46 e página 122. A primeira intitulava-se: *A desgraça de Laurence Arne-*

Sayles.

A sempre controversa carreira de Arne-Sayles terminou abruptamente em abril de 1997, quando uma senhora contratada para lhe limpar a casa encontrou algo: um líquido castanho que parecia escorrer por debaixo de uma parede numa das divisões. A divisão era um quarto e, segundo Arne-Sayles, não era usado. Mas a senhora da limpeza pôde ver que estava a ser usado e daí limpá-lo. Com uma esponja, absorveu o líquido. De seguida, cheirou-o. Urina e fezes. Um pouco mais de líquido escorreu por baixo da parede. Ela empurrou a parede e esta cedeu um pouco. Encostou o seu ouvido. Depois, chamou a polícia. Atrás da parede – uma parede falsa –, a polícia encontrou uma divisão onde estava um jovem, muito doente e totalmente incoerente.

A carreira académica de Arne-Sayles terminou. No seguimento do julgamento (amplamente noticiado), foi enviado para a prisão, inicialmente por três anos; contudo, já na prisão, foi acusado de incitar outros presos à violência e a motins. Acabou por cumprir quatro anos e meio e foi libertado em 2002.

Arne-Sayles não prestou declarações no seu julgamento e nunca deu qualquer explicação para o facto de ter encarcerado James Ritter.

Achei esta entrada dececionante; havia muito pouca informação sobre quem era o pobre James Ritter. Continuei para a segunda entrada. Parecia mais promissora.

Biografia de James Ritter

Nasceu em 1967, em Londres. Na sua juventude, Ritter era muito bem-parecido. Trabalhou como modelo, empregado de mesa, barman, ator e, ocasionalmente, como prostituto. Ao longo da sua vida adulta, sofreu períodos prolongados de doença mental. Foi operado pelo menos duas vezes, entre 1987 e 1994, uma vez em Londres e outra em Wakefield. Por vezes, viveu na rua.

Depois de o encontrarem atrás da parede falsa na casa de Arne-Sayles, foi levado para o hospital onde o trataram a uma pneumonia, má-nutrição, desidratação e desordem bipolar. A polícia tentou descobrir quanto tempo Arne-Sayles o tinha mantido prisioneiro, mas Ritter foi incapaz de fornecer algum tipo de resposta coerente. A polícia teve de recorrer a pessoas que o conheciam – drogados, trabalhadores da assistência social, gestores de albergues para desalojados. Tudo o que conseguiram apurar foi que Ritter tinha sido visto em e nos arredores de Manchester no início de 1995, pelo que era possível possível – ainda que sem certezas – que tivesse estado aprisionado durante cerca de dois anos.

A história pessoal de Ritter, à medida que ele foi sendo capaz de a contar, serviu para tornar as coisas mais obscuras. Insistia que só tinha estado na casa de Arne-Sayles, em Whalley Range, durante breves períodos; a maior parte do tempo, tinha estado numa casa diferente, uma casa que continha estátuas e onde muitas das divisões estavam cobertas pelo mar. Aparentava pensar que ainda lá estava durante a maior parte do tempo. Várias vezes, na altura em que estava no hospital, ficava muito agitado e afirmava ter de regressar aos minotauros porque estes teriam o seu jantar. Ainda que tenha sido medicado para controlar os seus delírios, continuou a insistir na sua história da casa com a cave inundada e estátuas.

O que estaria Arne-Sayles a tentar obter com o encarceramento de Ritter ainda é assunto de debate. Foram avançadas duas teorias sobre o assunto. Segundo a primeira, Arne-Sayles fez uma lavagem cerebral a Ritter com o intuito de credibilizar as suas próprias afirmações de que outros mundos não só existiam, mas que ele e outras pessoas tinham lá estado. Inquestionavelmente, a descrição de Ritter da casa é semelhante às vastas divisões vazias do filme de

Sylvia D'Agostino, O Castelo; é também semelhante à própria descrição de Arne-Sayles do outro mundo no livro que escreveu na prisão: O Labirinto. (Claro que é perfeitamente possível que Arne-Sayles tenha simplesmente elaborado um pouco as alucinações de Ritter). Mas se esse era o objetivo de Arne-Sayles – fabricar provas sobre a existência de outro mundo –, então porque escolheu ele um homem com um historial de doença mental como sua testemunha?

A segunda teoria era de que o rapto não tinha a ver com as teorias do Outro Mundo de Arne-Sayles e dos seus gostos sexuais inconventionais. (Esta foi a linha seguida pela acusação no julgamento, em outubro de 1997). Mas, nesse caso, porque é que Ritter tanto balbuciava sobre casas com mares na cave?

Angharad Scott tentou entrevistar Ritter para a sua biografia de Arne-Sayles, mas Ritter, ofendido por ninguém acreditar nele e na casa com o oceano nela aprisionado, recusou-se a falar com ela. Em 2010, um jornalista do Guardian – Lysander Weeks – localizou-o enquanto preparava uma peça retrospectiva sobre o escândalo Arne-Sayles. Nessa altura, Ritter trabalhava como zelador na Câmara de Manchester. Weeks descreveu-o como calmo, senhor de si próprio, quase zen. Ritter afirmou estar limpo de drogas há uma década. Não obstante, a história que contou a Weeks foi a mesma que tinha contado à polícia: que, durante cerca de dezoito meses, entre 1995 e 1997, tinha habitado uma casa enorme, onde o mar inundava a cave e por vezes chegava mesmo ao rés do chão. Ritter afirmava que dormia numa espécie de cave branca e translúcida, debaixo dos degraus de mármore de uma grande escadaria. Ritter disse que trabalhar na Câmara de Manchester foi o que o salvou; era também um edifício vasto com grandes divisões, estátuas e escadarias. A semelhança com a outra casa – para onde Arne-Sayles o tinha levado – acalmava-o.

Entradas no Diário sobre Sylvia D'Agostino e o pobre James Ritter:
algumas reflexões iniciais

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA DO OITAVO MÊS DO ANO EM QUE O
ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

A última entrada sobre o pobre James Ritter foi a que achei mais intrigante. Estava cheia de palavras sem sentido como as outras, mas a parte sobre os Minotauros era uma referência clara ao Primeiro Vestíbulo. Também reconheci a descrição de Ritter de uma cave branca, translúcida debaixo de uma Escadaria. O Primeiro Vestíbulo tem uma escadaria assim, com um espaço semelhante a uma espécie de cave por baixo dela. E foi nessa espécie de cave que encontrei muito do lixo que tanto me incomodou. James Ritter era, claramente, a pessoa que tinha comido batatas fritas e douradinhos no Primeiro Vestíbulo. (Esta descoberta por si só justifica a minha decisão de continuar a ler o meu Diário!).

A entrada sobre Sylvia D'Agostino era menos informativa, mas a julgar pela descrição do seu filme, *O Castelo*, também ela teria visitado estes Salões.

A palavra «universidade» é mencionada três vezes na entrada relativa a Sylvia D'Agostino e três vezes nas entradas sobre Stanley Ovenden. Há duas semanas atrás, pus a hipótese de atribuir um significado a esta palavra aparentemente sem sentido, porque tinha visto Estátuas de Estudiosos na Casa. Na altura, estava inclinado a considerar esta teoria fraca, mas agora parece-me mais plausível. Ocorre-me que existem muitas outras ideias que compreendo perfeitamente, apesar de não existirem tais coisas no Mundo. Por exemplo: sei que um jardim é um local onde nos podemos refrescar rodeados por plantas e árvores. Mas um jardim não é uma coisa que exista no Mundo, nem há nenhuma Estátua a representar essa ideia em particular. (Na verdade, nem consigo imaginar muito bem qual seria a aparência de uma Estátua de um jardim). Em vez disso, espalhadas pela Casa existem Estátuas em que Pessoas, Deuses ou Bestas estão rodeadas de Rosas ou Ramos de Hera, ou abrigadas sob Copas de Árvores. No Nono Vestíbulo, há uma estátua de um Jardineiro a cavar e, no Décimo Nono Salão Sul-Oriental, há uma Estátua de outro Jardineiro a podar uma Roseira. É por estas coisas que deduzo a ideia de um *jardim*. Não acredito que isto aconteça por acidente. É assim que a Casa coloca

novas ideias, carinhosa e naturalmente, na Mente dos Homens. É assim que a Casa aumenta o meu conhecimento.

Esta conclusão é muito encorajadora e já não me sinto tão alarmado quando uma palavra sem sentido dá origem a uma imagem mental que não consigo explicar. *Não fiques ansioso*, digo a Mim próprio. *É a Casa. É a Casa a aumentar o teu conhecimento.*

Todas as entradas dos Diários mencionam nomes. Fiz uma lista dos que encontrei até agora. Há quinze nomes. Assumindo que «Ketterley» pertence ao Outro e que outro pertence ao Profeta, restam treze. É o número exato de Mortos nos meus Salões. Coincidência? Após uma análise ponderada, inclino-me a pensar que talvez seja. Enquanto quinze pessoas são *batizadas*, algumas outras aparecem insinuadas no texto: pessoas como o amigo a quem D'Agostino contou que pretendia estudar «Morte, Estrelas e Matemática»; «a polícia» (mencionada em todos os textos); a mulher que limpou a casa de Laurence Arne-Sayles; e os jovens rapazes que Laurence Arne-Sayles engatava aos Sábados à noite. É impossível dizer, neste momento, quantas destas pessoas existem.

PARTE 4
16

Recupero os pedaços de papel do Octogésimo Oitavo Salão Ocidental
ENTRADA PARA O PRIMEIRO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ
VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Não me tinha esquecido dos pedaços de papel que encontrei no Octogésimo Oitavo Salão Sul-Occidental, nem dos que lá ficaram, emaranhados nos ninhos das gaivotas.

Há dois dias, reuni mantimentos para a jornada: comida, cobertores, uma caçarola pequena para aquecer água e alguns pedaços de pano. Parti e cheguei ao Octogésimo Oitavo Salão Ocidental a meio da tarde. As gaivotas deviam ter saído à procura de comida porque não havia nenhuma no Salão, mas a existência de excrementos frescos mostrava que ainda era o seu pouso.

Comecei, de imediato, a trabalhar, extraíndo os pedaços de papel dos ninhos. A facilidade com que conseguia realizar esta tarefa era variável. Nalguns ninhos, as algas estavam secas e desfaziam-se ao primeiro puxão, mas noutros os restos de papel estavam firmemente colados às algas pelos excrementos das gaivotas. Fiz uma fogueira utilizando algas secas dos antigos ninhos; aqueci água na caçarola e, depois, mergulhei um trapo na água e apliquei-o suavemente no papel preso nos ninhos. Era um trabalho delicado: muito pouca água quente e os excrementos duros não amoleceriam; demasiada água e o próprio papel dissolvia-se. Levou-me muitas horas de trabalho, mas, ao anoitecer do segundo dia, tinha recuperado setenta e nove pedaços de trinta e cinco ninhos. Voltei a examinar cada um dos ninhos e fiquei satisfeito por ver que nada restava.

Esta manhã, regresssei aos meus Salões.

Passei algum tempo a tentar organizar a escrita. Finalmente, passado uma hora, tinha parte de uma página – talvez quase metade – e algumas secções mais pequenas de outras páginas.

A caligrafia era muito má, com muitas palavras riscadas. Consegui ler: *...que me fez. Como pude ser tão estúpido? Vou morrer aqui. Ninguém me virá salvar. Vou morrer aqui. O silêncio [pedaço em falta] sem som, somente o barulho do mar nas divisões abaixo. Não há nada para comer. Dependo dele para me trazer comida e água – o que só comprova ainda mais a minha condição de prisioneiro, um escravo. Ele deixa-me comida na divisão com as estátuas do*

minotauro. Delicio-me em longas fantasias em que o mato. Numa das divisões em ruínas, encontrei um pedaço de mármore partido com o tamanho de uma telha. Pensei em esmagar-lhe a cabeça com ele. Ter-me-ia dado uma enorme satisfação...

Estes eram os escritos de uma pessoa muito zangada e infeliz. Pergunto-me quem teria sido? Gostava de conseguir contactá-lo através dos seus escritos para o confortar, para lhe mostrar o peixe que abunda em cada Vestíbulo; as camas de moluscos apenas à espera de serem recolhidos; com apenas um pouco de atenção, nunca teria de passar fome; como a Casa sustenta e protege os seus Filhos. Interroguei-me sobre o seu opressor, o homem que o tinha escravizado. Senti-me muito triste ao pensar que tal antagonismo poderia existir entre dois seres humanos, talvez mesmo entre dois dos meus próprios Mortos. Terá a Pessoa Escondida atormentado o Homem da Caixa de Biscoitos? Ou ao contrário?

Muito cuidadosamente, virei os pedaços de papel e examinei o verso. Aqui, os escritos eram ainda piores.

Esqueço-me. Esqueço-me. Ontem não me conseguia lembrar da palavra para candeeiro. Esta manhã, imaginei que uma das estátuas falava comigo. Passei algum tempo (cerca de meia hora, creio) a falar com ela. Estou a ENLOUQUECER. Que horrível, como é terrível estar neste lugar pavoroso e LOUCO. Estou DETERMINADO A MATÁ-LO antes que isso aconteça. Antes que me esqueça de porque é que O ODEIO.

Suspirei quando desvendi isto. Tirei três envelopes que o Outro me tinha dado em tempos. No primeiro, coloquei os pedaços que tinha conseguido juntar. No exterior do envelope, escrevi cuidadosamente uma cópia das duas transcrições. No segundo envelope, coloquei alguns pedaços que encaixavam uns nos outros, compondo fragmentos de frases. No terceiro envelope, coloquei os pedaços que não consegui relacionar de forma nenhuma.

Um problema

ENTRADA PARA O SEGUNDO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Um problema preponderante preocupa-me neste momento: perguntar, ou não, ao Outro sobre Stanley Ovenden, Sylvia D'Agostino, o pobre James Ritter e Maurizio Giussani. O Profeta chamou «Ketterley» ao Outro. Na entrada relativa ao desaparecimento de Maurizio Giussani, o nome «Ketterley» surge diretamente relacionado com os nomes D'Agostino e Ovenden, e ao próprio Giussani. Daqui concluo que o Outro conheceu estas pessoas. Anseio por saber mais sobre elas e, por várias vezes, estive na eminência de lhe perguntar. Mas hesitei sempre no último instante. Imaginando que ele dissesse: *Onde é que ouviste falar dessas pessoas? Quem te contou?*, não saberia o que lhe responder. Ele não pode saber que falei com o Profeta. Não pode saber minhas entradas no meu Diário.

Ele está cheio de suspeitas. Não pensa em mais nada a não ser na aproximação do 16. Há dois meses, manifestou a intenção de ir ao Centésimo Nonagésimo Segundo Salão Ocidental e realizar o ritual, que ele acredita que irá conjurar o Grande Conhecimento Secreto, mas atualmente tudo isso está esquecido.

Limão

ENTRADA PARA O QUINTO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, estava a caminho do Terceiro Salão Setentrional para o Décimo Sexto Vestíbulo. Passei do Primeiro Salão Setentrional para o Primeiro Vestíbulo. Dei um passo ou dois e parei.

Algo aconteceu. O que seria? O que tinha acabado de acontecer?

Dei alguns passos atrás, de volta ao Umbral, e inspirei. Lá estava de novo! Uma fragrância. Um perfume de limões, folhas de gerânio, jacintos e narcisos.

Era bastante forte neste local. Alguém – uma pessoa usando um belo perfume – esteve durante algum tempo no Umbral, talvez a admirar o Longo Panorama de Salões Vazantes. Voltei ao Primeiro Salão Setentrional e aí não havia traços dele. Regressei ao Primeiro Vestíbulo e avancei para sul, ao longo da Parede, sob a Estátua ameaçadora de um Minotauro. Sim, também aqui a fragrância era perceptível. Reconstitui o percurso da pessoa até um ponto situado entre o Umbral para o Primeiro Salão Ocidental e o Umbral para o Corredor que conduz ao Primeiro Salão Sul-Occidental. Aí, perdi-o.

Quem seria a pessoa que aqui passou? Não era o Outro. Eu conhecia o perfume que ele usava: uma fragrância algo condimentada de coentros, rosa e sândalo. O Profeta? Lembrava-me perfeitamente do seu perfume. De novo, bastante diferente – violeta era a nota dominante, com traços de cravinho, groselhas e rosa.

Não, este era de alguém novo.

O 16 chegara. O 16 estava cá.

O meu coração começou a bater mais depressa. Olhei à volta do Vestíbulo. O grande espaço estava escurecido pelas sombras suaves dos Minotauros, com raios de Luz dourada entre elas. O 16 não saltou de um esconderijo para começar a enlouquecer-me. No entanto, tinha estado aqui e, talvez, há pouco menos de uma hora.

Surpreendia-me que alguém como o 16, alguém tão conectado com a Destruição e com a Loucura, pudesse usar um perfume tão encantador, tão evocativo do Sol e da Felicidade. Mas depois disse a Mim próprio que era tolo em pensar assim. *Considera isto um aviso*, disse eu. *Mantém-te alerta. O 16 não demonstrará as suas intenções maléficas. É muito provável que tenha um aspeto agradável à vista. Os seus modos serão amigáveis e insinuantes. É assim que pretende destruir-te.*

Mais pessoas para matar

ENTRADA PARA O DÉCIMO SÉTIMO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, contei ao Outro sobre o perfume no Primeiro Vestíbulo. Para minha surpresa, recebeu a notícias com bastante tranquilidade.

– Sim, bem, começo a pensar que é melhor acabar com isto – disse ele –, em vez de deixar andar, à espera que aconteça. Além disso, talvez não seja mau de todo.

– Mas eu pensava que o 16 era uma grande ameaça para nós – respondi. – Pensei que tinha dito que ele ameaça a sua segurança e a minha sanidade.

– É verdade.

– Então, como pode ser bom se ele vier para cá?

– Porque a ameaça para nós é tão grande que a nossa única opção é eliminar completamente o 16.

– Como é que fazemos isso?

Em jeito de resposta, o Outro encostou dois dedos à cabeça, imitando uma arma, e fez o som: *Bum!*

Fiquei surpreendido.

– Não creio que consiga matar alguém, por mais malvado que seja – disse eu. – Até os maus merecem Viver. E se não for o caso, que a Casa trate disso. Não eu.

– Provavelmente, tens razão – respondeu ele. – Não sei se conseguiria matar alguém com as minhas mãos. – Pôs-se a examiná-las pensativamente, afastando os dedos e virando-as ao contrário. – Ainda que fosse interessante tentar. Fazemos assim. Vou arranjar uma arma. Isso vai tornar tudo mais fácil para qualquer um de nós que tenha de o fazer. O que me faz lembrar que é possível... uma pequena possibilidade... que mais alguém apareça por aqui. Se alguma vez vires um velho...

– ... Um velho? – disse eu, assustado.

– ... Sim, um velho. Se o vires, diz-me imediatamente. Não é tão alto como eu. Muito magro. Pálido, com olhos encovados e uma boca vermelha e húmida.

O Outro estremeceu involuntariamente e disse:

– Não sei porque é que to descrevo. Não é como se fossem começar a aparecer hordas de velhos.

– Porquê? Vai matá-lo também? – perguntei ansioso. Não tinha dúvidas de que o Outro estava a referir-se ao Profeta.

– Bom, não – disse ele e fez uma pequena pausa. – Mas agora que falas nisso, está mais do que na hora que alguém o faça. Sempre me surpreendeu que ninguém o tivesse matado enquanto esteve na prisão. De qualquer forma, diz-me se o vires.

Acenei com a cabeça da forma menos comprometedora possível. O Outro pedira-me para lhe dizer se visse o Profeta no futuro, e não se o tinha visto no passado, portanto não estava propriamente a mentir. A única coisa boa acerca deste novo desenvolvimento é que o Profeta tinha regressado aos seus próprios Salões e afirmara cabalmente que não pretendia regressar.

Encontrei escritos do 16

ENTRADA PARA O DÉCIMO TERCEIRO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Durante cinco dias, caiu uma chuva constante, cinzenta e abundante em todos os Vestíbulos. O Mundo estava húmido e frio e formaram-se poças nos Pavimentos de Pedra às Portas do Vestíbulos. Os Salões estavam cheios do chilrear dos pássaros que lá se abrigaram.

Mantive-me tão ocupado quanto possível. Remendei as minhas redes de pesca e pratiquei a minha música. Mas, no fundo da minha mente, estive sempre o pensamento de que o 16 estava por cá e pretendia fazer-me enlouquecer. Não fazia ideia quando apareceria a crise, e não era uma sensação agradável.

Hoje parou de chover. O Mundo voltou a ficar mais alegre.

Dirigi-me ao Sexto Salão Norte-Occidental, que é o lar de um bando de galinhas. Assim que me viram, desceram dos seus poleiros nas Estátuas Altas, girando e batendo as asas, grasnando umas às outras. Espalhei restos de peixe para as alimentar. Duas pousaram nos meus ombros. Uma bicou-me a orelha, na esperança de descobrir se era boa para comer. Fez-me rir. De pé, no meio da algazarra e do turbilhão de asas negras, não prestava atenção ao que me rodeava e não reparei logo que, numa Porta à minha direita, havia uma marca, uma barra de giz amarelo brilhante. Então, vi-a. Espantei os pássaros e fui ver.

Há muito tempo atrás, costumava marcar Portas e Pavimentos com giz desta mesma maneira porque tinha medo de me perder. Não o fazia há anos, mas enquanto olhava para a marca amarela, pensei inicialmente que seria uma das minhas e que teria sobrevivido à Inundação, à Maré, ao Vento, à Chuva e à Bruma. Contudo, ao mesmo tempo, sabia que nunca tinha tido giz amarelo. Tenho algum giz branco, algum giz azul e uma pequena quantidade de giz cor-de-rosa. Mas giz amarelo? Não, nunca tive tal coisa.

Depois, reparei que no Pavimento, ao pé da Porta, havia mais marcas de giz, desta vez a branco.

Palavras! E não eram do Outro. Ele raramente se aventura tão longe do Primeiro Vestíbulo. Não, eram palavras de outra pessoa. Do 16! Parei por um momento, tentando assimilar tudo isto. Nunca me tinha ocorrido que o 16 pudesse deixar palavras escritas para enlouquecer as pessoas! (Tenho de aplaudir o seu engenho. Não tenho a certeza se me teria lembrado de tal coisa).

Mas será que, de facto, me iriam enlouquecer? Todos os avisos do Outro tinham sido para evitar que chegasse à fala com o 16 ou que lhe desse ouvidos. Não era provável que o perigo residisse nalguma propriedade da voz do 16? Talvez a palavra escrita não surtisse efeito? (Apercebi-me de que o Outro tinha sido irritantemente pouco específico.)

Os meus olhos viraram-se cautelosamente para baixo. Pude ler:

13.^a DIVISÃO DESDE A ENTRADA. O CAMINHO PARA VOLTAR É O SEGUINTE. ENTRA NESTA PORTA E VIRA IMEDIATAMENTE À ESQUERDA. PASSA A PORTA À TUA FRENTE E, DEPOIS, VIRA À DIREITA. CAMINHA JUNTO À PAREDE DA DIREITA. PASSA DUAS PORTAS E DEPOIS...

Direções. Eram só direções.

Não pareciam nada de muito perigoso. Fiz uma pausa e examinei-me à procura de sinais de loucura iminente ou alguma tendência para a autodestruição. Não me deparando com nada, continuei a ler.

Eram as direções do Sexto Salão Norte-Occidental para o Primeiro Vestíbulo. Embora o Caminho em si fosse um pouco serpenteante, as direções eram claras, precisas e eficazes e as próprias letras eram niidas, retas e agradáveis.

Seguindo estas indicações, tracei o caminho do 16 até ao Primeiro Vestíbulo. Cada um dos Umbrais que atravesssei estava cuidadosamente marcado com giz amarelo. As marcas situavam-se um pouco abaixo do nível do meu olhar. (Estimo que o 16 será entre 12 a 15 centímetros mais baixo do que eu). Por baixo do Arco de cada Porta, ele tinha escrito novamente as suas instruções para que, caso alguma fosse destruída por uma Maré ou por acidente, ainda teria as outras. Era mesmo muito metódico!

Fui ao Segundo Salão Setentrional buscar um bocado de giz azul. Depois, voltei ao Sexto Salão Norte-Occidental, onde tinha visto pela primeira vez as direções do 16. (Parecia ser o mais longe que ele tinha ido.) Por baixo dos seus escritos, escrevi:

CARO 16

O OUTRO AVISOU-ME SOBRE COMO PRETENDE ENLOUQUECER-ME. MAS, PARA ME ENLOUQUECER,

PRIMEIRO TEM DE ME ENCONTRAR E COMO FARÁ ISSO? A RESPOSTA É, NÃO FARÁ. CONHEÇO TODOS OS NICHOS DESTES SALÕES, TODOS AS ABSIDES, TODOS OS ESCONDERIJOS. VOLTE PARA OS SEUS PRÓPRIOS SALÕES, 16, E REFLITA NA SUA MALVADEZ.

Escrever esta carta aliviou a sensação de estar a ser caçado que eu vinha sentindo. Senti-me muito mais em controlo da situação – quase tanto como o 16. O meu único problema era não saber como assinar a carta. Não podia escrever «DO SEU AMIGO», como fazia quando escrevia ao Outro ou ao Laurence (a pessoa que queria ver a Estátua da Velha Raposa a ensinar os Esquilos). O 16 e eu não éramos amigos. Ainda considereei utilizar «seu inimigo», mas pareceu-me desnecessariamente conflituoso. Pensei em «aquele que nunca se vai submeter a ser levado à loucura por si», mas era muito longo (e um pouco pomposo). No final, assinei simplesmente:

PIRANESI

Sendo o que o Outro me chama.

(Mas acho que não é o meu nome.)

Questiono o Outro sobre os escritos do 16

ENTRADA PARA O DÉCIMO QUARTO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Encontrei o Outro esta manhã, no Segundo Salão Sul-Occidental. Vestia um fato de lã cinzento médio e uma camisa impecável de um cinzento mais escuro. O seu estado de espírito era calmo, sério e concentrado. Quando lhe contei das palavras que tinha encontrado no Pavimento do Sexto Salão Norte-Occidental, simplesmente acenou com a cabeça.

– Poderá o 16 transmitir a loucura através da palavra escrita? – perguntei. – Não devia ter evitado lê-las?

– As palavras do 16 são perigosas de qualquer forma – disse ele. – Seria melhor não as teres lido. Mas não te culpo. Apanharam-te de surpresa. Não estavas à espera de uma mensagem escrita. Muito francamente, também não me tinha ocorrido essa possibilidade. Mas é uma altura crítica. Temos de ser mais cautelosos.

– Assim farei. Prometo – respondi.

Deu-me umas palmadinhas encorajadoras no ombro.

– Também há boas notícias – disse ele –, bem, mais ou menos. Consegui arranjar uma arma. Foi muito mais fácil do que imaginava. Mas, e isto suponho que sejam as más notícias... – Fez uma cara pesarosa. – ... Acontece que sou um péssimo atirador. Não pareço ser capaz de acertar em nada. Suponho que terei de praticar. Não sei bem como, mas de qualquer forma... A questão é, Piranesi, tenta não te preocupar. De uma maneira ou de outra, este pesadelo vai acabar em breve.

– Oh, por favor! – implorei. – Não matem os 16!

O Outro riu-se.

– E qual é a alternativa? Deixarmo-nos enlouquecer? Não me parece.

Respondi:

– Mas quando o 16 vir que o seu plano não funciona, quando notar que o evitamos, ele pode voltar para os seus próprios Salões.

O Outro abanou a cabeça.

– Isso não vai acontecer, Piranesi. Eu conheço-o. O 16 é implacável. O 16 vai continuar a vir.

Luz na Escuridão

ENTRADA PARA O DÉCIMO SÉTIMO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Passaram três dias. Continuei alerta aos sinais da presença do 16 nos nossos Salões, mas não encontrei nada. Então, a meio da terceira noite, acordei repentinamente. Algo me acordara, mas eu não sabia o que era.

Sentei-me. Olhei à volta. As Estrelas brilhavam fortemente em todas as Janelas. As Mil Estátuas do Terceiro Salão Setentrional, tenuemente iluminadas pelas Estrelas, olhavam para o Salão como se o abençoassem. Tudo estava como antes; e mesmo assim, não conseguia libertar da sensação de que algo estava a acontecer.

Estava muito frio. Calcei os meus sapatos, vesti uma camisola de lã e caminhei até ao Segundo Salão Norte-Occidental. Estava tudo vazio; tudo calmo; tudo em paz.

Entrei numa Porta à minha direita, para outro Salão. Aqui ouvi um som abafado. O som repetia-se em intervalos regulares e, à medida que fui avançando, tornou-se mais forte. Era como o brado distante de um animal.

Uma débil réstia de luz emanava de uma Porta, no outro extremo do Salão. Mal tinha acabado de observar isto quando a luz mudou e aumentou até se tornar um feixe cortante através da Escuridão, iluminando

as estátuas na Parede Oposta! Depois, com a mesma velocidade com que surgiu, desapareceu de novo.

Dirigi-me à Porta e espreitei lá para dentro.

Havia alguém no Salão seguinte – alguém com uma lanterna que dirigia rapidamente o raio de luz de Parede a Parede, de Canto a Canto, perscrutando a Escuridão à procura de algo ou de alguém. (Era esta a razão para a luz ter subitamente aumentado e desaparecido de novo.) A pessoa gritava:

– Raphael! Raphael! Sei que estás aqui!

Era o Outro.

– Raphael! – gritou de novo.

Silêncio.

– Nunca devias ter vindo aqui! – gritou ele.

Silêncio.

– Conheço cada palmo deste lugar! Não podes fugir! Vou acabar por te encontrar!

Silêncio.

Esgueirei-me pelo Salão, ação que realizei com o mínimo de movimentos possível. Ainda assim, o Outro deve ter-se apercebido pelo canto do olho porque se voltou e apontou a lanterna para a Porta por onde eu tinha acabado de entrar, mas moveu-se muito subitamente e a lanterna saltou-lhe da mão e deslizou pelo Pavimento. A luz apagou-se.

– Merda! – exclamou o Outro.

A Escuridão voltou a engolir o Salão. As Marés moviam-se nos Salões Inferiores. O Outro vagueava, à procura da sua lanterna, resmungando consigo mesmo.

Os meus olhos, que pouco tinham visto enquanto ofuscados pela lanterna, começaram a habituar-se de novo à Luz das Estrelas. De início, não vi nada senão o Salão calmo, mas eis que uma centelha de movimento passou ao longo da Parede Meridional, de Oriente para Ocidente. Foi uma mera sugestão de uma sombra cinzenta sobre as Estátuas levemente iluminadas e, quase acreditei, que estava a imaginá-la. Mas não estava. Passou por uma Porta em direção ao Quinto Salão Norte-Occidental.

O 16!

O Outro tinha encontrado a lanterna. Fê-la emitir novamente o seu feixe de luz. A seguir, saiu do Salão por uma das Portas Setentrionais.

Esperiei até que ele desaparecesse e corri então, rápida e silenciosamente, atrás do 16. Escondi-Me na Porta que dava para o Quinto Salão Norte-Occidental.

O 16 estava de pé no Salão. Tal como o Outro, tinha um feixe de luz; mas, ao contrário do Outro, não o movia à sua volta erraticamente. Apontava o seu brilho diretamente às Paredes do Salão. A forte luz branca e prateada iluminava as belas Estátuas, dando a cada uma delas uma estranha nova sombra, fazendo com que as Paredes parecessem estar densamente cobertas por enormes penas negras. O 16 movia a lanterna lentamente, fazendo com que as sombras penas se alongassem, encolhessem, mergulhassem e girassem. Mas quanto ao próprio 16, não consegui ver nada dele. Era uma mera mancha atrás do clarão da luz.

O 16 contemplou as Estátuas durante vários minutos. Depois, desviou a luz das Paredes e caminhou para a Porta que dava para o Sexto Salão Setentrional. Verificou a Ombreira para se certificar de que a marca que aí tinha feito ainda lá estava e atravessou a Porta. Segui-o e escondi-Me no Umbral seguinte.

No Sexto Salão Setentrional, o 16 iluminava com a lanterna a mensagem que eu tinha escrito. Manteve-se imóvel durante um bom bocado. Tinha-lhe dito que refletisse sobre a sua malvadez. Estaria ele a fazê-lo? De repente, ajoelhou-se e começou a escrever rapidamente.

Nunca ninguém me tinha escrito.

O 16 escreveu por muito tempo, o que de alguma forma obscura me agradou. Mas depois pensei: *Porque é que estás tão satisfeito? Que importa se a mensagem é longa ou curta? Sabes que não a podes ler. Se a leres, ficarás louco.* Parte de mim (uma parte muito insensata) sentia que quase valeria a pena enlouquecer para ler a mensagem.

A Escuridão à frente do 16 transformou-se em duas formas negras selvagens que se agitavam e batiam no Ar. Assustado, o 16 saltou, soltando um grito de alarme.

Eram apenas duas gralhas que tinham sido acordadas pela atividade invulgar e tinham vindo ver o que se passava.

– Desapareçam! – gritou o 16. – Desapareçam! Saiam daqui! Estou ocupado!

A voz do 16 não era, de todo, o que eu estava à espera.

Parti tão silenciosamente como tinha chegado. Fiz o caminho de volta ao Terceiro Salão Setentrional e deitei-me na minha cama. Mas a minha mente estava demasiado agitada para dormir.

Apaguei uma mensagem do 16

SEGUNDA ENTRADA PARA O DÉCIMO SÉTIMO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Mal o Sol nasceu, fui buscar o meu Índice e os meus Diários. Abri o Índice no R, mas não havia nenhuma entrada para «Raphael».

Comi qualquer coisa rapidamente e agradei à Casa a sua Beneficência. Tinha uma questão que precisava de colocar ao Outro, mas hoje não era um dos dias em que me encontrava com o Outro, portanto sabia que a minha questão tinha de esperar.

Parti para o Sexto Salão Norte-Occidental. As gralhas saudaram-me ruidosamente, mas hoje não tinha tempo para lhes falar. A mensagem do 16 cobria uma área do Pavimento, com aproximadamente 60 por 80 centímetros.

O meu coração batia aceleradamente no meu peito. Dei uma olhadela:

Vi as palavras:

O MEU NOME É...

Vi as palavras:

...LAURENCE ARNE-SAYLES...

Vi as palavras:

...DIVISÃO COM AS ESTÁTUAS DOS MINOTAUROS...

O que devia fazer? Sabia que enquanto a mensagem existisse, sentiria uma vontade enorme de a ler. Decidi que a minha única opção era destruí-la.

Corri de volta ao Terceiro Salão Setentrional e agarrei numa camisa velha e num pedaço de giz. Digo «camisa»; mas, na verdade, a peça de roupa estava tão esfarrapada que dificilmente merecia o nome. Rasguei-a em dois. Depois, corri de volta para o Sexto Salão Norte-Occidental. Atei metade da camisa à volta dos olhos como uma venda. Segurando a outra metade na mão, ajoelhei-me e comecei a esfregá-la na superfície do Pavimento, apagando as palavras do 16.

Alguns minutos depois, retirei a venda e olhei. Restavam fragmentos da mensagem aqui e ali.

COMPREENSÍVEL? O MEU

NOME
AGEN LÍCIA

LI OS FICHEIROS SOBRE
O SEU DES

É VALENTINE
KETTER

RTAMENTE
PREPAROU OUTRAS POTENCIAIS VÍTIMAS E EU
UM DISCÍPULO DO OCULTISTA LAURENCE

ARNE-SAY

SO QUE ELE SABE QUE ENTREI N
UI AQUI HÁ QUASE SEIS ANOS,
SABONDE FIC SAÍDAME
QUE TALVEZ PADECESSE
DE

Já que nada disto fazia sentido – pelo menos à primeira vista –, tive esperança que não me afetasse. (Até agora sinto-me bem.) Ajoelhei-me e escrevi uma resposta.

CARO 16

ENQUANTO PERMANECER NOS NOSSOS SALÕES, O
OUTRO VAI TENTAR MATÁ-LO. ELE TEM UMA ARMA!

APAGUEI A SUA MENSAGEM SEM A LER. AS SUAS
PALAVRAS NÃO ME AFETARAM. NÃO ME ENLOUQUECEU.
O SEU PLANO FALHOU.

POR FAVOR! VOLTE PARA OS SALÕES DISTANTES DE
ONDE VEIO!

PIRANESI

Questiono o Outro

ENTRADA PARA O DÉCIMO OITAVO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O
ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Hoje, às dez horas, fui ao Segundo Salão Sul-Occidental para me encontrar com o Outro.

Ele estava ao lado do Plinto Vazio. Vestia um fato de lã castanho-escuro e uma camisa verde-azeitona. Os seus sapatos brilhantes eram de cor

castanha.

– Quero perguntar-lhe uma coisa – disse eu.

– *Okay*.

– Porque é não foi sincero comigo?

O Outro lançou-me um olhar frio.

– Sou sempre sincero contigo – respondeu.

– Não – disse eu. – Não é. Porque não me disse que o 16 é uma mulher?

A expressão no rosto do Outro passou de arrogância ativa a irritação e a aceitação relutante no espaço de cerca de meio segundo.

– *Okay* – reconheceu. – Creio que é justo. Mas nunca disse que não era uma mulher.

Revirei os olhos perante este argumento extraordinariamente fraco.

– Tenho-me referido ao 16 como «ele» durante meses – disse eu – e nunca me corrigiu, nem uma vez. Porquê?

O Outro suspirou.

– *Okay*. A razão para não ter dito nada é porque te conheço, Piranesi. És um romântico. Oh, falas em ser cientista e discípulo da razão... e na maior parte do tempo, és. Mas também és um romântico. Sabia que já ia ser difícil convencer-te da ameaça que o 16 representa. Mas sabia que ia ser ainda mais difícil mal soubesses que era uma mulher. Ficarias muito mais interessado numa mulher. Até pensei que te poderias apaixonar por ela. Achava mesmo que não fosses capaz de evitar falar com ela. Entendo que possas achar difícil acreditar nisto, mas, na verdade, estava a zelar por ti. Era mesmo muito importante que não confiasses no 16, porque o 16 não é de todo de confiança. Entendes?

Houve uma pausa.

– Bem – disse eu. – Obrigado por cuidar de mim. Não me parece que fosse facilmente influenciado por uma mulher, como parece querer sugerir. Por favor, não me esconda mais nada no futuro.

– É justo – disse o Outro. Franziu o sobrolho. – Já agora, como é que descobriste? – A sua voz tornou-se brusca, com apreensão. – Não falaste com ela, pois não?

– Não. Vi-a no Sexto Salão Norte-Occidental e ouvi a voz dela. Ela não me viu.

– Ouviste-a? – O Outro estava ainda mais alarmado. – Com quem é que ela falava?

– Com as gralhas.

– Oh. – Fez uma pausa. – Que estranho.

Decidi procurar Laurence Arne-Sayles no Índice

ENTRADA PARA O DÉCIMO NONO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

O Outro tem razão numa coisa. Não sou tão racional como pensava. Eu costumava rir (secretamente) do Outro sempre que o via agir por amor-próprio, ou por arrogância, ou orgulho. As minhas ações eram, tinha a certeza, guiadas unicamente pela Razão. Mas só me estava a enganar a Mim próprio. Uma pessoa racional nunca teria falado com o Profeta, no Primeiro Salão Norte-Oriental. Uma pessoa racional teria continuado a limpar o Pavimento do Sexto Salão Norte-Occidental até que todos os vestígios da mensagem da 16 tivessem sido eliminados.

Não é o facto de a 16 ser mulher que me fascina ou me entusiasma – ou pelo menos, não inteiramente; é o facto de ela ser outro ser humano. Quero saber tudo o que for possível sobre ela – ou tudo o que possa saber sem enlouquecer. (Essa é a parte complicada).

Não disse nada ao Outro sobre a mensagem escrita pela 16. Também não lhe disse que depois de a ter apagado, restaram pequenas meias frases e frases e que as deixei intocadas.

...É VALENTINE KETTER(LEY)... Isto refere-se ao Outro. O Profeta disse que o nome do Outro é Val Ketterley. Não é de admirar que a 16 escreva sobre o Outro, já que de acordo com o Outro, a 16 é obcecada por ele e quer destruí-lo.

...(CER)RTAMENTE PREPAROU OUTRAS POTENCIAIS VÍTIMAS E EU... Estará a 16 a gabar-se das suas vítimas? Do mal que lhes fez e pretende fazer? Incerto.

...UM DISCÍPULO DO OCULTISTA LAURENCE ARNE-SAY(LES)... Tudo continua a levar à mesma pessoa, Laurence Arne-Sayles, que creio coincidir com o Profeta.

...(AQUI HÁ QUASE SEIS ANOS, SAB(E)... Não é claro a que se refere isto.

ONDE FIC(A) (A) SAÍDA... Um fragmento intrigante. A 16 parece querer dizer-me que há uma saída. Mas eu conheço estes Salões, todas as

suas entradas e saídas. Ela não.

Procurei pela 16 no meu Índice, utilizando o nome que o Outro lhe chamou. Não está lá. Vou procurar por Laurence Arne-Sayles.

Laurence Arne-Sayles

SEGUNDA ENTRADA PARA O DÉCIMO NONO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Uma vez mais levei o meu Índice e os Diários para o Quinto Salão Setentrional e sentei-me em frente da Estátua do Gorila. Que a sua Força e Determinação me deem coragem! Abri o Índice no A.

Havia vinte e nove entradas para Laurence Arne-Sayles. Algumas eram apenas uma linha ou duas. Outras estendiam-se por várias páginas. Passei os olhos por cerca de metade delas, mas de nada adiantou. A informação que continham era muito variada: listas de publicações, biografia, citações e descrições de pessoas que Arne-Sayles tinha conhecido na prisão. Deparei-me com uma entrada intitulada: *Laurence Arne-Sayles: prós e contras de escrever um livro* e, uma vez que a ideia de escrever um livro me atraía fortemente, li-a com interesse.

Possível projeto: um livro sobre Arne-Sayles, explorando a ideia de intelectuais transgressivos – pessoas cujas ideias vão para além do que é comumente aceite no espectro de uma disciplina (ou até possível). Heréticos.

Não tenho a certeza se este é um bom uso do meu tempo ou não. Prós e contras.

- *Angharad Scott fez um trabalho satisfatório com o seu livro, A Long Spoon: Laurence Arne-Sayles and His Circle. (Contra)*
- *Dito isto, o forte de Scott é a biografia, não a análise. Ela seria a primeira a admiti-lo. (Pró? Neutro?)*
- *A própria Scott é simpática, encorajadora e disposta a ajudar. Gostaria de ver outro livro escrito. Deu-me bastante informação de fundo disse-me que ainda há mais. Ver notas do telefonema com a Angharad Scott, página 153. (Pró)*
- *Arne-Sayles é um assunto algo estimulante? Escândalo enorme, julgamento, pena de prisão, etc. (Pró)*

- *Arne-Sayles é o exemplo perfeito de intelectual transgressivo – transgressivo em mais do que uma maneira –, moralmente, intelectualmente, sexualmente, criminalmente. (Pró)*
- *O impacto extraordinário que teve nos seus seguidores, levando-os a acreditar que tinham visto outros mundos, etc.. (Pró)*
- *Arne-Sayles recusa falar com académicos/escritores/jornalistas. (Contra)*
- *Os seus colaboradores mais próximos – as pessoas que o conheciam na altura em que afirmou estar a passar de um lado para o outro entre este mundo e outros – são poucos. Desse número, alguns desapareceram e a maioria dos outros não fala com jornalistas. (Contra)*
- *Tali Hughes era o único pupilo de Arne-Sayles que estava disposto a falar com Angharad Scott. De acordo com Scott, Hughes era emocionalmente instável e, possivelmente, delirante. James Ritter falou com uma jornalista (Lysander Weeks), em 2010. Talvez valha uma conversa? De acordo com Weeks, Ritter trabalha como zelador na Câmara de Manchester. Vale a pena verificar se Weeks estará a trabalhar nalgum livro? (Nem pró nem contra – neutro)*
- *O mistério do desaparecimento das pessoas ligadas a Arne-Sayles: Maurizio Giussani, Stanley Ovenden, Sylvia D’Agostino. (Este é um forte atrativo para os leitores e, portanto, definitivamente um pró. A menos que eu próprio desapareça e, nesse caso, será um contra.)*
- *Passar muito tempo a escrever sobre um homem profundamente desagradável pode ser emocionalmente penoso. É universalmente aceite que Arne-Sayles é malicioso, vingativo, manipulador, rancoroso, arrogante e um completo e absoluto cretino. (Contra)*

Não tenho a certeza do resultado disto.

Muito ligeiramente contra?

Tudo isto me revelou muito pouco sobre o próprio Laurence Arne-Sayles. Foi a última entrada de todas a mais informativa. Intitulava-se:

Notas para uma palestra a ter lugar no Torn and Blinded: Um Festival de Ideias Alternativas, Glastonbury, 24-27 maio de 2013

Laurence Arne-Sayles começou pela ideia de que os Antigos tinham uma forma diferente de se relacionarem com o mundo, que o viviam como algo que interagira com eles. Quando observavam o mundo, o mundo observava-os de volta. Se, por exemplo, se deslocassem num barco num rio, então o rio estava, de alguma forma, consciente que os transportava às costas e tinha, de facto, concordado com isso. Quando observavam as estrelas, as constelações não eram meros padrões que lhes permitiam organizar o que viam, eram também veículos de significado, um fluxo de informação sem-fim. O mundo estava constantemente em diálogo com o Homem Antigo.

Tudo isto estava mais ou menos dentro dos limites da história filosófica convencional, mas onde Arne-Sayles divergiu dos seus pares foi na sua insistência de que este diálogo entre os Antigos e o mundo não era simplesmente algo que acontecia nas suas cabeças; era algo que acontecia no mundo real. A forma como os Antigos entendiam o mundo era a forma como o mundo realmente era. Isto dava-lhes uma influência e poder extraordinários. A realidade não só era capaz de participar num diálogo – inteligível e articulado –, como também era persuadível. A natureza estava disposta a curvar-se aos desejos dos homens, emprestando-lhes os seus atributos. Os mares poderiam ser separados, os homens poderiam transformar-se em aves e voar para longe, ou em raposas e esconder-se em bosques escuros, os castelos poderiam ser feitos a partir de nuvens.

Eventualmente, os Antigos deixaram de falar e de ouvir o Mundo. Quando isto aconteceu, o Mundo não ficou simplesmente em silêncio; mudou. Essas particularidades do mundo que tinham estado em constante comunicação com os Homens – quer lhes

chamemos energias, poderes, espíritos, anjos ou demónios – já não tinham lugar ou razão para ficar e, por isso, partiram. Houve, na opinião de Arne-Sayles, um verdadeiro desencantamento.

No seu primeiro trabalho publicado sobre o assunto (The Curlew's Cry, Allen & Unwin, 1969), Arne-Sayles afirmou que estes poderes dos Antigos estavam irremediavelmente perdidos; mas quando escreveu o seu segundo livro (What the Wind Has Taken, Allen & Unwin, 1976), já não tinha tanta certeza. Tinha experimentado magia ritual e, agora, pensava que seria possível recuperar alguns dos poderes, desde que conseguisse uma ligação física com uma pessoa que em tempos os tivesse possuído. O melhor tipo de ligação seriam os restos mortais – o corpo ou parte do corpo da pessoa em questão.

Em 1976, o Museu de Manchester tinha na sua coleção quatro múmias preservadas, datadas entre 10 a. C. e 200 d. C., e batizadas com o nome da turfeira onde tinham sido encontradas: Marepool, em Cheshire. Eram:

- Marepool I (um corpo sem cabeça)*
- Marepool II (um corpo completo)*
- Marepool III (uma cabeça, mas não a pertencente a Marepool I)*
- e Marepool IV (um segundo corpo completo)*

Arne-Sayles estava muito interessado em Marepool III, a cabeça. Arne-Sayles disse que tinha realizado uma adivinhação que lhe permitiu identificar a cabeça como pertencente a um rei e vidente. O conhecimento que o vidente tinha possuído era exatamente o que Arne-Sayles precisava para avançar com as suas próprias pesquisas. Combinado com as suas próprias teorias, resultaria num momento de viragem para a compreensão humana. Em maio de 1976, Arne-Sayles escreveu uma carta ao diretor do museu, pedindo a cabeça emprestada para poder realizar um ritual mágico por si

inventado, transferir o conhecimento do vidente para si próprio e, assim, iniciar uma Nova Era para a Humanidade. Para espanto de Arne-Sayles, o diretor recusou. Em junho, Arne-Sayles convenceu cerca de cinquenta estudantes a manifestarem-se no exterior do museu contra este pensamento obtuso e ultrapassado. Os estudantes levavam cartazes que diziam «Libertem a Cabeça». Dez dias depois, houve uma segunda manifestação, durante a qual uma janela foi partida e houve uma altercação com a polícia. Depois disto, Arne-Sayles pareceu ter perdido o interesse nas múmias do pântano.

No final de Dezembro, o museu fechou para o Natal. Quando reabriu, no Ano Novo, os funcionários descobriram que tinha havido uma intrusão. Havia vestígios de pessoas que tinham acampado no interior do museu. Migalhas de comida, pacotes de biscoitos e outro lixo diverso estavam espalhados por todo o lado. Havia um cheiro a cânabis. «Libertem a Cabeça» apareceu novamente pintado numa parede e restos de velas queimadas ficaram colados no chão. As velas formavam um círculo. Nada parecia ter sido levado, mas o armário em que Marepool III estava exposto tinha sido partido e a cabeça tinha sido mexida. Apresentava restos de cera de vela e fragmentos de visco nela colados.

A polícia e os funcionários do museu suspeitaram, naturalmente, de Arne-Sayles. Arne-Sayles, contudo, tinha um álibi; tinha estado no festival Midwinter com alguns neopagãos abastados, numa quinta em Exmoor. Os neopagãos (com o apelido Brooker) confirmaram. Os Brooker reverenciavam Arne-Sayles como um génio extraordinário e uma espécie de santo pagão. A polícia não considerava o seu testemunho fiável, mas não tinha meios de o refutar. Ninguém foi acusado do arrombamento ao museu, mas no seu livro seguinte (The Half-Seen Door, Allen & Unwin, 1979), Arne-Sayles falava de um vidente anglo-romano, chamado

Addedomarus, que teria sido capaz de trilhar um caminho entre mundos.

Em 2001, enquanto Arne-Sayles estava na prisão, um homem chamado Tony Myers entrou numa esquadra de polícia, em Londres, e pediu para fazer um depoimento. Declarou ter invadido o museu no Dia de Natal, em 1976, enquanto estudante na Universidade de Manchester. Partiu uma janela, subiu e abriu as portas para deixar outras pessoas entrar. Assistiu a um ritual realizado por Arne-Sayles e outros dois homens. Achava que os outros dois homens eram Valentine Ketterley e Robin Bannerman, mas já fora há muito tempo e não podia ter a certeza.

Myers afirmou ter visto, a determinada altura, os lábios de Marepool III moverem-se, mas que não ouviu quaisquer palavras.

Myers não foi acusado.

O próprio Arne-Sayles nunca escreveu sobre o ritual praticado com Marepool III. De qualquer forma, no final dos anos setenta, as suas ideias estavam, a mudar. Estava menos preocupado com o conteúdo dos poderes e crenças perdidas e mais interessado em saber para onde tinham ido. Baseado na sua teoria inicial de que os poderes e as crenças perdidas constituíam uma espécie de energia, afirmou que essa energia não podia simplesmente ter deixado de existir; teria de ter ido para algures. Este foi o início da sua teoria mais famosa, a Teoria de Outros Mundos. Em termos gerais, dizia que quando o conhecimento ou o poder abandonaram este mundo, aconteceram duas coisas: primeiro, criaram outro lugar; e segundo, deixaram um buraco, uma porta entre este mundo, onde outrora tinham existido, e o novo lugar que tinham criado.

Imaginem, disse Arne-Sayles, como água da chuva depositada num campo. No dia seguinte, o campo está seco. Onde se enfiou a água da chuva? Uma parte evaporou no ar. Outra foi bebida pelas

plantas e pelos animais. Mas uma parte infiltrou-se na terra. Isto acontece repetidamente. Durante décadas, séculos, milénios, a água, ao infiltrar-se, provoca uma fenda na rocha debaixo da terra; a seguir, desgasta a fenda até se transformar num buraco; depois transforma o buraco numa entrada para uma caverna – de facto, uma espécie de porta. Para lá da porta, a água continua a correr e abre cavernas e molda pilares. Algures, disse Arne-Sayles, deve existir uma passagem, uma porta entre nós e o local para onde a magia tenha ido. Deve ser bastante pequena. E talvez não seja completamente estável. Tal e qual como a entrada de uma caverna subterrânea, pode estar em risco de colapso. Mas está lá. E, se lá está, é possível encontrá-la.

Em 1979, publicou o seu terceiro, e mais famoso, livro A Porta Meia-Visível [The Half-Seen Door], no qual discutia estas ideias sobre outros mundos e descrevia como, depois de uma série de esforços, tinha entrado num deles.

Excerto de A Porta Meia-Visível, de Laurence Arne-Sayles

Assim que encontrares a porta, ela estará sempre contigo. Basta procurá-la e lá estará. Encontrá-la pela primeira vez é a grande dificuldade. Seguindo os ensinamentos de Addedomarus, o que acabei por concluir foi que era necessário purificar a própria visão para se poder ver a porta. Para o fazer, é preciso regressar ao local, à localização geográfica onde se acreditou pela última vez que o mundo era fluído, responsivo a si próprio. Em suma, é preciso regressar ao último lugar em que se tinha estado antes da mão de ferro da racionalidade moderna ter dominado a mente das pessoas.

Para mim, esse local era o jardim da casa onde cresci, em Lyme Regis. Infelizmente, em 1979, a casa já tinha passado por várias mãos. Os proprietários na altura (exemplo enfadonho da mediocridade prevalecente) foram insensíveis ao meu pedido para permanecer no jardim durante várias horas, realizando um Antigo

Ritual Celta. Não foi importante. Descobri, através de um leiteiro simpático, quando iam de férias, voltei nessa altura e «invadi-o».

No dia que entrei no jardim, estava frio, chuvoso e cinzento. Permaneci de pé no relvado, debaixo da chuva a cair, rodeado pelas rosas que a minha mãe tinha plantado (ainda que agora fossem obrigadas a partilhar o seu espaço com flores de uma vulgaridade insuportável). Por detrás da chuva, havia massas de cor – branco, damasco, rosa, dourado e vermelho.

Foquei-me na minha memória de ter sido uma criança naquele jardim, na última vez em que o mundo e a minha mente tinham estado desagrilhoados. Coloquei-me em frente às rosas, usando o meu macacão de lã azul. Apertei um soldadinho de metal na mão, com a tinta algo descascada.

Para minha surpresa, descobri que o ato de recordar era extremamente poderoso. A minha mente foi imediatamente libertada e a minha visão purificada. O longo e complicado ritual que tinha preparado tornou-se completamente desnecessário. Já não via ou sentia a chuva. Encontrava-me de pé na clara e forte luz solar da minha primeira infância. As cores das rosas eram sobrenaturalmente brilhantes.

À minha volta, começaram a surgir portas para outros mundos, mas eu sabia a que procurava, aquela por onde tudo o que foi esquecido flui. Os contornos dessa porta estavam desgastados e deteriorados pela passagem de ideias antigas a abandonar este mundo.

A porta era perfeitamente visível agora. Encontrava-se num espaço entre as Antoine Rivoire e as Coquette des Blanchés. Atravessei-a.

Encontrei-me numa vasta câmara com chão de pedra e paredes de mármore. Estava rodeado por oito estátuas enormes, cada uma

delas diferente das outras, representando um minotauro. Uma grande escadaria subia até grande altura e descia até uma profundidade igualmente desorientadora. Um estranho fragor – como o de um mar – inundou-me os ouvidos...

Mantenho a calma

TERCEIRA ENTRADA PARA O DÉCIMO NONO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

A descrição das teorias de Arne-Sayles presentes nos meus Diários corresponde bastante ao que o próprio Profeta disse. (Mais uma prova de que são uma e a mesma pessoa!) Estava contente por redescobrir o nome de Addedomarus e por ter a sua ortografia correta. Era o nome que o Outro invocava no seu ritual há meses atrás! Tenho a certeza de que o Outro tomou conhecimento de Addedomarus através de Laurence Arne-Sayles. («Todas as ideias dele são minhas», disse o Profeta.)

Há uma frase que me intriga: *O mundo estava constantemente em diálogo com o Homem Antigo*. Não percebo porque é que esta frase está no passado. O Mundo ainda fala comigo todos os dias.

Creio que me sinto melhor ao ler estas entradas do Diário do que antes. Mantenho-me calmo, mesmo quando confrontado com a linguagem mais obscura. Palavras e frases que pulsam com uma energia misteriosa – palavras como «Manchester» e «esquadra de polícia» – já não me perturbam. Pareço, quase inconscientemente, ter-me habituado a tratar estas entradas como se fossem os escritos de um oráculo ou de um vidente, alguém num estado alucinado ou inspirado que transmite conhecimento, embora de uma forma estranha e não propriamente fácil de processar.

Talvez estivesse num estado alterado de consciência quando as escrevi? Acho esta teoria convincente, mas deixa várias questões sem resposta. Que fiz eu para atingir este estado alterado? E porque é que, já que sempre pensei em Mim como cientista, terei iniciado esta prática em primeiro lugar?

Vai haver uma Grande Inundação

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Uma das minhas tarefas regulares é manter uma Tabela de Marés. Para o fazer, baseio-me nas minhas observações e num conjunto de equações que inventei. A cada poucos meses, faço os meus cálculos e asseguro-me de que não há Eventos Extraordinários nas semanas seguintes. Tenho andado tão ocupado recentemente que acabei por negligenciar esta tarefa. Esta manhã, sentei-me para Me dedicar a ela e, de imediato, descobri algo Altamente Preocupante – uma Conjunção de Quatro Marés em menos de uma semana!

Fiquei horrorizado ao perceber o quão perto tinha estado de perder por completo este acontecimento! Os meus últimos cálculos eram para um período de tempo que terminara há mais de duas semanas. Tinha negligenciado os meus deveres e tinha-Me posto e ao Outro em perigo de vida!

Na minha agitação, dei um salto e caminhei freneticamente para a frente e para trás no Salão. *Oh, merda! Merda! Merda! Merda! Merda!*, murmurei para Mim mesmo. *Merda! Merda! Merda! Merda!* Ao fim de um minuto ou dois andando inutilmente de um lado para o outro, falei Comigo mesmo com firmeza, dizendo-Me que não valia pena lamentar o Passado; o que era preciso agora era planear o Futuro.

Sentei-me de novo e dediquei-Me a fazer mais cálculos para perceber mais exatamente o que era provável que acontecesse. Dependendo da Força e do Volume das Águas – que eram difíceis de prever com exatidão –, entre quarenta e uma centena de Salões seriam inundados.

Felizmente, hoje era uma Sexta, um dos dias em que tenho as minhas reuniões regulares com o Outro. Cheguei ao Segundo Salão Sul-Occidental quase meia hora adiantado, tão ansioso estava para falar com ele.

No momento em que ele apareceu, disse-lhe:

– Tenho uma coisa para lhe contar.

Ele franziu o sobrolho e abriu a boca para reclamar; ele não gosta que eu lidere as reuniões, mas, desta vez, ignorei-o.

– Vai haver uma Grande Inundação! – anunciei. – Se não nos prepararmos adequadamente, existe um perigo muito real de sermos arrastados e nos afogarmos.

De imediato captei a sua atenção.

– Afogarmo-nos? Quando?

– Dentro de seis dias. Na Quinta-feira. A Inundação vai começar a subir aproximadamente meia hora antes do meio-dia. À Maré Alta dos Salões Orientais seguir-se-á...

– Quinta-feira? – E voltou a relaxar. – Oh, não faz mal. Não estarei cá na Quinta-feira.

– Vai estar onde? – perguntei, surpreso.

– Noutro lado – respondeu ele. – Não é importante. Não te preocupes com isso.

– Oh, estou a perceber – disse eu. – Bem, isso é bom. A Inundação centrar-se-á em torno de um ponto a 0,8 quilómetros para Noroeste do Primeiro Vestíbulo. É vital que esteja fora do Caminho das Águas.

– Eu fico bem – disse o Outro. – E tu? Ficas bem?

– Oh, sim – respondi. – Obrigado por perguntar. Vou para os Salões Meridionais.

– Isso é bom.

– Resta apenas a 16 – disse eu, sem pensar. – Tenho de... – Parei. – Quer dizer...

Comecei falar e parei de novo.

Houve uma pausa.

– O quê? – disse o Outro, bruscamente. – Do que é que falas? O que tem isto tudo a ver com a 16?

– Só quis dizer que a 16 não é natural destes Salões – respondi. – Ela não vai saber que a Grande Inundação está a chegar.

– Não, suponho que não. E depois?

– Não quero que ela se afogue – disse eu.

– Acredita em mim, Piranesi. Isso resolveria todo o tipo de problemas. Mas, de qualquer forma, não importa de uma maneira ou de outra. Não tens maneira de contactar a 16 e, portanto, não a podes avisar mesmo que queiras.

Fez-se silêncio.

– É assim, não é? – perguntou o Outro. – Não falaste com ela?

Lançou-me um olhar brusco e avaliador.

– Não falei.

– Nem agora, nem no passado?

– Nem agora, nem no passado.

– Bem, aí tens então. Aconteça o que acontecer, não é da tua responsabilidade. Se fosse a ti, não me preocupava com isso.

Outra pausa.

– Bem – disse o Outro, por fim. – Imagino que tenhas coisas para fazer.

– Muitas coisas para fazer.

– Preparares-te para esta inundação e por aí fora.

– Oh, sim.

– Bem, vou deixar-te então. – Virou-se e caminhou em direção ao Primeiro Vestíbulo.

– Adeus – gritei. – Adeus!

É O MATTHEW ROSE SORENSEN?

SEGUNDA ENTRADA PARA O VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

O meu plano de ação estava definido. Tinha de ir imediatamente ao Sexto Salão Norte-Occidental e escrever uma mensagem à 16, avisando-a da Inundação iminente!

Enquanto caminhava, pensei na última mensagem que lhe deixara – aquela em que lhe implorava que deixasse estes Salões. Talvez, no tempo que passara entretanto, me tivesse respondido. Talvez a sua resposta fosse algo do género:

Caro Piranesi

Tens razão. Hoje vou regressar aos meus próprios Salões.

Atenciosamente

16

Se fosse esse o caso, poderia deixar de me preocupar com o facto de ela se afogar na Inundação.

Mas, no fundo, desejei que ela não tivesse regressado aos seus próprios Salões. Por estranho que pareça, sabia que teria saudades se o tivesse feito. Além da 16, só existo Eu e o Outro no Mundo e (poderá surpreender-se ao ler isto) o Outro nem sempre é a melhor das companhias. Estava ansioso por ver se a 16 tinha escrito outra mensagem, ainda que não me atrevê-se a lê-la. Suponho que o meu desejo era que tivesse escrito algo como:

Caro Piranesi,

Depois de ler as tuas úteis e informativas mensagens, cheguei à conclusão de que, se ao menos eu desistisse da minha maldade, poderíamos ser amigos. Vamos encontrar-nos e falar. Prometo não te enlouquecer. Em troca, podes ensinar-me como não ser malvada?
Esperançosamente,

16

Cheguei ao Sexto Salão Norte-Occidental. As gralhas saudaram-me ruidosamente. No Pavimento, encontrei os fragmentos da última mensagem da 16 e a minha própria mensagem. Mas não havia nada de novo. A 16 não me tinha escrito. Fiquei desapontado, mas disse a Mim próprio que era o expectável; se continuasse a apagar as mensagens da 16 sem as ler, era pouco provável que ela continuasse a escrever.

Puxei do meu giz e ajoelhei-me. Por baixo da minha última mensagem, escrevi:

CARA 16,

DAQUI A SEIS DIAS, HAVERÁ UMA GRANDE INUNDAÇÃO NESTES SALÕES. TUDO FICARÁ DEBAIXO DE ÁGUA E A UMA PROFUNDIDADE MAIOR DO QUE A SUA ALTURA OU A MINHA.

DE ACORDO COM AS MINHAS PREVISÕES, A ZONA PERIGOSA IRÁ ESTENDER-SE TÃO LONGE QUANTO:

SEIS SALÕES A OESTE DAQUI

QUATRO SALÕES A NORTE DAQUI

CINCO SALÕES A ESTE DAQUI

SEIS SALÕES A SUL DAQUI

A INUNDAÇÃO VAI DURAR TRÊS A QUATRO HORAS, APÓS AS QUAIS COMEÇARÁ A BAIXAR.

POR FAVOR, AUSENTE-SE DESTES SALÕES NESTA ALTURA OU FICARÁ EM PERIGO. HAVERÁ CORRENTES FORTES. SE FOR APANHADA PELA INUNDAÇÃO, SUBA RAPIDAMENTE! AS ESTÁTUAS SÃO BONDOSAS E VÃO PROTEGÊ-LA.

PIRANESI

Analisei cuidadosamente a mensagem. Era o mais claro que conseguia escrever, à exceção de uma coisa. «Daqui a seis dias» só fazia sentido se a 16 soubesse em que dia eu tinha escrito a mensagem e como poderia ela saber?

Eu podia escrever a data de hoje, mas estaria de acordo com um calendário por mim criado e era pouco provável que a 16 tivesse inventado mesmo calendário que eu.

POSTSCRIPT: HOJE É O SEGUNDO DIA DA LUA NOVA. O DIA DA INUNDAÇÃO SERÁ O PRIMEIRO DIA DO QUARTO CRESCENTE.

Restava-me esperar que a 16 não tivesse deixado de visitar este Salão definitivamente e que visse este aviso.

Antes da chegada da Inundação, tenho de reunir todas as tigelas de plástico – as que uso para recolher Água Fresca – para que não sejam levadas pelas Águas. Sabia que havia duas não muito distantes do Sexto Salão Norte-Occidental, no Décimo Oitavo Salão Norte-Occidental, do outro lado do Vigésimo Quarto Vestíbulo. Pensei em ir buscá-las já que estava na Vizinhança.

Fui até ao Vigésimo Quarto Vestíbulo. Este Vestíbulo é notável pela sua margem baixa e inclinada de seixos de mármore branco, que bloqueia parcialmente a Boca da Escadaria que conduz aos Salões Inferiores. Os seixos foram aqui depositados ao longo do tempo pelas Marés. Possuem suaves formas arredondadas, muito agradáveis ao toque; são de um branco puro e têm uma bonita luminescência translúcida. Subi muitas vezes esta barragem para pescar e juntar conchas. Desloco sempre alguns seixos, mas nunca de forma a alterar o aspeto geral da barragem.

A primeira coisa que notei hoje foi que alguns seixos tinham sido removidos. Havia um buraco de lado na barragem que não existia antes. Fiquei surpreendido com isso. Quem poderia tê-lo feito? Já vi gralhas e corvos levarem pequenas pedras para abrirem conchas, mas as aves não movem um grande número de pedras sem razão.

Olhei à volta. Algo branco estava espalhado pelo Pavimento, no Canto Norte-Occidental do Vestíbulo.

Aproximei-me. Apercebi-me tarde demais que os seixos estavam dispostos em formas. Palavras! Palavras formadas pela 16! Antes que

tivesse tempo de afastar os olhos, tinha lido a mensagem inteira! Em letras com aproximadamente 25 centímetros de altura, dizia:

ÉS O MATTHEW ROSE SORENSEN?

Matthew Rose Sorensen. Um nome. Três palavras que compunham um nome.

Matthew Rose Sorensen...

Surgiu-me uma imagem à minha frente, como uma memória ou uma visão.

...Parecia estar num cruzamento de muitas ruas numa cidade. Chuva escura caía sobre mim de um céu negro. Luzes, luzes, luzes brilhavam por todo o lado! As luzes eram de muitas cores e todas espelhadas no alcatrão molhado. Erguiam-se edifícios por todos os lados. Passavam carros rapidamente. Palavras e imagens estavam inscritas nos edifícios. Formas negras enchiam as ruas; de início, pensei que eram estátuas, mas moviam-se e percebi que eram pessoas. Milhares e milhares de pessoas. Mais pessoas do que alguma vez imaginara. Demasiadas pessoas. A mente não podia conter o ideia de tantas. E tudo cheirava a chuva, metal e velho. Esta visão tinha um nome e o seu nome era ...

Mas, assim que a palavra surgiu à beira do pensamento consciente, desapareceu. E o mesmo aconteceu com a imagem. Estava novamente no Mundo Real.

Cambaleei e quase caí. Senti-me tonto, sedento e sem fôlego.

Olhei para cima para as Estátuas nas Paredes do Vestíbulo. «Preciso de água», disse-lhes roucamente. «Tragam-me um copo de água.»

Mas eram apenas Estátuas e não podiam trazer-me água. Só podiam olhar-me com uma Tranquilidade Nobre.

Eu sou...

TERCEIRA ENTRADA PARA O VIGÉSIMO-PRIMEIRO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

A 16 tinha encontrado maneira de cumprir o seu negro propósito e enlouquecer-me! Eu tinha apagado a sua última mensagem e qual foi o resultado? Ela construiu uma mensagem que eu não podia, de forma alguma, apagar sem a ler.

És o Matthew Rose Sorensen?

Eu sou... Gaguejei. Eu sou...

De início, não consegui ir mais além do que isto.

Eu sou... Eu sou o Filho Pródigo da Casa.

Sim.

Imediatamente me senti mais calmo. Seria precisa qualquer outra identidade? Eu achava que não. Fui acossado por outro pensamento.

Eu sou Piranesi.

Mas eu sabia que não acreditava muito nisso. Piranesi não é o meu nome. (Estou quase certo de que Piranesi não é o meu nome.)

Uma vez, perguntei ao Outro porque é que me chamava Piranesi.

Ele riu ligeiramente embaraçado. *Oh, isso (disse ele). Bem, originalmente era uma espécie de piada, acho. Tenho de te chamar alguma coisa. E assenta-te bem. É um nome associado com labirintos. Não te importas, pois não? Não te chamo mais, se não gostares.*

Não me importo, disse eu. E, como diz, tem de me chamar alguma coisa.

O Silêncio da Casa parece carregado de expectativa enquanto escrevo estas palavras. Parece estar à espera de que algo de extraordinário aconteça.

És o Matthew Rose Sorensen?

Como poderia alguma vez responder a esta questão se não faço ideia de quem é o Matthew Rose Sorensen? Talvez o melhor a fazer seja procurar o Matthew Rose Sorensen no Índice?

Dirigi-me ao Décimo Oitavo Salão Norte-Occidental e bebi uma grande dose de água. Era deliciosa e refrescante (tinha sido uma Nuvem apenas horas antes). Descansei um pouco. Depois, fiz o caminho para o Segundo Salão Setentrional onde fui buscar o meu Índice e os Diários.

És o Matthew Rose Sorensen?

O facto do Matthew Rose Sorensen ter três nomes tornava-o complicado de localizar no Índice. Procurei-o primeiro no S. Nada. Procurei-o no R. Havia três entradas.

Rose Sorensen, Matthew: publicações 2006-2010, Diário n.º 21, página 6

Rose Sorensen, Matthew: publicações 2011-12, Diário n.º 22, páginas 144-45

Rose Sorensen, Matthew: bio para Torn and Blinded, Diário n.º 22, página 200

A última entrada parecia mais prometedora.

Matthew Rose Sorensen é o filho inglês de um pai meio dinamarquês, meio escocês e de uma mãe ganesa. Originalmente, estudou Matemática, mas o seu interesse depressa migrou (via Filosofia da Matemática e da História das Ideias) para o seu campo de estudo atual: pensamento transgressivo. Está a escrever um livro sobre Laurence Arne-Sayles, um homem que transgrediu contra a ciência, contra a razão e contra a lei.

Acho interessante que Mathew Rose Sorensen acreditasse que Laurence Arne-Sayles tinha negado a Ciência e a Razão. Nisto, ele não tinha razão. O Profeta era um cientista e um amante da Razão. Falei alto para o Ar Vazio.

«Não concordo contigo», disse eu.

Eu estava a tentar convocar Matthew Rose Sorensen, para o enganar e levá-lo a revelar-se. Se ele fosse realmente uma parte esquecida de Mim mesmo, então não gostaria de ser contradito; ele defenderia a sua posição.

Mas não funcionou. Ele não se revelou, vindo de algum recanto obscuro da minha mente. Permaneceu um vazio, um silêncio, uma ausência.

Virei-me para as outras duas entradas.

A primeira era simplesmente uma lista.

«*"Now, here, now, always": J. B. Priestley's Time Plays*», Tempus, Volume 6:85-92

Embrace/Tolerate/Vilify/Destroy: How Academia treats Outsider Ideas, Manchester University Press, 2008

«*Sources of outsider mathematics: Srinivasa Ramanujan and the Goddess*», Intellectual History Quarterly, Volume 25:204-238, Manchester University Press

A segunda entrada era apenas mais do mesmo.

«*Timey-Wimey: Steven Moffat, Blink and J. W. Dunne's theories of Time*», Journal of Space, Time and Everything, Volume 64:42-68,

University of Minnesota Press
«*”The circles that you find in the windmills of your mind”*: *The Importance of Labyrinths in Laurence Arne-Sayles’s Exploitation of his Adherents*», *Review of Psychedelia and the Counterculture*,
Volume 35, número 4
«*The Gargoyle on the Cathedral Roof: Laurence Arne-Sayles and Academia*», *Intellectual History Quarterly*, *Volume 28: 119-152*,
Manchester University Press
Outsider Thinking: A Very Short Introduction, *OUP, pub. 31, maio 2012*
«*Time-travelling Architecture*»: *artigo sobre Paul Enoch e Bradford para o Guardian, 28 July 2012*

Expirei pelo nariz longamente, frustrado. Isto foi completamente inútil! Para além do facto de Matthew Rose Sorensen estar interessado em Laurence Arne-Sayles (o que de forma alguma o diferenciava de qualquer outra pessoa no Mundo), não aprendi nada. Senti uma vontade enorme de sacudir o meu Diário, como se pudesse de alguma forma retirar-lhe mais informação.

Sentei-me a pensar um bom bocado de tempo.

Havia uma pessoa que ainda não tinha procurado no Índice e essa pessoa era o Outro. Não me tinha lembrado até agora. Mas talvez se ler sobre o Outro e encontre Matthew Rose Sorensen lá mencionado, então... Fiz uma pausa. Então, o quê? Então, talvez seja capaz de descobrir se o Outro conhece Matthew Rose Sorensen, e, em última análise, se Matthew Rose Sorensen sou eu.

Não parecia haver nenhum mal em tentar. Na verdade, de todos os nomes do Mundo que posso procurar, o Outro parecia o mais seguro. Ele e eu somos amigos há anos. Abri o Índice no O. Conteí setenta e quatro entradas relativas ao Outro. Tinha escrito muito mais sobre o Outro do que sobre qualquer outro assunto. De facto, já tinha sido obrigado a realocar duas páginas da letra P para inserir todas elas.

Encontrei:

Outro, o, Rituais conduzidos pelo

Outro, o, discurso sobre o Grande Conhecimento Secreto

*Outro, o, empresta-me uma máquina para que possa tirar
fotografias dos Salões Submersos*

Outro, o, pede-me que lhe faça um mapa das Estrelas

*Outro, o, pede-me que desenhe um mapa dos Salões imediatamente à
volta do Primeiro Vestíbulo*

*Outro, o, propõe que as Estátuas formam uma espécie de código que
talvez possamos decifrar*

e continuava por aí adiante. Até que cheguei às entradas mais recentes:

*Outro, o, usa a palavra sem sentido «Batter-Sea» para testar a
minha memória*

Outro, o, oferece-me uns sapatos de presente

Li algumas entradas na diagonal. Li como o Outro tinha realizado vários rituais aos quais assisti. Li sobre quão inteligente o Outro era, quão científico, quão perspicaz e bonito. Li descrições detalhadas das suas roupas. Tudo isto tinha o seu interesse, mas de forma alguma me ajudava com o meu presente problema. Ao contrário do que aconteceu com as entradas sobre Stanley Ovenden, Maurizio Giussani, Sylvia D'Agostino e Laurence Arne-Sayles, nenhuma das entradas sobre o Outro era novidade para mim. Não continham palavras ou frases misteriosas que parecessem pulsar com significado oculto (palavras como «Whalley Range» e «consultório médico»). Todos os eventos eram os de que me lembrava claramente. E o nome Matthew Rose Sorensen não aparecia mencionado em lado nenhum.

Lembrei-me que o Profeta tinha chamado Ketterley ao Outro. Portanto, folhee até ao K.

Havia oito entradas. A primeira era na página 187 do Diário n.º 2 (anteriormente, Diário n.º 22).

*Dr. Valentine Andrew Ketterley. Nascido em 1955, em Barcelona.
Criado em Poole, Dorset. (Os Ketterley são uma família antiga de
Dorsetshire.) Filho do Coronel Ranulph Andrew Ketterley, soldado e
ocultista.*

Valentine Ketterley foi pupilo de Laurence Arne-Sayles e, depois disso, seu parceiro de investigação em Antropologia Social, em Manchester. Casou com Clémence Hubert, em 1985. Divorciou-se em 1991. Dois filhos. Em 1992, Ketterley abandona Manchester e aceita um lugar de professor na UCL. Em junho do mesmo ano, escreveu uma carta ao The Times em que repudiava publicamente Arne-Sayles, acusando-o de enganar e manipular deliberadamente os estudantes, alimentando-os com pseudomisticismo e de histórias de outros mundos. Ketterley apelou à Universidade de Manchester que dispensasse Arne-Sayles. (A Universidade não o fez até 1997, quando Arne-Sayles foi preso por sequestro).

Nos anos mais recentes, Ketterley tem recusado responder a qualquer questão sobre Arne-Sayles.

Questão: valerá a pena entrar em contacto com Ketterley para ver se fala comigo? Vive algures perto do Parque de Battersea.

Ponto de ação: fazer uma lista de questões para o Dr. Ketterley.

Estava de novo em terreno familiar. A entrada era a habitual confusão de palavras que tinham um significado claro e palavras cujo significado era obscuro – assumindo sempre que significavam alguma coisa. Reparei com interesse no reaparecimento da misteriosa palavra «Battersea» (e vi que não devia ser hifenizada).

Regressei ao Índice para localizar a próxima entrada e foi, então, que reparei em algo bastante estranho. As restantes entradas – havia sete – estavam todas em páginas consecutivas. As últimas dez páginas do Diário n.º 22 e as primeiras trinta e duas páginas do Diário n.º 23 eram todas sobre Ketterley.

Abri o Diário n.º 2 (anteriormente Diário n.º 22). As últimas dez páginas – exatamente as que eu queria – estavam em falta; restavam uns pedaços rasgados na lombada. Abri o Diário n.º 3 (anteriormente Diário n.º 23) e deparei-me com o mesmo cenário. As trinta e duas páginas com informação sobre o Ketterley tinham desaparecido.

Recostei-me, perplexo.

Quem poderia ter feito isto? Será que foi o Profeta? Sabia que ele detestava Ketterley. Talvez o seu ódio o levasse a destruir os escritos sobre o seu inimigo? Ou teria sido a 16? A 16 era inimiga da Razão. Talvez também odiasse a Escrita, o meio através de qual a Razão pode ser transmitida de uma Pessoa para outra. Mas isso não fazia sentido. A 16 tinha utilizado a Escrita para me deixar uma longa mensagem. E de qualquer forma, como poderiam o Profeta e a 16 encontrar os meus Diários? Estão guardados (como já expliquei) na minha bolsa de tiracolo, que está escondida por detrás da Estátua do Anjo preso numa Roseira, no Canto Norte-Oriental do Segundo Salão Setentrional. É uma Estátua entre milhares, entre milhões. Como saberia, qualquer um dos dois, onde procurar?

Deixei-me ficar sentado durante muito tempo e pensei. Não me lembrava de ter rasgado as páginas. Mas, efetivamente, quem o poderia ter feito? E sabia há algum tempo que muitas coisas tinham acontecido e eu não me lembrava. *Fiz* muitas coisas das quais não me lembro (tais como escrever estas misteriosas entradas). O que quer dizer que posso ter rasgado as páginas.

Mas se as rasguei, o que lhes aconteceu? Para onde terão ido?

Fui buscar os pedaços de papel que encontrei no Octogésimo Oitavo Salão Ocidental. Peguei nalguns e espalhei-os para os examinar. Um – um pedaço de um canto – tinha o número 231. Era o número de uma página do Diário n.º 2.

Rapidamente – quase febrilmente –, comecei a juntar os pedaços. Havia aproximadamente trinta entradas que cobriam o período que eu tinha designado de 15 de novembro de 2012 a 20 de dezembro de 2012. A entrada mais longa intitulava-se: *Os acontecimento de 15 de novembro de 2012*.

PARTE 5
VALENTINE KETTERLEY

Os acontecimentos de 15 de novembro de 2012

Visitei-o em meados de novembro. Pouco passava das quatro, num crepúsculo azul frio. A tarde tinha sido tempestuosa e as luzes dos carros eram pinceladas pela chuva; os pavimentos pareciam colagens de folhas negras molhadas.

Quando cheguei a casa dele, ouvi música a tocar. Um *requiem*. Esperei que me abrisse a porta, acompanhado pela música de Berlioz.

A porta abriu-se.

– Dr. Ketterley? – perguntei.

Teria entre cinquenta e sessenta anos, era alto e esguio. Um homem bonito. Tinha uma cabeça de aspeto ascético, com maçãs do rosto e testa altas. O cabelo e os olhos eram negros e a sua pele tinha um tom de azeitona. O seu cabelo estava a recuar, mas apenas um pouco, e tinha uma barba bem aparada, ligeiramente pontiaguda, com mais cinzentos do que o seu cabelo.

– Sim – respondeu. – E você é Matthew Rose Sorensen?

Assenti.

– Entre – disse ele.

Lembro-me que o cheiro da chuva que emanava das ruas não desapareceu quando entrei; em vez disso, de alguma maneira, ficou mais intenso. Dentro da casa havia um cheiro a chuva, nuvens e ar, um cheiro a espaço ilimitado. Um cheiro a mar.

O que não fazia sentido nenhum numa casa vitoriana geminada em Battersea.

Ketterley conduziu-me a uma sala de estar. Ouvia-se Berlioz. Baixou o volume um pouco, mas continuou a tocar como música de fundo da nossa conversa, a banda sonora da catástrofe.

Poisei a minha bolsa de tiracolo no chão. Ele trouxe café.

– É um académico, pelo que vejo – disse eu.

– Eu *fui* um académico – explicou ele, com um ligeiro cansaço. – Até há quinze anos. Agora, tenho um consultório privado de Psicologia. A Academia nunca me recebeu favoravelmente. Tinha o tipo errado de ideias e o género de amigos errado.

– Suponho que a ligação a Arne-Sayles não o tenha ajudado?

– É bem verdade. As pessoas ainda pensam que eu devia estar ao corrente dos seus crimes. Não estava.

– Ainda tem contacto com ele? – perguntei.

– Deus, não! Há mais de vinte anos. – E olhou para mim especulativamente. – *Você* falou com o Laurence?

– Não. Escrevi-lhe, claro. Mas, até agora, recusou encontrar-se comigo.

– Já era de esperar.

– Pensei que, talvez, ele não quisesse falar comigo por sentir vergonha do passado – disse eu.

Ketterley deu uma gargalhada curta, brusca e sem graça.

– Dificilmente. O Laurence não tem vergonha. É simplesmente perverso. Se alguém disser branco, ele dirá preto. Se dizes que o queres ver, então ele não te quererá ver. É assim que ele é.

Puxei a minha bolsa de tiracolo para o colo e tirei o meu diário. Além do meu diário atual, tinha trazido também o volume anterior do mesmo (e ao qual me remetia todos os dias); o índice dos meus diários; e um caderno de apontamentos vazio que iria ser o próximo volume do meu diário (estava muito perto de acabar o atual).

Abri o meu diário e comecei a escrever.

Ele observou-me interessado.

– Ainda usa papel e caneta?

– Utilizo um sistema de diário para todas as minhas notas. Penso que é a melhor maneira de organizar a informação.

– E é um bom arquivista? – perguntou ele. – Em geral?

– Sou um excelente arquivista. Em geral.

– Interessante – disse ele.

– Porquê? Quer oferecer-me trabalho? – perguntei.

Ketterley riu.

– Não sei. Talvez. – Fez uma pausa. – De que é que anda realmente à procura?

Expliquei-lhe que estava principalmente interessado em ideias transgressivas, nas pessoas que as formulam e em como são recebidas pelas várias disciplinas – religião, arte, literatura, ciência, matemática e por aí adiante.

– E Laurence Arne-Sayles é o pensador transgressivo *par excellence*. Ultrapassou tantos limites. Escreveu sobre magia e fingiu que era ciência. Convenceu um grupo de pessoas altamente inteligentes de que existiam

outros mundos e que os podia levar lá. Foi *gay* quando ainda era ilegal. Raptou um homem e, até ao dia de hoje, ninguém sabe porquê.

Ketterley não disse nada. A sua cara revelava um vazio desencorajador. Parecia mais aborrecido do que outra coisa.

– Percebo que tudo isto tenha acontecido há muito tempo – acrescentei, tentando criar empatia.

– Tenho uma memória excelente – replicou ele friamente.

– Oh. Bem, isso é bom. Nesta fase, estou a tentar imaginar como seria Manchester na primeira metade dos anos oitenta. Trabalhar com Arne-Sayles. Como era o ambiente. Que tipo de coisas lhe dizia. Que tipo de possibilidades invocava. Esse género de coisas.

– Sim – murmurou Ketterley, falando aparentemente consigo próprio –, as pessoas usam termos idênticos sobre o Laurence. *Invocava*.

– Opõe-se à palavra?

– Claro que me oponho à porcaria da palavra – disse ele, irritado. – Está a sugerir que o Laurence era uma espécie de ilusionista em palco e que nós éramos apenas os inocentes que acreditavam nas suas ilusões. Não era assim, de todo. Ele gostava que discutissem com ele. Gostava que usássemos um ponto de vista racional.

– E depois...?

– Depois, arrasava-nos. As suas teorias não eram apenas fumo e espelhos. Longe disso. Tinha pensado muito bem em tudo. Foi perfeitamente coerente até onde foi. E não tinha medo de combinar intelecto e imaginação. A sua descrição do pensamento do Homem Pré-Moderno era mais persuasiva do que tudo o que conheci. – Fez uma pausa. – Não estou a dizer que não era manipulador. Lá isso era.

– Mas pensei que tinha acabado de dizer que...?

– A nível pessoal. Nas suas relações, era manipulador. A nível intelectual, ele era honesto, mas a nível pessoal era manipulador como o raio. Veja a Sylvia, por exemplo.

– Sylvia D’Agostino?

– Uma rapariga estranha. Devota ao Laurence. Era filha única. Muito próxima dos pais, em especial do pai. Ela e o pai eram ambos poetas talentosos. Laurence pediu-lhe para fabricar uma discussão com os pais e cortar relações com eles. E ela fê-lo. Fê-lo porque Laurence a instruiu para o fazer e porque Laurence era o grande mago, o grande vidente que nos

iria guiar até à próxima Idade do Homem. Não tinha qualquer benefício em afastá-la da família dela. Fê-lo porque podia. Para a angustiar e aos seus pais. Fê-lo porque era cruel.

– Sylvia D’Agostina foi uma das pessoas que desapareceu – disse eu.

– Não sei nada sobre isso – respondeu Ketterley.

– Não creio que possa afirmar que ele era intelectualmente honesto. Ele afirmou ter estado noutros mundos. Disse que outros também lá estiveram. Isso não é propriamente ser honesto, pois não? – Pode ter havido uma ligeira arrogância na minha voz, que suponho que teria feito melhor em evitar, mas sempre gostei de argumentos vencedores.

Ketterley ficou carrancudo. Parecia debater-se com algo. Abriu a boca para dizer qualquer coisa, mudou de ideias, e depois:

– Não gosto muito de si – disse ele.

Ri-me.

– Posso viver com isso – respondi.

Houve um silêncio.

– Porquê um labirinto, sabe? – perguntei eu.

– O que quer dizer?

– Porque acha que ele descreveu o outro mundo, o que ele afirmou visitar mais frequentemente, como um labirinto?

Ketterley encolheu os ombros.

– Uma visão de grandeza cósmica, suponho eu. Um símbolo da glória combinada com o horror da existência. Ninguém sai com vida.

– *Okay* – disse eu. – Mas o que ainda não entendo é como o convenceu da sua existência. Quer dizer, do mundo-labirinto.

– Mandou-nos realizar um ritual que deveria levar-nos até lá. Havia aspetos do ritual que eram... evocativos, suponho. Sugestivos.

– Um ritual? A sério? Pensava que Arne-Sayles defendia que os rituais eram um disparate. Não disse qualquer coisa nesse sentido em *A Porta Meia-Visível*?

– É verdade. Afirmou que, pessoalmente, podia aceder ao mundo-labirinto ajustando o seu estado de espírito e regressando a um estado de bem-estar semelhante ao das crianças, a uma consciência pré-racional. Afirmou ser capaz de o fazer quando quisesse. Sem surpresa, a maioria de nós, os seus alunos, não chegámos absolutamente a lado nenhum com isto, por isso ele criou um ritual que devíamos seguir de modo a aceder ao

labirinto. Mas deixou claro que era uma concessão à nossa falta de capacidade.

– Entendo. A maioria de vocês?

– O quê?

Disse que a maioria de vocês não conseguia aceder ao labirinto sem o ritual. Parecia implicar que alguns conseguiam.

Breve silêncio.

– Sylvia. A Sylvia achava que lá conseguia chegar da mesma forma que o Laurence. Com esse regresso ao estado de bem-estar. Era uma rapariga estranha, como já referi. Uma poetisa. Vivia muito dentro da sua cabeça. Quem sabe o que ela pensa ter visto.

– E alguma vez o viu? O labirinto?

Ele pensou.

– Tive principalmente aquilo a poderá chamar insinuações, uma sensação de estar num espaço enorme, não apenas vasto mas imensamente alto também. E, isto é bastante difícil de admitir, mas sim, vi-o uma vez. Quer dizer, penso que o vi uma vez.

– E como é?

– Muito semelhante à descrição do Laurence. Uma espécie de série infinita de edificios clássicos, interligados entre si.

– E o que pensa que significava? – perguntei.

– Nada. Não acho que tivesse algum significado.

Breve silêncio. Então, Ketterley disse rapidamente:

– Alguém sabe que está aqui?

– Desculpe? – disse eu. Parecia uma pergunta estranha.

– Disse que a ligação a Laurence Arne-Sayles guiou a minha carreira no mundo académico. No entanto, aqui está você, um académico, a fazer perguntas sobre tudo isso, trazendo tudo à tona. Só me perguntei porque não está a ter mais cuidado. Não teme manchar a sua brilhante carreira?

– Penso que ninguém se vai incomodar com a minha abordagem – respondi. – O meu livro sobre Arne-Sayles faz parte de um projeto mais abrangente sobre pensamento transgressivo. Como penso já lhe ter explicado.

– Oh, entendo – disse ele. – Então, disse a muitas pessoas que vinha aqui hoje falar comigo? A todos os seus amigos.

Franzi o sobrolho.

– Não, não disse a ninguém. Não costumo dizer às pessoas o que ando a fazer. Mas não é por causa...

– Interessante – disse ele.

Olhámos um para o outro com uma espécie de antipatia mútua. Eu estava prestes a levantar-me e sair, quando, de repente, ele disse:

– Quer realmente entender o Laurence e a influência que teve sobre nós?

– Sim – disse. – Claro.

– Nesse caso, devíamos realizar o ritual.

– O ritual? – perguntei.

– Sim.

– Aquele que...

– Aquele que abre o caminho para o labirinto. Sim.

– O quê? Agora? – Fiquei um pouco surpreso com a sugestão. (Mas não tinha medo. Do que havia que ter medo?). – Ainda se lembra como proceder? – disse eu.

– Oh, sim. Como disse, tenho uma memória excelente.

– Oh, bem, Eu... Vai demorar muito? – perguntei. – Só porque tenho...

– Demora doze minutos – disse ele.

– Oh! Oh, *Okay*. Claro. Porque não? – respondi.

Levantei-me.

– Não tenho de tomar droga nenhuma, pois não? – perguntei. – Porque isso não é bem...

Voltou a rir-se de forma um pouco desdenhosa.

– Tomou uma chávena de café. Penso que deve chegar.

Ketterley baixou as persianas das janelas. Tirou uma vela do candelabro pousado sobre a lareira. O candelabro era de latão antigo, com uma base quadrada. Não condizia com o resto da decoração da casa, que era moderna, minimalista, europeia.

Pedi-me para ficar de pé na sala de estar, de frente para a porta que conduzia ao *hall* de entrada. Esta zona não tinha mobília.

Ele pegou na minha bolsa de tiracolo – com os meus diários, o meu índice e as minhas canetas – e colocou-a no meu ombro.

– Para que é isso?

– Vai precisar dos seus cadernos de apontamentos – disse ele. – Sabe como é. Quando chegar ao labirinto.

Tinha um estranho sentido de humor.

(Ao escrever isto, sinto uma espécie de terror descer sobre mim. Sei agora o que estava para vir. A minha mão treme e tenho de parar de escrever por um momento para tentar controlá-la. Mas na altura, não senti nada, nenhum pressentimento de perigo, nada.)

Ketterley acendeu a vela e colocou-a no chão do *hall*, logo a seguir à porta. O chão do *hall* era igual ao da sala de estar: um pavimento de madeira maciça, em carvalho. Reparei numa mancha onde ele colocou o castiçal, como se o carvalho ali tivesse sido repetidamente manchado com cera de vela e dentro da mancha escura houvesse um quadrado mais claro, no qual a base do castiçal encaixava perfeitamente.

– Tem de concentrar-se na vela.

Assim fiz.

Mas ao mesmo tempo, pensava no quadrado mais claro na mancha escura e como o candelabro lhe encaixava. E foi aí que percebi que ele estava a mentir. A vela tinha estado naquele preciso lugar muitas, muitas vezes e ele tinha realizado o ritual uma e outra vez. Ele ainda acreditava. Ainda pensava que podia atingir o outro mundo.

Eu não estava com medo, apenas incrédulo e divertido. E comecei a dar voltas à cabeça à procura de questões que lhe pudesse colocar depois do ritual, para expor a sua desonestidade.

Ele desligou as luzes da casa. Estava tudo às escuras, exceto a vela a arder no chão e a claridade laranja difusa das luzes da rua que entrava pelas persianas.

Colocou-se ligeiramente atrás de mim e disse-me para manter os olhos na vela. Depois, começou a entoar um cântico numa língua que eu nunca tinha ouvido. Supus, a partir das semelhanças com o galês e com o corno, que se tratava de bretão. Penso que se ainda não tivesse descoberto o seu segredo, tê-lo-ia adivinhado na altura. Ele cantava com convicção, com fervor, como se acreditasse absolutamente no que estava a fazer.

Ouvi o nome «Addedomarus» várias vezes.

– Feche os olhos agora – disse ele.

Fi-lo.

Mais cânticos. O meu divertimento por ter descoberto o seu segredo prolongou-se por algum tempo, mas depois comecei a ficar aborrecido.

Ele abandonou completamente a linguagem e parecia soltar uma espécie de rosnado animal que começava no seu estômago, incrivelmente baixo, e que aumentava, mais selvagem, mais alto, mais extraordinário.

Tudo mudou.

Era como se o mundo tivesse, de alguma forma, parado. Ele caiu em silêncio. O Berlioz foi cortado a meio do solo. As minhas pálpebras ainda estavam fechadas, mas percebi que a natureza da escuridão tinha mudado; era mais cinzenta, mais fresca. O ar era mais frio e muito mais húmido, como se tivéssemos sido lançados no meio do nevoeiro. Perguntei-me se algures uma porta teria sido aberta; mas isso não fazia sentido porque, ao mesmo tempo, o burburinho de Londres desapareceu. Havia um som de um vasto vazio e, à minha volta, ondas batiam nas paredes com um baque monótono. Abri os olhos.

As paredes de uma divisão imensa ergueram-se à minha volta. Estátuas de minotauros pairavam sobre mim, ensombrando o espaço com o seu volume, os seus chifres massivos penetrando o ar vazio, as suas expressões animais solenes, impenetráveis.

Voltei-me em absoluta incredulidade.

Ketterley estava em mangas de camisa. Estava completamente à vontade. Olhava para mim, sorrindo, como se eu fosse uma experiência que tivesse corrido surpreendentemente bem.

– Perdoe-me por não ter dito nada antes – e sorriu –, mas estou realmente encantado por te ver. Um homem jovem e saudável é exatamente o que eu queria.

– Pare com isto! – gritei-lhe.

Ele começou a rir.

E riu, e riu, e riu.

PARTE 6
ONDA

Estava enganado!

QUARTA ENTRADA PARA O VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Estava sentado de pernas cruzadas com o meu Diário no colo e os pedaços à minha frente. Virei-me ligeiramente para o lado, para não estragar nenhum deles, e vomitei no Pavimento. Estava a tremer.

Fui buscar um pouco de água para beber, e um trapo e mais água para limpar o vômito.

Estava enganado. O Outro não é meu amigo. Nunca foi meu amigo. Ele é meu inimigo.

Ainda estava a tremer. Tinha o copo de água na mão, mas não o conseguia segurar sem tremer.

Já tinha sabido, outrora, que o Outro é meu inimigo. Ou melhor, Matthew Rose Sorensen sabia-o. Mas quando me esqueci de Matthew Rose Sorensen, tinha-me esquecido também disto.

Tinha-me esquecido, mas o Outro lembrava-se. Percebo agora a apreensão dele para o caso de, um dia, eu me lembrar. Chamava-me Piranesi para não ter de usar o nome Matthew Rose Sorensen. Testou-me usando palavras como «Battersea» para ver se despertavam alguma memória. Tinha sido incorreto quando disse que Battersea era um disparate. Não era um disparate. Era uma palavra que significava algo para Matthew Rose Sorensen.

Mas porque era o Outro capaz de se lembrar e eu não?

Porque ele não ficava na Casa e regressava ao Outro Mundo.

As Revelações surgiram rápida e abundantemente. A minha cabeça parecia estremecer com o peso delas. Apertei a cabeça com as mãos e gemi.

Não devo ficar muito mais tempo, disse o Profeta, sei muito bem as consequências de permanecer tempo demais neste lugar: amnésia, colapso mental total, etcetera, etcetera. Tal como o Profeta, o Outro nunca se demorava. Nunca permitiu que os nossos encontros demorassem mais de uma hora e, no final, ia-se embora; e quando o fazia, estava a dirigir-se para o Outro Mundo.

Mas como poderia eu garantir que não me voltava a esquecer? Imaginei-me a esquecer e tornar-me amigo do Outro de novo, percorrendo a Casa tirando medidas, fotografando e recolhendo informação para ele,

enquanto ele se ria de mim o tempo todo! Não-não-não-não-não-não-não-não-não-não-não! Não conseguia suportar a ideia! Apertei a cabeça com as mãos, como se pudesse fisicamente impedir as memórias de escapar.

Vou aprender com a 16 e recolherei seixos de mármore dos Vestíbulos e formarei letras com eles. Vou escrever com letras de um metro de altura! *LEMBRA-TE! O OUTRO NÃO É TEU AMIGO! ELE ENGANOU MATTHEW ROSE SORENSEN AO TRAZÊ-LO PARA ESTE MUNDO PARA SEU BENEFÍCIO!* Se necessário, vou encher Salão a Salão com escritos enormes!

...Para seu benefício... Sim, sim! Essa era a razão principal. Foi por isso que ele trouxe Matthew Rose Sorensen para aqui. O Outro precisava de alguém – um escravo! – que vivesse nestes Salões e recolhesse informação sobre eles; ele próprio não se atreve a fazê-lo, caso a Casa o faça esquecer.

Cresceu dentro de mim uma raiva intensa e ardente.

Porquê, porque é que o avisei sobre a Inundação? Se ao menos tivesse sabido de tudo isto antes de saber da Inundação! Então, podia ter mantido o segredo. Podia ter esperado até chegar Quinta-feira, subido para um Sítio Alto, a salvo das Águas, e podia tê-lo visto Destruído. Sim! É isso que quero agora! Talvez ainda não seja tarde demais! Vou voltar a encontrar-me com o Outro. Vou sorrir e agir normalmente e vou enganá-lo como me enganou a mim. Vou dizer que me enganei com a Inundação. Que não vai haver Inundação. Que esteja cá na Quinta! Que esteja mesmo no centro destes Salões!

Mas claro, o Outro disse que não estará cá na Quinta. Nunca cá está às Quintas. Vai estar a salvo no Outro Mundo. Isso não importa! A raiva torna-me engenhoso! Na Terça, o Outro virá para se encontrar comigo – é o nosso dia habitual de reunião. Vou agarrá-lo e amarrá-lo com redes de pesca. Com estas mãos o farei! Tenho duas redes de pesca. São feitas de um polímero sintético e muito resistentes. Vou amarrá-lo às Estátuas no Segundo Salão Sul-Occidental. Por dois dias, ficará amarrado. Vai estar em sofrimento, sabendo que a Inundação está a chegar. Talvez lhe dê água para beber. Talvez não. Talvez lhe diga: «Em breve, vai ter Água em abundância!» E, na Quinta, ele verá as Marés entrar pelas Portas e vai gritar e gritar. E eu vou rir e rir. Vou rir tanto e tão alto como ele se riu de Matthew Rose Sorensen quando o trouxe para aqui...

Foi aqui que Me perdi.

Perdi-Me em longas e doentias fantasias de vingança. Não pensei em descansar. Não pensei em comer. Não pensei em beber água.

Passaram horas – não sei quantas. Fui vagueando, e uma vez e outra, na minha imaginação, O Outro morria na Inundação ou caía de uma grande Altura. E, por vezes, enfurecia-me com ele e culpava-o; e outras vezes ficava imperturbável e silencioso e ele implorava-me para lhe dizer a razão de me ter voltado contra ele, mas eu não dizia. E de todas as vezes, podia salvá-lo, mas nunca o fiz.

Estes pensamentos deixaram-me devastado. Não creio que me pudesse sentir mais exausto se tivesse realmente assassinado alguém uma centena de vezes. Doíam-me as pernas, doíam-me as costas, doía-me a cabeça. Os meus olhos e a minha garganta estavam doridos do choro e da gritaria.

Quando caiu a noite, regressei ao Terceiro Salão Setentrional. Cai na minha cama e dormi.

É a 16 que é minha amiga e não o Outro

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO SEGUNDO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, acordei esgotado dos excessos do dia anterior. Fui ao Nono Vestíbulo recolher algas e mexilhões para fazer um caldo para o meu pequeno-almoço. Sentia-me entorpecido e vazio, sem apetite para mais raiva. Contudo, e apesar deste vazio emocional, de vez em quando um soluço ou algum choro escapava dos meus lábios – um pequeno som de desolação.

Não acreditava que tinha sido eu a chorar. Fora, pensei eu, Matthew Rose Sorensen, que repousava num estado de inconsciência algures dentro de Mim.

Ele tinha sofrido. Tinha ficado sozinho com o seu inimigo. Tinha sido mais do que podia suportar. Talvez o Outro o tivesse ridicularizado. Matthew Rose Sorensen tinha rasgado em pedaços o relato da sua escravização, que tinha escrito no seu Diário, e tinha-os espalhado pelo Octogésimo Oitavo Salão Ocidental. Depois a Casa, na sua Misericórdia, fê-lo adormecer – o que fora de longe a melhor coisa para ele – e colocou-o dentro de mim.

Mas a visão do seu nome escrito em seixos no Vigésimo Quarto Vestíbulo tinha feito com que ele se agitasse inquietado, e a revelação do

que o Outro tinha feito só tinha piorado a situação. Preocupava-me que ele acordasse completamente e a sua angústia voltasse de novo.

Pus a mão no peito. *Shhh!*, disse eu. *Não tenhas medo. Estás seguro. Volta a dormir. Vou tratar de nós os dois.*

Pareceu-me que Matthew Rose Sorensen tinha voltado a adormecer.

Pensei em todas aquelas entradas do Diário que tinha lido – sobre Giussani, Ovenden, D’Agostino e sobre o pobre James Ritter. Pensei que estava louco quando as escrevi. Mas via agora que essa conclusão era incorreta. Não tinha sido eu a escrever as entradas; foi *ele* quem as escreveu. E mais, tinha-as escrito num Mundo diferente onde se aplicavam, sem dúvida, Regras, Circunstâncias e Condições diferentes. Tanto quanto sei, Matthew Rose Sorensen estava lúcido quando as escreveu. Nem ele nem eu alguma vez estivemos loucos.

Outra revelação se materializou: era o Outro quem me queria enlouquecer, e não a 16. O Outro tinha mentido quando disse que a 16 estava a tentar enlouquecer-me.

Fiz o meu caldo de algas e mexilhões e bebi-o. Era importante manter as minhas forças. Depois, voltei a pegar no meu Diário. Voltei à mensagem que a 16 tinha escrito e que eu tinha apagado, deixando apenas fragmentos da mesma.

É VALENTINE

KETTER(LEY)

(CE)RTAMENTE

PREPAROU OUTRAS POTENCIAIS VÍTIMAS E EU

UM DISCÍPULO DO OCULTISTA LAURENCE

ARNE-SAY(LES)

Percebi agora que toda esta passagem era sobre Ketterley. As vítimas que a 16 mencionava não eram as dela, mas (muito provavelmente) as de Ketterley. Teria ele enganado outros para que viessem a este Mundo? Ou seria Matthew Rose Sorensen a única vítima? A palavra «potenciais» sugeria que a 16 acreditava que eu era o único.

(PEN)SO QUE ELE SABE QUE ENTREI N(O)

Isto também era referente a Ketterley. A 16 dizia que Ketterley sabia que ela tinha chegado a estes Salões. (O que ele sabia porque eu lhe tinha dito. Interiormente, amaldiçoei a minha própria estupidez.)

Então, porque tinha vindo a 16?

Porque procurava Matthew Rose Sorensen. Porque queria salvá-lo da escravidão imposta pelo Outro. Via-o claramente agora. É a 16 que é minha amiga e não o Outro.

Vieram-me as lágrimas aos olhos com este pensamento. A minha única amiga e eu tinha-me escondido dela!

– Estou aqui! Estou aqui! – gritei para o Ar Vazio. – Volta! Não me vou esconder mais!

Podia tê-la encontrado tantas vezes. Podia ter falado com ela na noite em que se ajoelhou para me escrever no Sexto Salão Norte-Occidental. Podia ter esperado junto ao rasto do seu perfume no Primeiro Vestíbulo. Se calhar ela desistiu de procurar por mim! Talvez tenha ficado indignada quando percebeu como me escondi dela, como apaguei a sua mensagem.

Mas não. Ela formou aquela frase no Vigésimo Quarto Vestíbulo: *É O MATTHEW ROSE SORENSEN?* Deve ter levado muito tempo para organizar aqueles seixos. A 16 é paciente, resoluta e engenhosa. A 16 ainda andava à minha procura.

Por esta altura, talvez já tenha encontrado a minha mensagem, avisando-a da Inundação. Talvez tenha escrito algo em resposta. Lavei a minha tigela e a caçarola onde tinha feito a sopa; arrumei as minhas coisas; e parti para o Sexto Salão Norte-Occidental.

As gralhas fizeram um alarido enorme à minha chegada. *Sim, sim. Também estou feliz por vos ver, disse-lhes. Só que hoje tenho coisas para fazer e não posso ficar muito tempo na conversa.*

Não havia nenhuma mensagem nova da 16. Mas algo muito preocupante tinha acontecido. A minha mensagem a avisá-la da Inundação tinha desaparecido. Todas as nossas outras mensagens estavam lá, mas essa não. Fixei, perplexo, o Pavimento limpo. O que tinha acontecido? Sei que me tinha esquecido de muitas coisas; teria agora começado a lembrar-me de coisas que não tinham acontecido? Será que, de facto, não teria escrito essa mensagem de todo?

Passei do Sexto Salão Norte-Occidental para o Vigésimo Quarto Vestíbulo, onde a 16 tinha formado a mensagem: *É O MATTHEW ROSE SORENSEN?* Os seixos que formavam as palavras estavam espalhados por todo o Pavimento. As palavras estavam completamente destruídas.

O Outro. Foi o Outro quem fez isto. Tinha quase a certeza disso.

Voltei ao Sexto Salão Norte-Occidental e examinei o Pavimento cuidadosamente. Podia ver os vestígios de giz onde o meu aviso estava. O Outro tinha também apagado esta mensagem.

Porquê?

Tinha espalhado os seixos para evitar que eu descobrisse algo sobre Matthew Rose Sorensen: isso era evidente. Mas porque tinha apagado a mensagem para a 16? Na esperança de que andasse acidentalmente na Zona Perigosa e fosse eliminada pela Inundação? Não. O Outro não tem expectativas; ele planeia e executa. Ele queria que ela se afogasse e pretendia assegurar-se disso.

Três meses antes, quando o Outro me falou pela primeira vez da 16, disse-me que tinha falado com ela; mas quando lhe perguntei onde tinha acontecido essa conversa, ele foi evasivo e não me quis dizer. Isso foi porque aconteceu no Outro Mundo, cuja existência o Outro pretendia manter escondida de mim.

O Outro iria contactar a 16 no Outro Mundo e convencê-la a vir a estes Salões na Hora da Inundação. Talvez já o tenha feito. A 16 estava em perigo.

Ajoelhei-me e, rápida e eficientemente, restaurei a mensagem que o Outro tinha apagado. Se a 16 vier aqui entre agora e Quinta, verá a mensagem e receberá o aviso da Inundação. Ainda assim... Restam cinco dias entre hoje e Quinta. Suponhamos que ela não vem neste período? Parece-me perfeitamente possível; agora que sei que ela vem de outro lado qualquer (outro Mundo), parece-me que as suas visitas são irregulares e imprevisíveis. Existe o risco de ela não ver a mensagem e, portanto, estou algo ansioso por causa dela. Os meus pensamentos voltam constantemente a ela e à sua segurança, contudo não vejo outra forma de protegê-la.

Preparativos para a Inundação

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO SEXTO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Excetuando a Pessoa Oculta, todos os Mortos ficam no Caminho das Águas da Inundação. No Domingo, dei início à tarefa de os colocar em segurança.

Levei um cobertor e transferi todos os ossos do Homem da Caixa de Biscoitos para ele – todos exceto os que estavam no interior da caixa de biscoitos. Amarrei o cobertor com um fio de algas, transformando-o numa

espécie de saco, e levei-o para o Segundo Vestíbulo, subindo a Escadaria para os Salões Superiores. Aí chegado, esvaziei o cobertor e coloquei os ossos no Plinto da Estátua da Pastora com um Cordeiros nos Braços. Depois, fui buscar a caixa de biscoitos.

Repeti a ação com as Pessoas da Alcova e com a Criança Dobrada, levando-as pelas Escadas acima – aquela que estava mais perto do seus Lares habituais – e guardei-os cuidadosamente num dos Salões Superiores. Não depusitei o Homem da Pele de Peixe e mantive-o dentro do cobertor amarrado (ele tem tantos pedaços minúsculos que tive medo de perder alguns). Da mesma forma, deixei a Criança Dobrada aconchegada num cobertor, mas isso foi mais porque queria que ela se sentisse segura num lugar desconhecido. Levei praticamente três dias para completar a tarefa. Os ossos de cada Pessoa Morta pesavam entre 2,5 e 4,5 quilos e as Escadarias têm 25 metros de altura. No entanto, descobri que era bom fazer algum trabalho físico duro; evitava que estivesse continuamente obcecado com as maldades infligidas pelo Outro ou com os receios relativamente à 16.

Não me esqueci da cria do albatroz (agora uma ave enorme!). Fiz uma série de cálculos para perceber se o Quadragésimo Terceiro Vestíbulo seria afetado pela inundação e fiquei aliviado ao perceber que pouco mais haveria do que uma ligeira mancha de Água. Os albatrozes consideraram-me um amigo, mas acho que não me iam permitir transportar a cria deles pela Escadaria acima – e havendo alguma luta entre nós, eles certamente ganhariam!

Ontem foi Terça, o dia em que normalmente me reúno com o Outro. Não fui. Teria ele ficado desconfiado, perguntei-me? Ou terá simplesmente pensado que eu estava demasiado ocupado com os preparativos para a Inundação?

A Estátua do Anjo preso numa Roseira (atrás da qual guardava os meus Diários e o Índice) fica, aproximadamente, a cinco metros do Pavimento; altura suficiente para os manter a salvo da Inundação. Mas, tendo em conta que os meus Diários e o Índice valem quase tanto como a minha vida, coloquei-os todos na minha bolsa de tiracolo de couro castanho, embrulhei-a em plástico grosso e levei-a para os Salões Superiores, colocando-a ao lado do Homem da Caixa de Biscoitos. Arrumei todo o meu equipamento de pesca, sacos-cama, tigelas, panelas, colheres e as

minhas outras posses em Sítios Altos, fora do alcance da Inundação. A minha última tarefa foi reunir as tigelas de plástico restantes (as que uso para recolher Água Fresca).

Tinha acabado de recolher as últimas do Décimo Quarto Salão Ocidental e transportava-as de volta ao Terceiro Salão Setentrional. No caminho, passei pelo Primeiro Salão Setentrional. Este é o Salão que contém as Estátuas dos Gigantes Chifrudos, essas Figuras Enormes que emergem, lutando vigorosamente, com os Rostos contorcidos, das Paredes de ambos os lados da Porta Oriental.

Reparei em algo perto do Canto Norte-Oriental do Salão e fui ver o que era. Tratava-se de um saco feito de tecido cinzento e, pousados ao seu lado, estavam dois objetos feitos de lona preta. O saco tinha aproximadamente 80 centímetros de comprimento, 50 centímetros de largura e 40 centímetros de profundidade. Tinha duas pegadas de lona, também cinzentas. Peguei nele; era bastante pesado. Voltei a pousá-lo. Estava fechado com duas tiras de lona, que se mantinham fixas com fivelas de metal. Desapertei as fivelas e abri o saco. Retirei todo o seu conteúdo. Continha o seguinte:

- uma Arma
- um volume dobrado, feito de plástico grosso e pesado. Era de longe o maior objeto do saco; enchia a maior parte do saco e era azul, preto e cinzento.
- um pequeno recipiente cilíndrico com uma tampa de segurança. Continha outros pequenos objetos com propósito desconhecido.
- uma coisa parecida com uma fatia de um cilindro maior cortado na diagonal, com uma mangueira amarela pendurada
- duas varas de plástico preto extensíveis até um comprimento de aproximadamente dois metros
- 4 objetos pretos em forma de pás

Depois de examinar estes artigos por um minuto ou dois, percebi que os objetos em forma de pás podiam fixar-se nas extremidades das varas pretas. Desdobrei o volume; transformou-se numa forma longa e plana, aguçada em ambas as extremidades. Era um barco. A coisa parecida com uma fatia de um cilindro era um fole ou uma bomba de pé. Insuflava-se Ar para a forma plana e longa, que iria encher e tornar-se um barco com cerca de 4 metros de comprimento e 1 metro de largura.

Examinei os dois objetos de lona preta pousados ao lado do saco. Tinham uma série de correias penduradas. Percebi que deviam pertencer ao barco, mas além disso não fui capaz de descortinar a sua finalidade.

Porque teria aparecido subitamente um barco na Casa, na véspera da Inundação? Teria sido enviado pela Casa para me manter a salvo? Considerei esta tese. Tinha havido outras Inundações anteriormente mas nenhum barco tinha aparecido; também, ainda que possa imaginar que a Casa me tenha enviado um barco, não vejo em que circunstância me poderia enviar uma Arma. Não, a Arma identificava de quem era o saco; era do Outro.

Dobrei o barco e coloquei tudo muito direitinho de novo no saco. Exceto a Arma Peguei-lhe e segurei-a durante algum tempo, pensando. Podia levá-la e descer a Grande Escadaria do Primeiro Vestíbulo para os Salões Inferiores. Podia atirá-la às Marés.

Voltei a colocar a Arma no saco e fechei-o. Voltei ao Terceiro Salão Setentrional.

Onda

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO SÉTIMO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Hoje era o dia da Inundação. Acordei à hora habitual. Estava com os nervos à flor da pele e com o estômago apertado.

O dia estava frio e pude perceber pelo toque do Ar na minha pele que já chovia nos Vestíbulos.

Não tinha apetite, mas ainda assim aqueci um pouco de sopa e obriguei-me a engoli-la. Era importante manter o corpo bem nutrido. Lavei a minha panela e a tigela e arrumei as minhas últimas posses atrás das Estátuas Altas. Pus o meu relógio.

Era um quarto para as oito.

A minha tarefa mais importante era encontrar a 16 e assegurar a sua segurança. Mas qual seria a melhor maneira de o fazer, estava longe de ser óbvia. Tinha a certeza de que o Outro armara uma armadilha à 16. Provavelmente, teria prometido encontrar-se com ela num certo Salão, a determinada hora, para lhe dizer como encontrar Matthew Rose Sorensen. Isto significava que a melhor maneira de encontrar a 16 seria localizar o Outro, mas preferia não me aproximar do Outro se pudesse evitá-lo. Lembrei-me das palavras do Profeta:

Quanto mais perto a 16 se aproximar, mais perigoso o Ketterley se tornará.

A minha esperança era encontrar a 16 antes que ela chegasse ao Outro.

Fui ao Primeiro Vestíbulo. Permaneci debaixo da Chuva cinzenta e esperei, ansiando que ela aparecesse. Entre as nove e as dez horas, procurei nos Salões adjacentes. Nada. Às dez horas, voltei ao Primeiro Vestíbulo.

Às dez e meia, iniciei a caminhada entre o Primeiro Vestíbulo e o Sexto Salão Norte-Occidental; segui o Caminho mencionado nas instruções da 16. Percorri este Caminho seis vezes, mas não a encontrei. Comecei a ficar extremamente ansioso.

Regressei ao Primeiro Vestíbulo. Eram onze e meia. Dois Salões a Oeste e a Norte daqui, no Nono Vestíbulo, a primeira Maré já começava a subir a Escadaria mais Oriental. Uma delicada Película de Água já inundava os Pavimentos dos Salões circundantes.

Não havia alternativa. Tinha de procurar o Outro. Tinha acabado de me decidir quando ele me apareceu à frente. (Porque é que a 16 não podia fazer isso?) Atravessou decididamente o Primeiro Vestíbulo, de Oriente para Occidente. A sua cabeça encolhida enfrentava a chuva. As suas roupas eram totalmente diferentes do habitual: calças de ganga, uma camisola velha e sapatilhas e, por cima da camisola, um tipo estranho de arnês. *Colete salva-vidas*, pensei. (Ou talvez Matthew Rose Sorensen o tenha pensado dentro da minha cabeça.)

Ele não me viu. Passou para o Primeiro Salão Occidental. Segui-o silenciosamente e escondi-me num Nicho perto da Porta.

O Outro dirigiu-se imediatamente ao saco com o barco insuflável e começou a retirá-lo. Esperei, sempre à procura da 16. O foco da atenção do Outro era outro e talvez ainda houvesse tempo de a intercetar se entrasse no Salão.

Um pouco atrás do Outro, no Lado Occidental do Salão, pude ver o brilho da Luz no Pavimento: uma película de Água começava a entrar pelas Portas Norte-Occidentais. Vi as horas rapidamente. Cinco Salões a Sul e Oeste daqui, no Vigésimo Segundo Vestíbulo, outra Maré já estava a subir, trepando pela Escadaria.

O Outro desenrolou o barco. Ligou-lhe a sua pequena bomba e começou a bombear com o pé. O barco começou a encher de forma eficaz.

A Água enchia o Segundo e o Terceiro Salões Sul-Occidentais; conseguia ouvir o baque monótono das Ondas nas Paredes.

Foi então que me lembrei. A 16 era inteligente. Era pelo menos tão inteligente quanto eu, ou talvez ainda mais. Ela não sabia nada sobre a Inundação, mas não iria confiar no Outro. Ficaria à espera a ver, como eu faço, aguardando que Matthew Rose Sorensen apareça. Subitamente, tive uma imagem mental da 16 e de Mim próprio, escondidos no Primeiro Salão Occidental, ambos à espera que o outro chegasse. Não podia continuar escondido mais tempo. Desci do Nicho e caminhei na direção do Outro.

Viu-me e olhou-me com desconfiança à medida que me aproximava. Não parou de encher o seu barco. Cerca de dois metros à sua esquerda, estava o saco cinzento, agora vazio, e ao lado, no Pavimento, estava a Arma prateada.

– Onde raio é que te enfiaste? – disse num tom de voz reprovador e furioso. – Porque é que não apareceste na Terça-feira? Procurei-te por todo o lado. Não me consigo lembrar se disseste que iriam ser inundadas dez divisões ou cem.

O seu pé na bomba abrandava; o barco insuflável estava quase cheio de Ar e o seu pé encontrava mais resistência.

– Tive de mudar os meus planos. É chato, mas já está. A Raphael vem aí, e gostes ou não, vamos acabar com isto. Portanto, nada de disparates, está bem? Senão, juro, Piranesi, já estou a ficar farto de toda a gente.

– *Visitei-o em meados de Novembro* – disse eu. – *Pouco passava das quatro, num crepúsculo azul frio.*

Ele parou de bombear. O barco tinha agora uma forma inchada com a pele tensa e arredondada.

– A seguir, colocamos os bancos – disse ele. – São aquelas coisas pretas ali. Passas-mos, se faz favor? – E apontou para as duas engenhocas cujo objetivo eu não tinha percebido. – Quando a divisão inundar, tu eu enfiamo-nos neste caiaque. Se a Raphael tentar entrar connosco ou pendurar-se nele, usa o remo para lhe bater nas mãos e na cabeça.

– *A tarde tinha sido tempestuosa* – disse eu – *e as luzes dos carros eram pinceladas pela chuva; os pavimentos pareciam colagens de folhas negras molhadas.*

Ele estava a mexer nas válvulas por onde o Ar tinha entrado.

– O quê? – perguntou, irritado. – Do que é estás a falar? Podes despachar-te e passar-me esses bancos? Temos de nos mexer. Ela deve estar a chegar a qualquer momento.

– *Quando cheguei a casa dele, ouvi música tocar* – disse eu. – *Um requiem. Esperei que me abrisse a porta, acompanhado pela música de Berlioz.*

– Berlioz? – Ele parou o que estava a fazer, levantou-se e olhou-me diretamente pela primeira vez. Franziu o sobrolho. – Eu não... Berlioz?

Respondi:

– *A porta abriu-se. «Dr. Ketterley?», perguntei.*

Ele gelou ao ouvir o seu nome. Os seus olhos arregalaram-se.

– De que é que estás a falar? – perguntou de novo, com a voz rouca de medo.

– Battersea, – disse eu. – Uma vez, perguntou-me se me lembrava de Battersea. E agora lembro-me.

Bum!... Bum!... – A Maré do Vigésimo Segundo Vestíbulo tornava-se mais forte; batia nas Paredes do Segundo e do Terceiro Salões Sul-Occidentais com mais força.

– Viste a mensagem dela – disse ele.

– Sim – respondi.

Uma ligeira Ondulação de Água percorreu o Pavimento e bateu-me nos pés. Foi imediatamente seguida por outra.

Ele riu subitamente, num tom estranho; histeria disfarçada de alívio.

– Não, não! – disse ele. – Não me apanhas tão facilmente. Essas palavras não são tuas. São de outra pessoa qualquer. Não te lembras bem. A Raphael instruiu-te. A sério, Matthew, pensas que sou assim tão estúpido?

Ele mergulhou rapidamente para a direita, na direção da Arma pousada no Pavimento. Mas eu tinha escolhido a minha posição com cuidado e estava mais próximo dela do que ele. Dei-lhe um bom e forte pontapé com o pé. A arma deslizou pelo Pavimento de mármore e foi parar junto à Parede Setentrional, a cerca de quinze metros de distância. Mais Ondulações – mais altas agora – passavam-nos pelos pés. Fluíram em direção à Arma, como se estivéssemos todos a jogar um jogo e tivessem intenção de a apanhar.

– O que...? O que vais fazer? – perguntou o Outro.

– Onde está a 16? – perguntei eu.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas, nesse momento, ouviu-se uma voz. «Ketterley!», chamava ela. Uma voz de mulher. A 16 tinha chegado!

Pelo som, avaliei que estaria escondida numa das Portas Meridionais. O Outro, que não estava acostumado à maneira como o som se propagava nos Salões, olhou à sua volta, confuso.

– Ketterley – gritou ela de novo. – Vim buscar o Matthew Rose Sorensen.

Ele agarrou-me o braço direito.

– Está aqui! – gritou ele. – Tenho-o eu! Anda buscá-lo!

O Crescendo das Marés aumentava em força. O Salão inteiro reverberava com a sua Força. A Água fluía livremente por todas as Portas Meridionais.

– Tenha cuidado! – gritei eu. – Ele quer fazer-lhe mal. Tem uma Arma!

Uma pequena e discreta figura saiu da Porta que leva ao Primeiro Salão Meridional. Usava calças de ganga e uma camisola verde. O seu cabelo negro estava puxado para trás e preso num rabo-de-cavalo.

O Outro largou-me da sua mão direita (ainda que me mantivesse seguro com a esquerda). Depois, cerrou o seu punho direito e balançou o braço e o corpo para trás, pretendendo obter algum impulso para me atingir; mas balancei com ele, desequilibrando-o. Ele quase caiu ao Chão. Libertei-me e comecei a correr na direção da 16.

Enquanto corria, gritava:

– Vem aí uma Inundação! Temos de subir!

Não sei quantas das minhas palavras ela ouviu, mas percebeu a urgência na minha voz. Peguei na mão dela. Corremos juntos na direção da Parede Oriental.

As Estátuas dos Gigantes Chifrudos estavam na nossa frente, de ambos os lados da Porta Oriental, mas não podíamos escalá-las; os seus corpos emergiam da Parede dois metros acima do nível do Chão e não havia apoios para as mãos nem para os pés até esse ponto. A seguir ao Gigante da Esquerda, estava a Estátua do Pai sentado com o seu Filho pequeno nos Braços; o Pai retirava um espinho do Pé do Filho. Trepei ao Nicho deles e, depois, para o Plinto. Subi ao colo do Pai e, agarrando-me a uma das Colunas de lado, e usando o Braço, Ombro e Cabeça do Pai como suportes

para o pé, trepei para o topo do Frontão triangular acima do Nicho. A 16 tentou seguir-me, mas não era tão alta quanto eu e, suspeito, não estava habituada a escalar. Chegou ao colo da Estátua, mas parecia não saber o que fazer a seguir. Rapidamente, desci e puxei-a; com a minha ajuda, subiu até ao Frontão.

Era meio-dia. No Décimo e Vigésimo Quarto Vestíbulos, as duas últimas Marés estavam a subir, enchendo as áreas circundantes com Águas tempestuosas e enfurecidas.

Meio metro acima do Frontão, havia uma Cornija Saliente, ou Prateleira, que percorria todo o comprimento do Salão. Escalámos a inclinação do Frontão e subimos para a Cornija acima. Estávamos agora a cerca de sete metros acima do nível do Chão. A 16 estava pálida e a tremer (claramente não gostava de escalar), mas tinha uma expressão aguerrida e determinada.

O Ar foi subitamente tomado por sons violentos e explosivos – talvez quatro vezes –, um a seguir ao outro. Por um momento aterrador, pensei que o Peso e as Vibrações das Águas estariam a provocar o colapso do Salão. Espreitei para o Salão e vi que o Outro ainda não tinha entrado no barco (onde estaria seguro); em vez disso, tinha corrido para a Parede Setentrional para recuperar a sua Arma. Estava a disparar contra nós.

– Entre no barco! – gritei-lhe. – Entre no barco antes que seja tarde demais!

Ele disparou de novo, acertando na Estátua acima das nossas cabeças. Senti uma dor cortante na testa. Gritei. Passei a mão e retirei-a coberta de sangue.

O Outro começou a caminhar através das águas correntes na nossa direção – presumivelmente com o objetivo de disparar a sua Arma contra nós mais eficazmente.

Gritei-lhe de novo, algo no sentido de que as Marés estavam quase a chegar! – mas deu-se um Grande Ribombar das Águas de todas as direções e duvido que ele me tenha ouvido.

Se não estivesse alguém a disparar contra nós, poderíamos ter permanecido na Cornija. (E depois, se as Águas subissem mais do que o esperado, poderíamos ter trepado mais outra vez.) Mas, nesta situação, estávamos expostos, sem proteção. Sensivelmente um metro acima, as Costas e os Antebraços do Gigante Chifrudo emergiam da Parede. Havia

um espaço entre as suas Costas e a Parede, uma espécie de bolsa de mármore. Saltei; era uma distância de aproximadamente dois metros para o lado e um metro para baixo; consegui sem dificuldades. Olhei para cima, para a 16. Tinha os olhos esbugalhados em apreensão. Estendi-lhe os meus braços. Ela saltou. Eu apanhei-a.

Estávamos agora protegidos da Arma do Outro pelo Corpo do Gigante. Subi às suas Costas de mármore para espreitar por cima do seu Ombro.

O Outro tinha-se afastado de nós e tentava alcançar o barco. Mas fizera-o demasiado tarde. As Águas chegavam-lhe aos joelhos e as Ondas vigorosas arrastavam-no. Enquanto lutava, parecia tornar-se cada vez mais pesado; o barco, ao contrário, tornou-se mais leve, mais livre. Dançava nas Águas, rodando de uma Parte do Salão para outra; num momento, estava junto à Parede Setentrional, no seguinte estava a meio caminho da Parede Ocidental. O Outro ia mudando de direção para o seguir, mas assim que conseguia arduamente dar alguns passos, o barco já estava algures noutra lado completamente diferente.

De repente, foi como se o barco se lembrasse do propósito com que tinha sido trazido para aqui; parecia determinado em salvá-lo. Virou e navegou diretamente na direção dele. Ele esticou os braços e inclinou-se para a frente para o apanhar. Estava apenas a meio metro do seu alcance. Por momentos, pensei que tinha a sua mão na proa do barco; mas o barco deu a volta e desapareceu, arrastado para o Lado Ocidental do Salão.

– Suba! Suba! – gritei eu.

Era tarde demais para apanhar o barco, mas pensei que se ele conseguisse escalar, ainda se poderia salvar. Mas ele não me conseguia ouvir por cima do Som das Águas a entrar torrencialmente para o Salão. Continuou a vaguear desesperadamente, inutilmente, atrás do barco.

Ouviu-se um Grande Tumulto e um Grande Ribombar no Salão seguinte; uma Massa de Água embateu no outro lado da Parede Setentrional. *Bum!!!* Nessa altura, dei graças por termos subido até ao Gigante Chifrudo. Se tivéssemos ficado na Cornija, teríamos sido arrancados da Parede. Mas o Gigante Chifrudo segurou-nos.

Vapor tão alto quanto o teto explodiu através de todas as Portas Setentrionais. O vapor estendeu-se até ao Sol; era como se alguém, subitamente, tivesse atirado cem barris cheios de diamantes para o Salão.

Ondas Enormes surgiram pelas Portas Setentrionais. Uma arrastou o Outro e atirou-o contra a Parede Meridional. Foi projetado contra as Estátuas a cerca de quinze metros do Chão. Imagino que tenha sido nesta altura que morreu.

A Onda recuou; ele desapareceu nela.

Entretanto, o pequeno barco insuflável circulava pelas águas, às vezes engolidas por elas durante um momento ou dois, mas reaparecendo imediatamente. Se ao menos ele o tivesse alcançado, ter-se-ia salvo.

Raphael

SEGUNDA ENTRADA PARA O VIGÉSIMO SÉTIMO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Ondas embateram na Parede Meridional; explosões de Vapor branco encheram o Salão. As Águas cobriram o Nível Inferior das Estátuas; a cor das Águas era um cinza-tempestade e as suas Profundezas eram negras. Várias vezes as Ondas passaram acima das nossas cabeças, mas recuavam no instante seguinte. Ficávamos encharcados, ficávamos entorpecidos, ficávamos cegos, ficávamos surdos; mas éramos sempre salvos.

O tempo passou.

As Ondas acalmaram e as Águas tornaram-se pacíficas. Começaram a escoar pelas Escadarias e pelos Salões Inferiores. As cabeças do Nível Inferior das Estátuas reapareceram acima da Superfície das Águas.

Durante todo este tempo, a 16 e eu não falámos um com o outro. O Ribombar das Águas tornava impossível ouvirmo-nos e, em qualquer caso, tínhamos a intenção de nos salvarmos a nós próprios e um ao outro; não pensávamos em mais nada. Agora, virámo-nos e olhámos um para o outro.

A 16 tinha uns grandes olhos negros e uma cara élfica. Tinha uma expressão solene. Era um pouco mais velha do que eu – cerca de quarenta anos, pensei. O seu cabelo molhado era preto.

– É a Dez... É a Raphael – disse eu.

– Sou a Sara Raphael – disse ela. – E você é Matthew Rose Sorensen?

E você é Matthew Rose Sorensen. Desta vez afirmou-o, em vez de perguntar. Isto era certamente prematuro. Seria melhor manter a questão. Mas de outra forma, se tivesse feito a questão, eu não saberia como lhe responder.

– Ele conhece-a? – perguntei.

– Quem é que me conhece? – perguntou ela.

– Matthew Rose Sorensen. O Matthew Rose Sorensen conhece-a? É por isso que veio cá?

Ela fez uma pausa, absorvendo o que lhe tinha dito. Depois, disse cuidadosamente:

– Não. Você e eu nunca nos conhecemos.

– Então, porque veio?

– Sou agente da polícia – respondeu ela.

– Oh – disse eu.

Voltámos a ficar em silêncio. Ainda estávamos ambos atordoados com o que tinha acontecido. Os nossos olhos ainda estavam cheios de imagens das Águas Violentas; os nossos ouvidos ainda estavam cheios dos seus Sons; as nossas mentes ainda estavam preenchidas com o momento em que o Outro foi projetado pela Onda contra a Parede de Estátuas. Naquele momento, não tínhamos nada a dizer um ao outro.

Raphael voltou a sua atenção para questões práticas. Examinou o meu ferimento na testa e disse que não era muito profundo. Achava que eu não tinha sido atingido por uma das balas do Outro; muito provavelmente, teria sido apanhado de raspão por uma lasca de mármore.

O Nível das Águas continuou a descer. Quando já não ultrapassava o Plinto do Nível Inferior das Estátuas, comecei a pensar como desceríamos do Gigante Chifrudo. Não podíamos voltar da mesma forma, porque isso envolveria um salto para cima, para a Cornija. Não acho que Raphael fosse capaz. (Na verdade, não sei se eu mesmo seria capaz.)

– Vou descer e buscar alguma coisa para ajudá-la a descer – disse-lhe eu – Não fique ansiosa. Voltarei tão rápido quanto possível.

Desci do Torso do Gigante e deixei-me escorregar. As Águas chegavam à altura das minhas coxas. Fui até ao Terceiro Salão Setentrional e trepei pelas Estátuas até aos locais onde guardo os meus pertences. Estava tudo molhado do Vapor, mas nada estava encharcado. Peguei nas minhas redes de pesca, numa garrafa de Água Fresca e nalgumas algas secas. (É importante manter o corpo hidratado e nutrido.)

Regressei ao Primeiro Salão Ocidental. As Águas já tinham descido um pouco mais e só me chegavam aos joelhos. Voltei a escalar até ao Gigante Chifrudo. Dei a Raphael um pouco de água e fi-la comer um pouco das algas secas (ainda que ache que ela não gostou). Depois, atei as minhas

redes de pesca umas às outras e atei-as a um dos Braços do Gigante. Ficaram penduradas até um ponto cerca de meio metro acima do Pavimento. Mostrei a Raphael como usar as redes de pesca para descer.

Fomos até ao Primeiro Vestíbulo e subimos a Grande Escadaria para ficarmos fora do alcance das Águas. Sentámo-nos. As nossas roupas estavam encharcadas e coladas aos corpos. O meu cabelo – que é escuro e encaracolado – estava cheio de gotas de água como uma Nuvem. Eu chovia cada vez que me mexia.

As aves encontraram-nos aqui. Muitas espécies diferentes – gaivotas, gralhas, melros e pardais – reuniram-se nas Estátuas e Corrimões e tagarelaram comigo com as suas diferentes vozes.

– Vai passar em breve – disse-lhes eu. – Não se preocupem.

– O quê? – perguntou Raphael, alarmada. – Não entendo.

– Estava a falar com as aves – disse eu. – Estão assustadas com as grandes quantidades de Água por todo o lado. Estou a dizer-lhes que, em breve, desaparecerá.

– Oh! – disse ela. – Fala... Fala muitas vezes com as aves?

– Sim – respondi. – Mas não precisa de ficar surpreendida. Também falou com as aves. No Sexto Salão Norte-Occidental. Eu ouvia-a.

Ela pareceu ainda mais surpreendida com isto.

– O que disse eu? – perguntou.

– Disse-lhes para desaparecerem. Estava a escrever-me uma mensagem e eles estavam a incomodar, voando à frente da sua cara e sobre o que escrevia, tentando descobrir o que estava a fazer.

Ela pensou por um momento.

– Foi essa a mensagem que apagou? – perguntou ela.

– Sim.

– Porque fez isso?

– Porque o Out... Porque o Dr. Ketterley me disse que era minha inimiga e que ler o que tinha escrito me faria enlouquecer. Então, apaguei a mensagem. Mas, ao mesmo tempo, queria lê-la, e, portanto, não a apaguei completamente. Não estava a ser muito racional.

– Ele fez-lhe a vida negra.

– Sim, suponho que sim.

Houve um silêncio.

– Estamos ambos molhados e com frio – disse Raphael. – Talvez devamos ir embora?

– Embora para onde? – disse eu.

– Para casa – disse Raphael. – Quer dizer, podemos ir para minha casa e secar-nos. E, depois, pode ir para sua casa.

– Eu estou em casa – respondi.

Raphael olhou à sua volta, para as Águas cinzentas e sombrias lapidando as Paredes e para as Estátuas a pingar. Não disse nada.

– Normalmente, é bem mais seco do que isto – disse eu rapidamente para o caso de ela estar a pensar que a minha Casa era inóspita e húmida.

Mas não era nisso que ela pensava.

– Tenho de lhe dizer uma coisa – disse ela. – Não sei se se recorda, mas tem uma mãe e um pai. E duas irmãs. E amigos. – Olhou-me atentamente.

– Lembra-se?

Abanei a cabeça.

– Eles têm andado à sua procura – disse ela. – Mas não sabem exatamente onde procurar. Têm estado preocupado consigo. Têm... – Voltou a desviar o olhar para encontrar as palavras certas para expressar o seu raciocínio. – Têm estado a sofrer porque não sabiam onde estava – informou ela.

Pensei nisto.

– Lamento que a mãe, o pai, as irmãs e os amigos de Matthew Rose Sorensen sofram – disse eu. – Mas não vejo o que isso possa ter a ver comigo.

– Não se vê como Matthew Rose Sorensen?

– Não – disse eu.

– Mas tem a cara dele – disse ela.

– Sim.

– E as suas mãos.

– Sim.

– E os seus pés e o seu corpo.

– Tudo isso é verdade. Mas não tenho nem a mente nem as memórias dele. Não quer dizer que ele não esteja aqui. Ele está cá. – Toquei no meu peito. – Mas acho que está a dormir. Ele está bem. Não precisa de se preocupar com ele.

Ela assentiu com a cabeça. Não era uma pessoa conflituosa como o Outro tinha sido; não discutia e contradizia tudo o que eu dizia. Gostava disso nela.

– Quem é então? – perguntou ela. – Se não é ele.

– Sou o Filho Pródigo da Casa – disse eu.

– A casa? O que é a casa?

Que pergunta tão estranha! Abri os braços para indicar o Primeiro Vestíbulo, os Salões para lá do Primeiro Vestíbulo. Tudo.

– Isto é a Casa. Veja!

– Oh. Já percebi.

Ficámos um pouco em silêncio.

Então, Raphael disse:

– Preciso de lhe perguntar uma coisa. Estaria disposto a vir comigo e encontrar-se com os pais e irmãs de Matthew Rose Sorensen... para que vejam a cara dele de novo? Ajudá-los-ia muito saber que ele está vivo. Mesmo que tivesse de vir embora outra vez; quer dizer, mesmo que tivesse de regressar aqui, ajudá-los-ia. O que acha disso?

– Não posso fazê-lo agora.

– *Okay.*

– Tenho de pensar nas necessidades do Homem da Caixa de Biscoitos, e da Criança Dobrada, e das Pessoas da Alcova. Só me têm a mim para cuidar deles. Estão num ambiente desconhecido e podem sentir-se confusos. Tenho de os devolver aos seus lugares designados.

– Há outras pessoas aqui? – perguntou Raphael, surpreendida.

– Sim.

– Quantas?

– Treze. Os que referi e também a Pessoa Oculta. Mas a Pessoa Oculta mora num dos Salões Superiores e não foi afetada pela Inundação, portanto não houve necessidade de o, ou de a, mudar.

– Treze pessoas! – Os olhos negros de Raphael estavam esbugalhados de espanto. – Meus Deus! Estão todos bem?

– Sim, – disse eu. – Estão bem. Eu trato bem deles.

– Mas quem são? Pode levar-me até eles? Stanley Ovenden está aqui? Então, e Sylvia D'Agostino? Maurizio Giussani?

– Oh, é muito provável que um deles seja Stanley Ovenden. Certamente o Prof... Certamente Laurence Arne-Sayles achava que sim.

Outra deve ser Sylvia D'Agostino e outro Maurizio Giussani. Lamentavelmente, não faço ideia de quem é quem.

– O que quer dizer? Esqueceram-se de quem são? O que dizem eles?

– Oh, na verdade, não dizem muito. Estão todos mortos.

– Mortos!

– Sim.

– Oh! – Raphael levou um momento a processar tudo isto. – Estavam mortos quando aqui chegou? – perguntou ela.

– Eu... – Fiz uma pausa. Era uma pergunta interessante. Nunca tinha pensado nisso. – Acho que sim – respondeu. – Penso que já estavam todos mortos há muito tempo, mas como não me lembro quando cheguei, não posso ter a certeza. Chegar foi algo que aconteceu a Matthew Rose Sorensen, mas não a mim.

– Sim, suponho que seja isso mesmo. Mas o que quer dizer com tomar contar deles?

– Asseguro-me de que estão em boas condições. Tão completos e ordenados quanto possível. Levo-lhes oferendas de comida, bebida e nenúfares. E falo com eles. Não tem Mortos seus nos seus Salões?

– Sim. Tenho.

– Não lhes leva oferendas? Não fala com eles?

Antes que Raphael pudesse responder, ocorreu-me outro pensamento.

– Disse que havia treze Mortos, mas isso não é correto. O Dr. Ketterley juntou-se-lhes. Tenho de encontrar o seu corpo e prepará-lo para repousar junto dos outros. – Bati as palmas das mãos. – Portanto, como vê, tenho muitas tarefas para fazer e não posso, neste momento, pensar em sair destes Salões.

Raphael assentiu lentamente.

– Não faz mal – disse ela. – Temos muito tempo.

Ela estendeu a sua mão e, de forma um pouco constrangedora – mas gentil –, pousou a mão no meu ombro.

Instantaneamente, e para grande embaraço meu, comecei a chorar. Grandes soluços estridentes soltaram-se do meu peito e as lágrimas brotaram dos meus olhos. Acho que não era eu a chorar; era Matthew Rose Sorensen a chorar pelos meus olhos. O choro durou muito tempo até ficar reduzido a sonoros soluços no Ar.

Raphael ainda tinha a sua mão no meu ombro. Desviou o olhar por gentileza, enquanto eu limpava os meus olhos e o meu nariz com a palma da mão.

– Vai voltar cá? – disse eu. – Mesmo que não vá consigo agora, vai voltar cá?

– Volto amanhã – disse ela. – Mas bastante tarde, ao final da noite. Está bem? Como nos encontraremos?

– Espero por si aqui – disse eu. – Não importa quão tarde seja. Esperarei até que chegue.

– E vai pensar no que lhe disse? Acerca de vir visitar os seus... visitar os pais e irmãs de Matthew Rose Sorensen?

Sim – disse. – Vou pensar nisso.

Raphael partiu, desaparecendo no Espaço Ensombrado entre os dois Minotauros no Canto Sul-Oriental do Vestíbulo.

O meu relógio tinha parado, mas estimei que devia ser início de noite. Estava sozinho, exausto, faminto e molhado. Regressei ao Terceiro Salão Setentrional. A Água ainda tinha meio metro de profundidade. Subi e verifiquei as algas secas que uso para acender fogueiras. Infelizmente, tinham ficado completamente encharcadas pelas Grandes Ondas. Não consegui acender uma fogueira. Não pude cozinhar nada.

Fui buscar o meu saco-cama – também húmido – e levei-o para o Primeiro Vestíbulo. Deitei-me num Degrau Elevado e Seco da Grande Escadaria.

O meu último pensamento antes de adormecer foi: *Ele está morto. O meu único amigo. O meu único inimigo.*

Conforto o Dr. Ketterley

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO OITAVO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Encontrei o corpo do Dr. Ketterley a um Canto da Escadaria, no Oitavo Vestíbulo. Tinha sido atirado contra as Paredes e as Estátuas. As suas roupas estavam em farrapos. Desembaracei-o da Balaustrada, deitei-o direito e compus os seus membros. Pousei a sua pobre cabeça partida no meu colo e embalei-a.

– A sua boa aparência foi-se – disse-lhe. – Mas não tem com que se preocupar. Esta desagradável condição é apenas temporária. Não fique triste. Não tema. Vou colocá-lo algures onde os peixes e os pássaros

possam arrancar-lhe toda essa carne desfeita. Em breve, desaparecerá. Então, tornar-se-á um belo crânio e uns belos ossos. Vou pô-lo em boas condições e poderá descansar à Luz do Sol e à Luz das Estrelas. As Estátuas vão contemplá-lo, abençoando-o. Desculpe por me ter zangado consigo. Perdoe-me.

Não encontrei a Arma – as Marés devem tê-la levado para as suas profundezas; mas mais tarde nessa manhã, encontrei o barco do Dr. Ketterley, ainda a boiar nas Águas do Primeiro Salão Ocidental, que não passavam agora do tornozelo. Estava em bastante bom estado.

– Gostava que o tivesses salvo – disse-lhe.

Não senti que me tivesse respondido de alguma forma. Parecia sonolento, adormecido, apenas meio vivo. Sem as Águas Correntes que o animassem, deixou de ser o demónio que tinha dançado nas Ondas, primeiro escarnecendo do Dr. Ketterley e, depois, abandonando-o.

Tenho pensado no que Raphael disse acerca da mãe, do pai, das irmãs e dos amigos de Matthew Rose Sorensen. Talvez lhes deva enviar uma mensagem, explicando que Matthew Rose Sorensen vive agora dentro de mim, que está inconsciente mas em segurança, e que eu sou uma pessoa forte e engenhosa que cuida dele assiduamente, exatamente da mesma forma que cuido de qualquer um dos outros Mortos.

Tenho de perguntar a Raphael o que pensa desta ideia.

Quando as Sombras caíram no Primeiro Vestíbulo, Raphael regressou
SEGUNDA ENTRADA PARA O VIGÉSIMO OITAVO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM
QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Quando as Sombras caíram no Primeiro Vestíbulo, Raphael regressou. Sentámo-nos num Degrau da Grande Escadaria, tal como antes. Raphael tinha um pequeno aparelho luminoso como o que o Outro tinha. Tocou-lhe e aquilo gerou um feixe de luz branca-amarelada para iluminar as Estátuas e os nossos rostos.

Contei a Raphael o meu plano de escrever à mãe e ao pai, às duas irmãs e aos amigos de Matthew Rose Sorensen, mas, por algum motivo, ela não achou que fosse uma boa ideia.

– Como devo chamar-lhe? – perguntou ela.

– Chamar-me? – disse eu.

– O seu nome. Se não é Matthew Rose Sorensen, então o que devo chamar-lhe?

– Ah, estou a ver. Penso que me pode chamar Pir... – Interrompi. – O Dr. Ketterley costumava chamar-me Piranesi, – disse eu. – Dizia que era um nome que tinha a ver com labirintos, mas acho que era mesmo só para gozar comigo.

– Provavelmente – concordou Raphael. – Ele era esse tipo de pessoa.

Houve um breve silêncio e, depois, ela disse:

– Gostava de saber como o encontrei?

– Mesmo muito – respondi.

– Havia uma mulher. Suponho que não se lembrará dela. O seu nome era Angharad Scott. Ela escreveu um livro sobre Laurence Arne-Sayles. Há seis anos, contactou-a. Disse-lhe que estava a pensar escrever um livro sobre Arne-Sayles e os dois tiveram uma longa conversa. Depois, ela nunca mais ouviu falar de si. Em maio deste ano, ela telefonou para a faculdade, em Londres, onde trabalhava, porque queria saber o que tinha acontecido com o livro; se ainda o estaria a escrever. Da faculdade disseram-lhe que tinha faltado; que tinha faltado bastante desde a altura em que ela tinha falado consigo pela primeira vez. Isso fez disparar todo o tipo de sinais de alarme para a Sr.^a Scott, porque ela sabia das pessoas que tinham desaparecido em redor de Arne-Sayles. O senhor foi a quarta; a quinta, se contarmos com Jimmy Ritter. Portanto, ela contactou-nos. Foi a primeira vez que nós, refiro-me à polícia, soubemos que havia uma ligação entre si e Arne-Sayles. Quando falámos com as pessoas que restavam do círculo de Arne-Sayles (Bannerman, Hughes, Ketterley e o próprio Arne-Sayles), era óbvio que algo se passava. Tali Hughes não parava de chorar e dizer que lamentava. Arne-Sayles ficou empolgado com a atenção e Ketterley não conseguia abrir a boca sem mentir. – Fez uma pausa. – Percebe alguma coisa do que estou a dizer?

– Um pouco – disse eu. – Matthew Rose Sorensen escreveu sobre todas essas pessoas. Sei que estão relacionadas com o Profe... com Laurence Arne-Sayles. Ele disse-lhe onde eu estava? Ele disse que o faria.

– Quem?

– Laurence Arne-Sayles.

Raphael demorou um momento a processar isto.

– Falou com ele?

– Sim.

– Ele *veio* aqui?

– Sim.

– Quando?

– Há uns dois meses atrás.

– E ele não se ofereceu para o ajudar? Não se ofereceu para o levar daqui para fora?

– Não. Mas, para ser justo, se ele se tivesse oferecido, eu não teria aceitado ir. Na verdade, ainda não estou certo de querer ir.

Uma coruja branca planou do Primeiro Salão Oriental para o Primeiro Vestíbulo. Instalou-se numa Estátua no alto da Parede Meridional, onde ficou a brilhar palidamente na Penumbra. Já tinha visto corujas retratadas em mármore. Muitas Estátuas as incorporam. Mas nunca tinha visto um espécime vivo até agora. A sua aparição estava, tenho a certeza, ligada à vinda de Raphael e à partida do Dr. Ketterley; era como se uma premissa de Morte tivesse sido substituída por uma premissa de Vida. As coisas, pensava eu, estavam a acelerar.

Raphael não se tinha apercebido da coruja e disse:

– Tem razão. Arne-Sayles contou-nos a verdade de imediato. Ele disse-nos que estava no labirinto. Mas claro... Bem, pensámos que só nos queria atrapalhar. O que era verdade. *Estava* apenas a tentar atrasar-nos. Os meus colegas alinharam um pouco, mas, por fim, acabaram por desistir dele. Eu pensei de maneira diferente. Pensei: ele gosta de falar. Deixá-lo falar. Eventualmente, dirá algo útil.

Ela tocou no seu pequeno aparelho luminoso. Ouvia-se a voz ativa e arrastada de Laurence Arne-Sayles: *«Vocês pensam que toda a minha conversa acerca de outros mundos é irrelevante. Mas não é. É absolutamente essencial. Matthew Rose Sorensen tentou aceder a outro mundo. Se não o tivesse feito, não teria “desaparecido”, como lhe chamam.»*

A voz de Raphael respondeu-lhe: *«Algo relacionado com essa tentativa provocou o seu desaparecimento?»*

«Sim.» Laurence Arne-Sayles de novo.

«Algo lhe aconteceu durante esse... esse ritual, ou lá o que era? Porquê? Onde decorrem esses rituais?»

«Quer saber se os realizamos à beira de um precipício e se ele simplesmente caiu? Não, nada disso. Além disso, não tem necessariamente de ter sido um ritual. Pessoalmente, nem os pratico.»

«Mas porque faria ele isso?», perguntou Raphael. «Porque realizaria ele o ritual ou o que quer que seja? Não há nada nos seus escritos que sugira que ele acreditava nas suas teorias. Bem pelo contrário, na verdade.»

«Oh, crença», disse Arne-Sayles, dando uma ênfase profunda e sarcástica à palavra. «Porque as pessoas acham sempre que é uma questão de crença? Não é. As pessoas podem “acreditar” no que quiserem. Estou-me nas tintas para isso, na verdade.»

«Sim, mas se ele não acreditava, porque é que se dignou sequer a tentar?»

«Porque tinha, pelo menos, dois dedos de testa e reconheceu que eu possuía um dos maiores intelectos do século vinte – talvez o maior de todos. E queria compreender-me. Portanto, tentou aceder a outro mundo, não porque acreditasse na sua existência, mas porque pensava que a tentativa em si lhe garantiria acesso ao meu pensamento. A mim. E agora você vai fazer o mesmo.»

«Eu?» Raphael pareceu surpresa.

«Sim. E vai fazê-lo exatamente pela mesma razão que levou Rose Sorensen a fazê-lo. Ele pretendia compreender o meu pensamento. E você pretende saber porquê. Ajuste as suas percepções da maneira que lhe vou descrever. Faça o que lhe vou dizer e depois saberá.»

«Saberei o quê, Laurence?»

«Saberá o que aconteceu a Matthew Rose Sorensen.»

«É assim tão simples?»

«Oh, sim. É tão simples como isso.»

Raphael tocou no aparelho; as vozes calaram-se.

– Não acho que tenha sido uma má ideia – disse ela –, tentar perceber em que estaria a pensar na altura em que desapareceu. Arne-Sayles indicou-me o que fazer e como atingir um modo de raciocínio pré-racional. Disse-me que, quando o fizesse, veria caminhos à minha volta e disse-me qual deveria escolher. Pensei que se referia a caminhos metafóricos. Foi um pouco um choque quando percebi que não.

– Sim – disse eu. – Matthew Rose Sorensen estava em choque quando chegou inicialmente. Em choque e assustado. Depois, adormeceu e eu nasci. Mais tarde, encontrei entradas no meu Diário que me assustaram.

Pensei que estaria louco quando as escrevi. Mas agora percebo que foram escritas por Matthew Rose Sorensen e que descrevia um Mundo diferente.

– Sim.

– E que o Outro Mundo tem nele coisas diferentes. Palavras como «Manchester» e «esquadra de polícia» não têm sentido aqui. Porque essas coisas não existem. Palavras como «rio» e «montanha» têm sentido, mas só porque essas coisas estão representadas nas Estátuas. Suponho que essas coisas devem existir no Mundo Antigo. Neste Mundo, as Estátuas representam coisas que existiram no Mundo Antigo.

– Sim – disse Raphael. – Aqui pode ver uma representação de um rio e de uma montanha, mas no nosso mundo, o outro mundo, pode ver os verdadeiros.

Isto incomodou-me.

– Não percebo por que diz que só posso ver uma representação neste Mundo – disse eu com alguma frieza. – A palavra «só» sugere uma relação de inferioridade. Faz parecer que a Estátua é de algum modo inferior à própria coisa. Não acho, de todo, que seja esse o caso. Eu diria que a Estátua é superior à própria coisa, sendo a Estátua perfeita, eterna e resistente à decadência.

– Desculpe – disse Raphael. – Não pretendia denegrir o seu mundo.

Houve um silêncio.

– Como é o Outro Mundo? – perguntei.

Raphael olhou-me como se não soubesse muito bem como responder a esta questão.

– Há mais pessoas – disse por fim.

– Muitas mais? – perguntei.

– Sim.

– Tantas quanto setenta? – perguntei, escolhendo deliberadamente um número elevado, altamente improvável.

– Sim – disse ela. Depois, sorriu.

– Porque ri? – perguntei.

– É a forma como me levanta a sobrancelha. Esse olhar duvidoso, algo arrogante. Sabe quem parece quando faz isso?

– Não. Quem?

– Parece Matthew Rose Sorensen. Tenho algumas fotos dele que já vi.

– Como sabe que há mais de setenta pessoas? – perguntei. – Já as contou?

– Não, mas tenho a certeza – disse ela. – Nem sempre é um mundo agradável, o outro mundo. Há muita tristeza. – Fez uma pausa. – Muita tristeza – repetiu. – Não é como aqui. – Suspirou. – Preciso que perceba uma coisa. Se vem comigo ou não, é consigo. Ketterley enganou-o. Manteve-o aqui com mentiras e enganos. Eu não quero enganá-lo. Só virá se quiser.

– E se eu ficar aqui, voltará para me visitar? – disse eu.

– Claro – respondeu ela.

Outras pessoas

ENTRADA PARA O VIGÉSIMO NONO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Desde que me lembro que queria mostrar a Casa a alguém. Costumava imaginar que a Décima Sexta Pessoa estaria comigo e eu diria coisas do género:

Agora, estamos a entrar no Primeiro Salão Setentrional. Observe as muitas belas Estátuas. Á sua direita, verá a Estátua do Velho a segurar o Modelo de Um Barco, à sua esquerda fica a Estátua do Cavalo Alado com o seu Potro.

Imaginei-nos a visitar os Salões Submersos juntos:

Agora, descemos por esta Fenda no Chão; descemos pela Alvenaria caída e entramos no Salão abaixo. Coloque os pés onde coloco os meus e não terá dificuldade em manter o equilíbrio. As Estátuas enormes, características destes Salões, oferecem-nos lugares seguros para nos sentarmos. Observe as Águas negras e paradas. Aqui, podemos colher nenúfares e oferece-los aos Mortos...

Hoje, todos os meus devaneios se tornaram realidade. A Décima Sexta Pessoa e eu caminhámos juntos pela Casa e mostrei-lhe muitas coisas.

Ela chegou ao Primeiro Vestíbulo de manhã cedo.

– Pode fazer-me um favor? – pediu ela.

– Claro – disse eu. – O que quiser.

– Mostre-me o labirinto.

– Com todo o gosto. O que gostaria de ver?

– Não sei – disse ela. – O que me quiser mostrar. O que for mais bonito.

Claro que o que lhe queria mesmo mostrar era *tudo*, mas isso era impossível. Pensei primeiro nos Salões Submersos, mas lembrei-me que Raphael não gostava de escalar e decidi-me pelos Salões de Coral, uma longa sucessão de Salões que se estendem para sul e oeste a partir do Trigésimo Oitavo Salão Oriental.

Caminhámos pelos Salões Meridionais. Raphael parecia tranquila e feliz. (Eu também estava feliz.) A cada passo, Raphael olhava à sua volta com prazer e admiração. Disse:

– É um lugar tão espantoso. Um lugar perfeito. Vi alguma coisa enquanto o procurava, mas tinha de parar constantemente nas portas para escrever as direções de volta à divisão do minotauro. Tornou-se muito demorado e frustrante e, claro, não me atrevi a ir muito longe para o caso de me enganar.

– Não teria cometido erro nenhum – assegurei-lhe eu. – As suas indicações eram excelentes.

– Quanto tempo demorou a aprender? O caminho através do labirinto? – perguntou ela.

Abri a boca para dizer alto e orgulhosamente que sempre o soube, que faz parte de mim, que a Casa e eu não podíamos ser separados. Mas percebi, antes de pronunciar as palavras, que não era verdade. Lembrei-me que costumava marcar os Umbrais com giz, exatamente da mesma forma que Raphael tinha feito, e lembrei-me que costumava ter medo de me perder. Abanei a cabeça.

– Não sei – disse eu. – Não me lembro.

– Há problema se tirar fotos? – Pegou no seu aparelho luminoso. – Ou não...? Não sei, será isso desrespeitoso de alguma forma?

– Claro que pode tirar fotos – respondi. – Tirei fotografias algumas vezes para o Out... para o Dr. Ketterley.

Mas fiquei contente por ela ter feito a pergunta. Mostrava que via a Casa como eu, como alguma coisa merecedora de respeito. (O Dr. Ketterley nunca entendeu isto. Por alguma razão, parecia incapaz de o fazer.)

No Décimo Salão Meridional, fizemos um desvio para o Décimo Quarto Salão Sul-Occidental para mostrar as Pessoas da Alcova a Raphael. Há (como expliquei anteriormente) dez e o esqueleto de um macaco.

Raphael observou-as solenemente. Gentilmente, pousou a sua mão num dos ossos – a tíbia de um dos machos. Foi um gesto que traduzia conforto e tranquilidade. *Não tenhas medo. Estás seguro. Eu estou aqui.*

– Não sabemos quem são – disse ela. – Coitados.

– São as Pessoas da Alcova – disse eu.

– Arne-Sayles, provavelmente, matou pelo menos um deles. Talvez os tenha matado a todos.

Eram palavras solenes. Antes que pudesse decidir como me sentia acerca delas, ela virou-se para mim e disse com grande intensidade:

– Lamento. Lamento, mesmo muito.

Fiquei surpreendido, até um pouco alarmado. Nunca ninguém fora tão amável comigo como Raphael; nunca ninguém tinha feito tanto por mim. Que ela tivesse de pedir desculpa, pareceu-me inapropriado.

– Não... Não... – murmurei e levantei as mãos para me defender das suas palavras.

Mas ela continuou com um ar sombrio e zangado no seu rosto.

– Ele nunca será castigado por tudo o que lhe fez. Ou pelo que lhes fez a eles. Já dei voltas e voltas à cabeça e não há nada que possa fazer. Nada de que ele possa ser acusado. Não sem muitas explicações em que, literalmente, ninguém quererá acreditar. – Suspirou profundamente. – Eu disse que este é um mundo perfeito. Mas não é. Há crimes aqui, como em qualquer lado.

Fui invadido por uma onda de tristeza e impotência. Queria dizer que as Pessoas da Alcova não tinham sido mortas por Arne-Sayles (ainda que não tenha provas para suportar essa afirmação e havia a probabilidade de pelo menos um deles ter sido). Queria sobretudo que Raphael se afastasse deles para que eu pudesse deixar de pensar neles da forma como ela pensava – tendo sido assassinados – e voltar a pensar neles da forma como eu sempre pensei antes – como bons, nobres e em paz.

Continuámos o nosso caminho, parando frequentemente para admirar alguma Estátua particularmente marcante. Os nossos corações voltaram a ficar mais leves e, quando chegámos aos Salões de Coral, refrescámo-nos ao olhar para as suas maravilhas.

Embora os Salões de Coral estejam agora secos, parece que a determinada altura estiveram cobertos com Água do Mar durante um longo período. O coral cresceu aqui, alterando as Estátuas de forma

estranha e inesperada. Pode-se ver, por exemplo, uma Mulher coroada com coral, as suas Mãos transformadas em estrelas ou flores. Há Figuras com chifres de coral, ou crucificadas em ramos de coral, ou presas em setas de coral. Há um Leão enredado numa jaula de coral e um Homem a segurar uma Pequena Caixa. O coral cresceu tão profusamente sobre o seu Lado Esquerdo que metade dele parece estar a ser engolida por chamas vermelhas e cor-de-rosa enquanto a outra metade não está.

No final da tarde, regressámos ao Primeiro Vestíbulo. Mesmo antes de nos separarmos, Raphael disse:

– Adoro o sossego aqui. Não há pessoas!

Disse a última parte como se fosse a maior vantagem de todas.

– Não gosta das pessoas dos seus Salões? – perguntei, intrigado.

– Gosto delas – respondeu ela sem grande entusiasmo. – Acima de tudo, gosto delas. De algumas delas. Nem sempre as percebo. Nem sempre me entendem a mim.

Depois de ela ter ido embora, pensei no que tinha dito. Não consigo imaginar não querer estar com pessoas. (Embora seja verdade que o Dr. Ketterley era, por vezes, irritante.) Lembrei-me como Raphael se tinha perguntado qual das Pessoas da Alcova tinha sido assassinada e como o simples facto de ela ter colocado a questão tinha feito o Mundo inteiro parecer um lugar mais sombrio e triste.

Talvez seja isso que é estar com outras pessoas. Talvez até pessoas de quem se gosta e admira grandemente nos possam fazer ver o Mundo de formas que preferíamos não ver. Talvez seja isso que Raphael quer dizer.

Emoções estranhas

ENTRADA PARA O TRIGÉSIMO DIA DO NONO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Uma vez, escrevi no meu Diário:

Acredito que o Mundo (ou, se quiserem, a Casa, já que os dois são para todos os efeitos idênticos) precisa de um Habitante para Si, para testemunhar a sua Beleza e receber a sua Mercê.

Se eu partir, então a Casa não terá Habitante e como suportarei a ideia dela Vazia?

No entanto, basicamente, se eu permanecer nestes Salões, estarei sozinho. Em certo sentido, suponho que não estarei mais sozinho do que

antes. Raphael prometeu visitar-me, tal como o Outro me visitava antes. E Raphael é realmente minha amiga – ao passo que os sentimentos do Outro em relação a mim eram, no mínimo, contraditórios. Sempre que o Outro me deixava, regressava ao seu próprio Mundo, mas eu não o sabia na altura; pensava que ele estaria simplesmente noutra Parte da Casa. Acreditar que havia mais alguém aqui fazia-me sentir menos só. Agora, quando Raphael regressa ao Outro Mundo, saberei que estou sozinho.

Assim, por esta razão, decidi partir com Raphael.

Devolvi todos os Mortos aos seus lugares estipulados. Hoje, caminhei pelos Salões como tinha feito mil vezes anteriormente. Visitei todas as minhas Estátuas mais queridas e, enquanto olhava para cada uma delas, pensei: *Talvez seja a última vez que olho para o teu Rosto. Adeus! Adeus!* Vou embora

ENTRADA PARA O PRIMEIRO DIA DO DÉCIMO MÊS DO ANO EM QUE O ALBATROZ VEIO AOS SALÕES SUL-OCIDENTAIS

Esta manhã, fui buscar a pequena caixa de cartão com a palavra AQUARIUM e imagem de um polvo estampada. Era a caixa que continha originalmente os sapatos que o Dr. Ketterley me deu. Quando o Dr. Ketterley me disse para me esconder da 16, tirei os ornamentos do cabelo e coloquei-os na caixa. Mas agora, querendo parecer no meu melhor quando entrar no Novo Mundo, passei duas ou três horas colocando-os de novo, todas as coisas bonitas que encontrei ou fiz: conchas, contas de coral, pérolas, pequenas pedras e espinhas de peixe interessantes.

Quando Raphael chegou, pareceu bastante surpreendida com a minha aparência agradável.

Peguei na minha bolsa de tiracolo com todos os meus Diários e as minhas canetas favoritas e caminhámos na direção dos dois Minotauros, no Canto Sul-Oriental. As sombras entre eles brilharam ligeiramente. As sombras sugeriam a forma de um corredor ou de uma ruela com paredes escuras e, no seu final, luzes, flashes de cor em movimento que os meus olhos não conseguiam interpretar.

Lancei um último olhar à Casa Eterna. Tremi. Raphael pegou-me na mão. Depois, juntos, entrámos no corredor.

PARTE 7
MATTHEW ROSE SORENSEN

Valentine Ketterley desapareceu

ENTRADA PARA O DIA 26 DE NOVEMBRO DE 2018

Valentine Ketterley, psicólogo e antropólogo, desapareceu. A polícia investigou e descobriu que, antes do seu desaparecimento, tinha feito algumas compras invulgares: uma arma, um caiaque insuflável e um colete salva-vidas – compras que todos os seus amigos concordaram serem despropositadas: ele nunca tinha mostrado qualquer inclinação para desportos aquáticos.

Nenhum destes artigos foi encontrado em sua casa ou no seu escritório.

A polícia pensa que, possivelmente, ele terá usado o caiaque insuflável para viajar para um local remoto e depois terá utilizado a arma para se matar; mas há um agente, um homem chamado Jamie Askill, que pensa de maneira diferente. Ele acredita que o súbito e inesperado desaparecimento do Dr. Ketterley deve estar ligado de alguma maneira ao súbito e inesperado reaparecimento de Matthew Rose Sorensen. De acordo com a hipótese de Askill, Ketterley terá aprisionado Rose Sorensen algures, da mesma forma que o outrora orientador e tutor ocasional, Laurence Arne-Sayles, aprisionou James Ritter, anos antes. O motivo de Ketterley, segundo Askill, foi o mesmo de Arne-Sayles: fabricar provas da Teoria de Outros Mundos de Arne-Sayles. Ketterley ficou assustado quando a polícia descobriu a ligação entre ele e Rose Sorensen. Confrontado com a possibilidade de ver os seus crimes expostos, Ketterley libertou Rose Sorensen e suicidou-se.

A teoria de Askill tem a vantagem de contabilizar o reaparecimento de Matthew Rose Sorensen ao mesmo tempo – mais ou menos um dia ou dois – que Ketterley desapareceu, o que, de outra forma, seria uma estranha coincidência. Onde a teoria falha é que nem Arne-Sayles nem Ketterley alguma vez usaram os desaparecimentos para provar algo. De facto, durante muitos anos, Ketterley denunciou ferverosamente Arne-Sayles.

Irredutível, Askill já me interrogou duas vezes. É um jovem com um rosto agradável e de boa índole, a cabeça coberta por pequenos caracóis castanhos e uma expressão inteligente. Veste um fato azul-escuro e uma camisa cinzenta e fala com um sotaque de Yorkshire.

– Conhecia Valentine Ketterley? – pergunta ele.

– Sim – respondo. – Visitei-o em meados de novembro de 2012.

Parece satisfeito com a resposta.

– Pouco antes de ter desaparecido – salienta ele.

– Sim – digo eu.

– E onde esteve? – pergunta. – Enquanto esteve desaparecido?

– Estive numa casa com muitas divisões. O mar arrastava-se pela casa. Algumas vezes engoliu-me, mas sempre me salvei.

Askill fez uma pausa e franziu o sobrolho.

– Isso não... Você não... – começa ele. Pensa por um momento. – O que quero dizer é que teve problemas. Uma espécie de esgotamento. Pelo menos, foi o que me disseram. Está a receber tratamento para isso?

– A minha família arranjou-me um psicoterapeuta. Ao que não me opus. Mas recusei a medicação e, até agora, ninguém insistiu.

– Bem, espero que ajude – disse ele, amavelmente.

– Obrigado.

– O que quero saber – disse ele – é se o Dr. Ketterley o persuadiu a ir para algum lado. Ou se o manteve algures contra a sua vontade. E se era livre de ir e vir.

– Sim. Era livre. Ia e vinha. Não permaneci num único lugar. Caminhei centenas, talvez milhares de quilómetros.

– Oh... Oh, *Okay*. E o Dr. Ketterley não estava consigo quando caminhava?

– Não.

– Estava alguém consigo?

Não, estava completamente só.

– Oh. Oh, pois bem.

Jamie Askill está ligeiramente desapontado. Eu também estou, de certa forma: desapontado por tê-lo desapontado.

– Bem – disse ele. – Não lhe quero tomar mais tempo. Sei que já falou com D.S. Raphael.

– Sim.

– Ela é espantosa, não é? Raphael?

– Sim.

– Não me surpreende que o tenha encontrado. Quer dizer, se alguém o fosse encontrar, provavelmente seria sempre ela. – Fez uma pausa. – Claro que ela pode ser um pouco... Quero dizer, ela realmente não... – E gesticula com os dedos no ar tentando encontrar as palavras certas. –

Quero dizer que ela não é necessariamente a pessoa mais fácil no mundo para se trabalhar. E a gestão do tempo? Não é definitivamente a praia dela. Mas honestamente, todos nós a temos em grande conta.

– É correto pensar que Raphael é o máximo – disse-lhe eu. – Ela é uma pessoa extraordinária.

– Exato. Alguém alguma vez lhe falou de Pinny Wheeler?

– Não – respondi-lhe. – Quem ou o que é Pinny Wheeler?

– Um tipo de uma cidade qualquer nas Midlands, onde Raphael começou. Ele era uma pessoa perturbada, com problemas, o tipo de pessoa que acaba por se envolver muito conosco.

– Isso não é bom.

– Pois não. Uma vez, aconteceu algo que o fez explodir e ele subiu à torre da catedral. Entrou numa espécie de galeria e começou a insultar as pessoas dentro da catedral. Ele tinha alguns fardos de jornais velhos e sujos que levava para todo o lado e começou a incendiá-los e a atirá-los para cima das pessoas.

– Que horror.

– Eu sei. Assustador, não é? Quando nós, refiro-me à polícia, lá chegámos, era de noite; tudo sombrio e escuro, com folhas de jornal a arder a esvoaçar por lá e pessoas a correr para todo o lado com extintores de incêndio e baldes de areia. Raphael e outro tipo tentaram apanhar Pinny Wheeler, mas quando estavam na escadaria, que era um espaço muito apertado e confinado, Pinny atirou-lhes uma carga de jornal a arder para cima e parte dele enrolou-se à volta da cara do outro tipo. Então, ele teve de voltar para trás.

– Mas Raphael não voltou – disse eu, com toda a certeza.

– Não, não o fez. Tecnicamente falando, provavelmente devia tê-lo feito, mas não o fez. Quando ela saiu para a galeria, o seu cabelo estava em chamas. Mas, já se sabe, é Raphael. Duvido que ela tenha sequer reparado. As pessoas lá em baixo tiveram de gritar-lhe para apagar o fogo. Raphael sentou-se com Pinny Wheeler e conseguiu que ele parasse de atirar jornais a arder para todo o lado e conseguiu que ele descesse. Bastante corajoso, não acha?

– Mais corajoso do que pensa. Ela não gosta de alturas.

– Não gosta?

– Fazem-na sentir desconfortável.

– Isso não a impede – disse ele.

– Não.

– Graças a Deus, não precisou de fazer nada disso consigo. Quer dizer, não teve de caminhar através de fogo ou o que quer que seja. Foi apenas para a beira-mar. Foi o que me disseram, pelo menos, que ela o encontrou à beira-mar.

– Sim. Eu estava junto ao mar.

– Muitas pessoas desaparecidas aparecem em locais à beira-mar – disse ele. – É o mar, suponho. Tem um efeito calmante.

– Seguramente teve-o em mim – digo eu.

Ele sorriu-me alegremente.

– Excelente – disse ele.

Matthew Rose Sorensen reapareceu

ENTRADA PARA O DIA 27 DE NOVEMBRO DE 2018

A mãe, o pai, as irmãs e os amigos de Matthew Rose Sorensen, todos me perguntam onde estive.

Digo-lhes o que disse a Jamie Askill: que estive numa casa com muitas divisões; que o mar arrastava-se pela casa; e que, por vezes, me engoliu mas sempre me salvei.

A mãe, o pai, as irmãs e os amigos de Matthew Rose Sorensen dizem uns aos outros que se trata de uma descrição de um esgotamento nervoso visto do interior; é uma explicação que consideram plausível e talvez até tranquilizante. Têm Matthew Rose Sorensen de volta – ou assim acreditam. Um homem com o rosto, a voz e a postura dele movimentava-se pelo mundo, e isso é suficiente para eles.

Já não pareço Piranesi. Já não tenho contas de coral ou espinhas de peixe no meu cabelo. O meu cabelo está limpo, cortado e penteado. Estou barbeado. Visto as roupas que me trouxeram do armário onde as irmãs de Matthew Rose Sorensen as tinham guardado. Rose Sorensen tinha um grande número de roupas, todas meticulosamente tratadas. Tinha mais de uma dúzia de fatos (o que acho surpreendente, considerando que os seus rendimentos não eram elevados). Esta paixão por roupas era algo que partilhava com Piranesi. Piranesi escrevia frequentemente sobre as roupas do Dr. Ketterley no seu diário e lamentava o contraste com as suas próprias peças de vestuário esfarrapadas. É aqui, suponho, que sou

diferente de ambos – de Matthew Rose Sorensen e de Piranesi; acho que não me preocupo muito com roupa.

Muitas outras coisas me foram entregues, retiradas do armário, sendo que as mais importantes eram os diários desaparecidos de Matthew Rose Sorensen. Abrangem o período de junho de 2000 (quando era um estudante universitário) até dezembro de 2011. Quanto ao resto dos seus pertences, vou ver-me livre da maior parte deles. Piranesi não suporta ter tantos pertences. *Não preciso disto!*, é a sua constante resposta.

Piranesi está sempre comigo, mas de Rose Sorensen só tenho indícios e sombras. Imagino-o a partir dos objetos que deixou ficar para trás, a partir do que é dito sobre ele por outras pessoas e, claro, a partir dos seus diários. Sem os diários, estaria completamente à toa.

Recordo-me de como este mundo funciona – mais ou menos. Lembro-me do que Manchester e a polícia representam e de como utilizar um *smartphone*. Posso comprar coisas com dinheiro – contudo, continuo a achar que o processo é estranho e artificial. Piranesi detesta dinheiro. Piranesi quer dizer: *Mas se eu preciso da coisa que você tem, porque não ma dá? E depois, quando eu tiver algo de que precisa, simplesmente dou-lha. Isto seria um sistema mais simples e muito melhor!*

Mas eu, que não sou Piranesi – ou pelo menos, não apenas ele –, concluo que isto provavelmente não correria muito bem.

Decidi escrever um livro sobre Laurence Arne-Sayles. Era algo que Matthew Rose Sorensen queria e algo que quero fazer. No final de contas, quem conhece o trabalho de Arne-Sayles melhor que eu?

Raphael mostrou-me o que Laurence Arne-Sayles lhe ensinou: como encontrar o caminho para o labirinto e como encontrar o caminho de volta. Posso ir e voltar quando me apetecer. Na semana passada, apanhei um comboio para Manchester. Fui de autocarro até Miles Platting. Caminhei por uma paisagem sombria de Outono, dirigindo-me a um apartamento num prédio. A porta foi aberta por um homem magro, com ar destrozado, que cheirava fortemente a cigarros.

– O seu nome é James Ritter? – perguntei.

Ele concordou que era.

– Vim para o levar de volta – disse eu.

Guiei-o pelo corredor ensombrado e quando os nobres minotauros do primeiro vestíbulo se ergueram à nossa volta, ele começou a chorar, não

de medo, mas de felicidade. Dirigiu-se imediatamente ao vão por baixo da escadaria onde se sentou; era o local onde costumava dormir. Fechou os olhos e escutou os sons das marés. Quando chegou a altura de partir, implorou-me que o deixasse ficar, mas recusei.

– Não sabe como se alimentar – disse-lhe eu. – Nunca aprendeu. Morreria aqui, se eu não o alimentasse; e não posso assumir essa responsabilidade. Mas trá-lo-ei cá sempre que quiser. E se alguma vez decidir voltar para cá de vez, trago-o comigo.

O corpo de Valentine Ketterley, mágico e cientista

ENTRADA PARA O DIA 28 DE NOVEMBRO DE 2018

O corpo de Valentine Ketterley, mágico e cientista, está a ser limpo pelas marés. Depositei-o num dos salões inferiores, acessível a partir do oitavo vestíbulo e amarrei-o à estátua de um homem meio inclinado. Os olhos da estátua estão fechados, possivelmente está a dormir; grandes cobras e serpentes entrelaçam-se profusamente nos seus membros.

O corpo está dentro de um saco de rede plástica. A malha da rede é suficientemente larga para os peixes enfiarem as suas bocas e as aves os seus bicos; é suficientemente estreita para que nenhum dos ossos menores se perca.

Estimo que, em seis meses, os ossos estarão brancos e limpos. Vou juntá-los e levá-los para o nicho vazio no terceiro salão norte-occidental. Vou colocar Valentine Ketterline ao lado do homem da caixa de biscoitos. No centro, vou dispor os ossos mais compridos, amarrados com cordel. À direita, colocarei o crânio. À esquerda, colocarei uma caixa contendo todos os ossos menores.

O Dr. Valentine Ketterley vai repousar junto dos seus colegas: com Stanley Ovenden, Maurizio Giussani e Sylvia D'Agostino.

Estátuas de novo

ENTRADA PARA O DIA 29 DE NOVEMBRO DE 2018

Piranesi vivia no meio de estátuas: presenças silenciosas que lhe davam conforto e esclarecimento.

Pensei que neste novo (velho) mundo as estátuas seriam irrelevantes. Não imaginava que continuariam a ajudar-me. Quando confrontado com uma pessoa ou situação que eu não entendo, o meu primeiro impulso ainda é olhar para uma estátua que me esclareça.

Penso no Dr. Ketterley e surge-me uma imagem na minha mente. É a memória de uma estátua que se ergue no décimo nono salão norte-ocidental. É a estátua de um homem a ajoelhar-se no seu plinto; ao seu lado, encontra-se uma espada, com a lâmina partida em cinco pedaços. À sua volta, encontram-se outros pedaços partidos, os restos de uma esfera. O homem usou a sua espada para desfazer a esfera porque a queria entender, mas descobre agora que destruiu tanto a espada como a esfera. Isto intriga-o, mas ao mesmo tempo, parte dele recusa aceitar que a esfera está partida e sem valor. Recolheu alguns fragmentos e olha para eles fixamente, na esperança que lhe tragam novo conhecimento.

Penso em Laurence Arne-Sayles e surge-me uma imagem no pensamento. É a memória de uma estátua que fica num vestíbulo superior, de frente para o início de uma escadaria (a que sobe do trigésimo segundo vestíbulo). Esta estátua representa um papa herege sentado num trono. É gordo e inchado. Está refastelado no seu trono, um homem sem forma. O trono é magnífico, mas o volume impressionante da figura ameaça parti-lo em dois. Ele sabe que é repugnante, mas pode ver-se pela sua cara que a ideia lhe agrada. Deleita-se com o pensamento de que é, de alguma forma, chocante. No seu rosto, há um misto de riso e triunfo. *Olha para mim, parece dizer. Olha para mim!*

Penso em Raphael e uma imagem – não, duas imagens, surgem na minha mente.

Na mente de Piranesi, Raphael é representada por uma estátua no quadragésimo quarto salão ocidental. Representa uma rainha numa carruagem, a protetora do seu povo. Toda ela é bondade, delicadeza, sabedoria e maternidade. Essa é a visão de Piranesi de Raphael, porque Raphael o salvou.

Mas eu escolho uma estátua diferente. Na minha mente, Raphael é melhor representada por uma estátua numa antecâmara que fica entre o quadragésimo quinto e o sexagésimo segundo salões setentrionais. Essa estátua representa uma figura a caminhar em frente, segurando numa lanterna. É difícil determinar com alguma certeza o género da figura; a sua aparência é andrógina. A partir da maneira como ela (ou ele) segura a lanterna e perscruta o que está à sua frente, tem-se a sensação que uma escuridão imensa a rodeia; acima de tudo, tenho a impressão de que está

sozinha, seja por escolha própria ou porque mais ninguém foi suficientemente corajoso para a seguir na escuridão.

De todos os milhares de milhões de pessoas neste mundo, Raphael é a que conheço melhor e de quem gosto mais. Entendo muito melhor agora – melhor do que Piranesi alguma conseguiria – o feito magnífico que empreendeu ao vir procurar-me, a magnitude da sua coragem.

Sei que regressa ao labirinto frequentemente. Algumas vezes, vamos juntos; outras, vai sozinha. A calma e a solidão atraem-na grandemente. Aí procura encontrar o que precisa.

Isso preocupa-me.

– Não desapareças – digo-lhe seriamente. – *Não* desapareças.

Ela faz uma expressão arrependida, mas divertida.

– Não desapareço – diz ela.

– Não podemos continuar a salvarmo-nos mutuamente – digo eu. – É ridículo.

Ela sorri. É um sorriso com um pouco de tristeza à mistura.

Mas ainda usa o perfume – a primeira coisa que conheci dela – e ainda me faz pensar na Luz do Sol e em Felicidade.

Na minha mente estão todas as marés

ENTRADA PARA O DIA 30 DE NOVEMBRO DE 2018

Na minha mente, estão todas as marés, as suas épocas, os seus fluxos e refluxos. Na minha mente, estão todos os salões, a sua sucessão interminável, os caminhos intrincados. Quando este mundo se torna demasiado para mim, quando me canso do barulho, da sujidade e das pessoas, fecho os olhos e nomeio para mim próprio um determinado vestíbulo; depois, escolho um salão. Imagino-me a fazer o caminho do vestíbulo para o salão. Fixo com precisão as portas que tenho de atravessar, as direitas e as esquerdas que devo tomar, as estátuas nas paredes por que devo passar.

Ontem à noite, sonhei que estava no quinto salão setentrional em frente à estátua do gorila. O gorila desceu do seu plinto e veio na minha direção, caminhando lentamente sobre os nós dos dedos. Era branco-acinzentado ao luar; e lancei os meus braços à volta do seu pescoço massivo e contei-lhe o quão feliz estava por estar em casa.

Quando acordei, pensei: *Não estou em casa. Estou aqui.*
Começou a nevar

ENTRADA PARA O DIA 1 DE DEZEMBRO DE 2018

Esta tarde, atravessei a cidade, dirigindo-me a um café onde me ia encontrar com Raphael. Eram cerca de duas e meia, num dia que nunca teve realmente luz.

Começou a nevar. As nuvens baixas criaram um teto cinzento para a cidade; a neve abafou o barulho dos carros até se tornar quase rítmico; um som constante, um marulho, como o som de marés que batem sem parar nas paredes de mármore.

Fechei os olhos. Senti-me calmo.

Havia um parque, entrei nele e segui um trilho através de uma avenida de árvores altas e antigas com espaços largos, escuros e relvados de ambos os lados delas. A neve branca caía, peneirada através dos ramos nus de inverno. As luzes dos carros na estrada distante cintilavam através das árvores: vermelhas, amarelas e brancas. Estava muito silencioso. Embora fosse antes do crepúsculo, as luzes da rua lançavam uma luz ténue.

As pessoas caminhavam para cima e para baixo no trilho. Passou um velho por mim. Parecia triste e cansado. Tinha derrames nas bochechas e uma barba branca hirsuta. Enquanto cerrava os olhos no meio da neve a cair, percebi que o conhecia. Está representado na parede setentrional do quadragésimo oitavo salão ocidental. É apresentado como um rei com um pequeno modelo de cidade muralhada na mão, enquanto levanta a outra mão, em jeito de bênção. Queria agarrá-lo e dizer-lhe: *Noutro mundo, o senhor é um rei, nobre e bondoso! Eu vi-o!* Mas hesitei tempo demais e ele desapareceu na multidão.

Passou por mim uma mulher com duas crianças. Uma das crianças tinha uma flauta de madeira nas mãos. Também os conhecia. Estão representados no vigésimo sétimo salão meridional: uma estátua de duas crianças a rir, uma delas a segurar uma flauta.

Saí do parque. As ruas da cidade surgiram à minha volta. Havia um hotel com um pátio com mesas de metal e cadeiras para as pessoas se sentarem em tempo mais clemente. Hoje, estavam cobertas de neve e desoladas. Uma cadeia de arame tinha sido estendido no pátio. Tinha lanternas de papel penduradas nos arames, esferas de laranja vivo que assobiavam e tremiam com a neve e com o vento fraco; as nuvens cinzentas corriam no céu e as lanternas cor de laranja tremiam na direção delas.

A Beleza da Casa é imensurável; a sua Bondade é infinita.